

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

Ricardo Rodrigues de Assis

**ANÁLISE DE DISCURSO RELIGIOSO:
mecanismos acionados por líderes religiosos nas pregações em programas de
televisão**

**Juiz de Fora
Fevereiro de 2018**

Ricardo Rodrigues de Assis

**ANÁLISE DE DISCURSO RELIGIOSO:
mecanismos acionados por líderes religiosos nas pregações em programas de
televisão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra

**Juiz de Fora
2018**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Assis, Ricardo Rodrigues de .

ANÁLISE DE DISCURSO RELIGIOSO : mecanismos acionados por líderes religiosos nas pregações em programas de televisão / Ricardo Rodrigues de Assis. -- 2018.

171 f. : il.

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós Graduação em Comunicação, 2018.

1. Religião. 2. Miatização. 3. Televisão. 4. Análise de Discurso.
I. Guerra, Márcio de Oliveira, orient. II. Título.

Ricardo Rodrigues de Assis

**ANÁLISE DE DISCURSO RELIGIOSO:
mecanismos acionados por líderes religiosos nas pregações em programas de
televisão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Aprovada em _____ de _____ de 2018, pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra – Orientador

Prof. Dr. José Luiz Ribeiro – Convidado

Profa. Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho – Convidada

Conceito obtido: _____

Juiz de Fora
2018

Às minhas amadas Cida e Elvira, mãe e avó, que ao longo da vida despertaram em mim o fascínio e o respeito pelas diferentes formas de observar o sagrado.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Juiz de Fora, por me permitir mais uma conquista e por persistir, mesmo em tempos sombrios, na promoção de educação pública e de qualidade.

Ao Márcio Guerra, meu amigo, orientador e exemplo de profissional com quem tenho o prazer de trabalhar e aprender todos os dias, com a intensidade que exige o ofício de ser jornalista.

Aos colegas e professores do PPGCom, que essa experiência me proporcionou conhecer e admirar.

Aos professores Márcia Falabella e José Luiz Ribeiro por terem contribuído imensamente na banca de qualificação.

Aos queridos Iluska Coutinho e José Luiz Ribeiro por gentilmente comporem a banca de avaliação deste trabalho.

Aos meus pais, Aparecida e Helvécio, e ao meu irmão, Daniel, que sabem o quanto esta etapa foi importante. Divido com vocês!

Ao Jairo, por compartilhar comigo TODOS os momentos, incentivando, cedendo, compartilhando, contribuindo, e sempre enxergando além. Você é minha bússola. Muito obrigado, meu amor!

Ao meu amado afilhado Miguel, parte fundamental da minha vida.

Aos colegas e professores da Especialização em Ciência da Religião, por adequarem comigo o foco do olhar sobre a Religião.

A Deus, que É.

“E aqueles que foram vistos
dançando foram julgados insanos
por aqueles que não podiam
escutar a música”.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

Esta pesquisa se refere à investigação de um campo surgido na interface entre mídia e religião e tem por objetivos apontar os mecanismos discursivos acionados por algumas lideranças religiosas em suas pregações em programas abertos de televisão, além de compreender as possíveis similitudes e diferenças desses mecanismos. Esse contato entre campos simbólicos aparentemente distintos (FOUCAULT, 1979; BOURDIEU, 1989) permite a reconfiguração de ambas as esferas, a religiosa e a midiática (ASSMANN, 1986, CUNHA, 2002, 2007), considerando o sujeito em questão, fiel, inserido na concepção neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016). Assim, utilizou-se a Análise de Discurso de filiação Francesa, no que diz respeito, sobretudo, aos conceitos de formação discursiva, enunciado e cena enunciativa e formação de sentido (ORLANDI, 1987, 1996, 2005, 2009; MAINGUENEU, 2015) a fim de analisar os referidos discursos proferidos pelos líderes religiosos, quais sejam, Divaldo Pereira Franco, espírita; Valdemiro Santiago, neopentecostal; e Padre Marcelo Rossi, católico, em seus programas, respectivamente, “Conversando com Divaldo”, “culto Dominical do Poder de Deus” e “Santa Missa com Padre Marcelo”. Considerou-se, também, os dizeres estruturantes não-verbais, como gestual, vocal e movimentação de câmera, no intuito de melhor compreender o discurso em seu contexto televisivo. Os levantamentos apontam para núcleos discursivos em comum, principalmente quando se observam as possibilidades midiáticas, e para certos desvios discursivos, ao se atentar para o caráter religioso inerente a cada programa em questão.

Palavras-chave: Religião. Mídia. Televisão. Análise de Discurso.

ABSTRACT

This research refers to the investigation of a field arisen in the interface between media and religion and aims to point out the discursive mechanisms engaged by some religious leaders in their preaching in open television programs, besides understanding the possible similarities and differences of these mechanisms. This contact between seemingly distinct symbolic fields (FOUCAULT, 1979; BOURDIEU, 1989) has allowed the reconfiguration of both religious and media spheres, (ASSMANN, 1986, CUNHA, 2002, 2007), considering the subject in question, faithful, inserted in the neoliberal conception (DARDOT; LAVAL, 2016). Thus, we have used the Discourse Analysis from French affiliation, with respect, above all, to the concepts of discursive formation, enunciation and enunciative scene and formation of meaning (ORLANDI, 1987, 1996, 2005, 2009; MAINGUENEU, 2015) in order to analyze the mentioned discourses given by the religious leaders, namely, Divaldo Pereira Franco, Spiritist; Valdemiro Santiago, Neopentecostal; and Father Marcelo Rossi, Catholic in their programs, respectively, "Talking to Divaldo", " Power of God Sunday Service " and "Holy Mass with Father Marcelo". Nonverbal structuring words, such as gestural, vocal and camera movement, were also considered in order to better understand the discourse in its television context. The surveys have pointed to discursive nuclei in common, especially when one observes the media possibilities, and to certain discursive deviations, when paying attention to the religious character inherent to each program in question.

Keywords: Religion. Mediatization. Television; Discourse Analysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 sobre a importância da TV.....	10
Figura 2 - Pesquisa Ancine sobre presença de programas religiosos na TV.....	11
Figura 3 - Relação número de fiéis, escolaridade e renda.....	12
Figura 4 - Posicionamento de câmeras.....	67
Figura 5 - Plano Geral Divaldo e entrevistadora.....	67
Figura 6 - Plano Americano Divaldo.....	67
Figura 7 - Plano Americano Valdemiro.....	80
Figura 8 - Plano Geral Valdemiro.....	81
Figura 9 - Panorâmica Valdemiro.....	81
Figura 10 - Plano Detalhe pregação Valdemiro.....	81
Figura 11 - Recurso “split-screen” Valdemiro.....	82
Figura 12 - Plano Americano Padre Marcelo.....	94
Figura 13 - Plano Americano Dom Fernando.....	95
Figura 14 - Plano Americano Padre Marcelo e Dom Fernando.....	95
Figura 15 - Panorâmica programa Padre Marcelo.....	95
Figura 16 - Plano geral Padre Marcelo.....	96
Figura 17 - Plano detalhe da hóstia.....	96

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	17
2.1 Universo sagrado, fenômeno religioso e pensamento coletivo	17
2.2 Identidades, fundamentalismo religioso e globalização	20
2.3 Campo simbólico e as relações de poder	24
2.4 Religião e economia	27
2.5 A interface mídia e religião	30
2.6 Religião, TV e espetáculo	38
2.7 Aspectos comunicacionais na televisão	48
3 METODOLOGIA DE PESQUISA: ASPECTOS CONSTITUTIVOS DA ANÁLISE DE DISCURSO	51
3.1 O discurso	51
3.2 Quadro teórico de referência para pesquisa	53
3.3 O discurso religioso e suas especificidades	58
4 O DIVINO NO MOVIMENTO DAS DISCURSIVIDADES.....	62
4.1 “Conversando com Divaldo Franco”	62
4.2 “Culto Dominical do Poder de Deus”	76
4.3 “Santa Missa com Padre Marcelo”	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	109
ANEXO: TRANSCRIÇÃO DOS PROGRAMAS RELIGIOSOS	117
ANEXO A: PROGRAMAS “CONVERSANDO COM DIVALDO FRANCO”	118
ANEXO B: PROGRAMAS “CULTO DOMINICAL DO PODER DE DEUS”	145
ANEXO C: PROGRAMAS “SANTA MISSA COM PADRE MARCELO”	159

1 INTRODUÇÃO

A escolha da televisão, com ênfase nos programas religiosos, como corpus para análise neste trabalho, justifica-se pelos dados levantados pela Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 sobre hábitos de consumo de mídia pela população brasileira, divulgados em 30 de dezembro de 2016 pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Mesmo diante do crescimento de outros meios de comunicação, a TV ainda se apresenta como aquele mais utilizado pelos brasileiros, num tempo médio em horas diárias que pode alcançar três horas e vinte e um minutos, apontando para a obtenção de informação como seu principal uso – 63%. Outros dados permitem o delineamento de um provável público-alvo dos programas religiosos: na medida em que ganham espaço na TV aberta e/ou via antena parabólica, atingem majoritariamente mulheres, com menor escolaridade e acima de 65 anos.

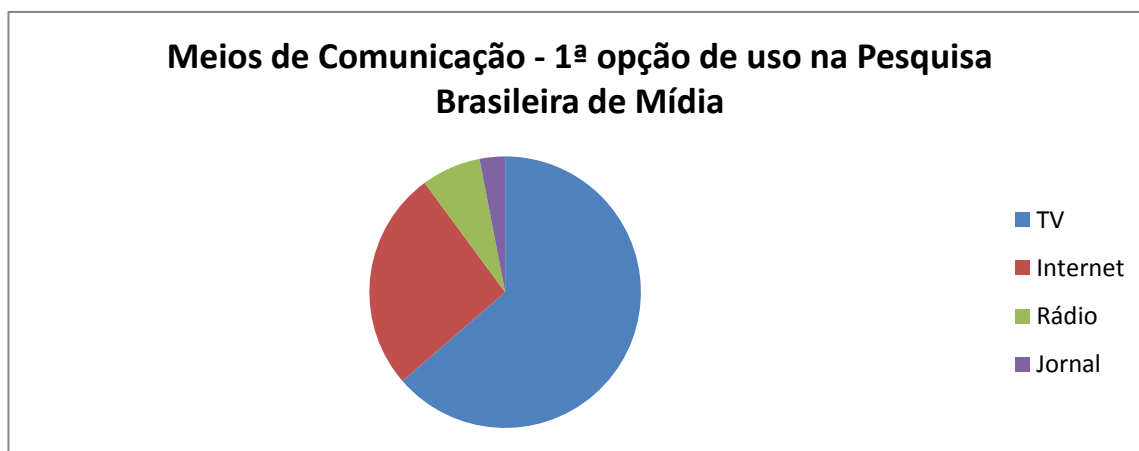


Figura 1 - Gráfico Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 sobre a importância da TV
Fonte: Confeccionado pelo próprio autor com base em dados da pesquisa sobre Mídia 2016

O aumento da participação dos programas religiosos na TV aberta no Brasil é outro ponto a ser avaliado. De acordo com o Informe Anual 2016, da Superintendência de Acompanhamento de Mercado da Agência Nacional do Cinema (Ancine), divulgado no mês de junho de 2017 pelo Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual (OCA), o gênero religioso mais uma vez lidera a participação na programação dos canais abertos, com 21,2% de presença. A pesquisa considerou o

período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2016 e o gênero religioso foi classificado na categoria “Outros”. Analisando a série temporal disponibilizada na pesquisa (2012-2016), constata-se o aumento crescente de 7,6% nos últimos cinco anos. O Informe aponta o tempo total de 16.758 horas e 37 minutos destinado aos programas de cunho religioso na TV aberta brasileira em 2016. A pesquisa também define o programa do gênero religioso na televisão como aquele que consiste na transmissão ao vivo ou gravada de cultos, missas e outros encontros ou rituais religiosos. Normalmente produzido no próprio templo ou em auditório com público presente, “sua audiência é formada por fiéis que cantam hinos, fazem orações, produzindo manifestações espontâneas ou conforme solicitadas pelo apresentador, seja ele pastor, padre ou outro tipo de líder religioso” (ANCINE, 2017, p.67).

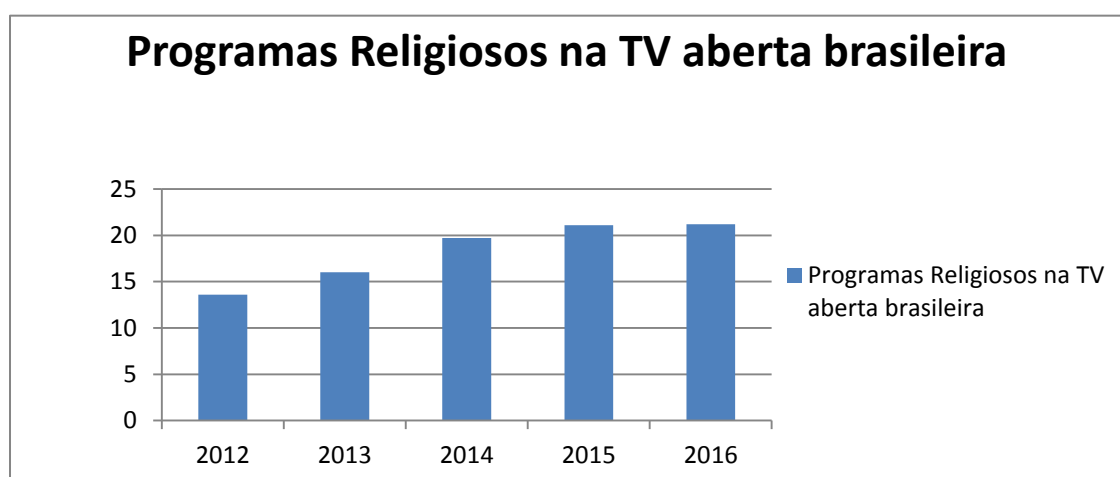


Figura 2 - Pesquisa Ancine sobre presença de programas religiosos na TV

Fonte: Confeccionado pelo próprio autor com base em pesquisa OCA

Segundo o Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), das três vertentes religiosas cristãs que formam o corpus desta análise (católica, evangélica e espírita), somente o catolicismo sofreu queda de 73,6% (Censo 2000) para 64,6% (2010), com média de idade entre os fiéis superior a 40 anos. Segundo a pesquisa, a proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária entre as demais religiões cristãs. Verificou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010, com idade média de 27 anos. Já o percentual de espíritas aumentou de 1,3% em 2000 para 2,0% em 2010, com idade mediana de 37 anos. Os espíritas são os que apresentaram mais elevados indicadores de nível de escolaridade, contabilizando 31,5% com nível superior completo e 98,6% de

taxa de alfabetização, diferente do que se observa entre católicos e evangélicos com taxas de ensino fundamental incompleto de 39,8% e 42,3%, respectivamente. No que tange à renda, na proporção de até um salário mínimo, 63,7% são evangélicos, 55,8%, católicos e 11,7% são espíritas, que se destacam entre os demais como o grupo majoritário no que diz respeito à renda acima de cinco salários mínimos (19,7%). Nos últimos 10 anos, manteve-se estável a proporção de cristãos, o que pode indicar uma migração de católicos para as outras correntes cristãs, justificando parte do aumento percentual de evangélicos e espíritas.

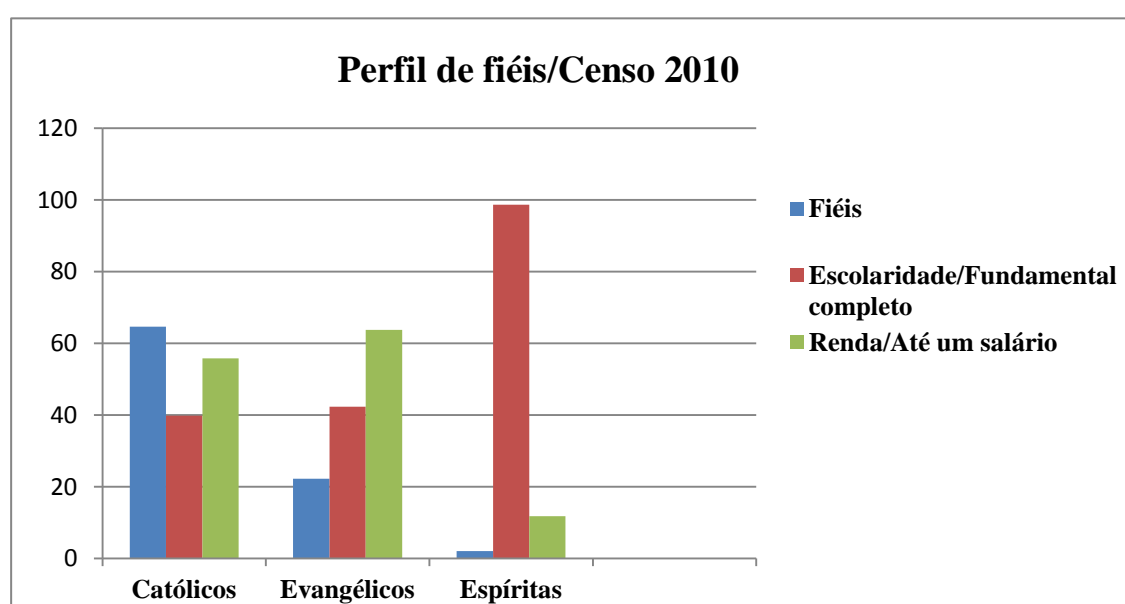


Figura 3 - Relação número de fiéis, escolaridade e renda

Fonte: Confeccionado pelo próprio autor com base em dados Censo 2010/IBGE

Ao comparar os dados das três pesquisas, percebe-se como a esfera religiosa vem investindo no espaço televisivo, já que esse meio ainda é o de maior abrangência e alcance no Brasil. Essas análises, portanto, sustentam a importância da investigação do fenômeno surgido pela interface entre mídia e religião, levando em consideração o número de adeptos de cada vertente, escolaridade e renda, mostrando possíveis cenários que justifiquem o aumento do tempo destinado à propagação religiosa na TV ao longo dos anos no país.

Partindo das possibilidades de análise oferecidas pela religião, tomou-se, nesta pesquisa, a alternativa de entender os mecanismos discursivos comunicacionais utilizados por líderes religiosos em suas pregações em programas dominicais na

televisão. A escolha do tema justifica-se por oferecer a possibilidade de analisar, ao mesmo tempo, religião e comunicação, dois assuntos que têm se mostrado muito próximos, uma vez que as religiões têm investido na construção de eficientes redes midiáticas. Com a proliferação desses programas na televisão em diferentes religiões, percebe-se o quanto esse veículo de mídia desperta o desejo dos líderes religiosos em utilizá-lo (Cunha, 2002). Entender o porquê dessa escolha também norteia e justifica esta pesquisa.

No campo religioso, percebe-se a existência de disputas cada vez mais acirradas também em razão da busca de poder simbólico (Bourdieu, 1989) que, ao adentrar o cenário oferecido pela mídia, é potencializado. Ao mesmo tempo, com o alcance cada vez maior do campo midiático, as instituições religiosas recorrem ao poder representativo propiciado pela mídia para estabelecer essa disputa. Nesse sentido de mão dupla, a busca por poder pelos líderes religiosos transita entre esses campos sociais, tendo uma recorrência cada vez maior aos veículos de comunicação, em especial à TV.

Diante disso, a presente pesquisa se propõe a analisar três programas televisivos religiosos, quais sejam, “Santa Missa com Padre Marcelo”, exibido pela Rede Globo, católico; “Conversando com Divaldo Franco”, transmitido pela TV Mundo Maior¹, espírita; e o “Culto Dominical do Poder de Deus”, veiculado pelo canal 32 UHF, evangélico neopentecostal.

O material empírico constitui-se da gravação de três edições (uma gravação por semana, nos domingos 25 de setembro, 2 de outubro e 9 de outubro de 2016)² de cada programa religioso citado, a fim de se observar e analisar e as questões discursivas e a conseqüente ordenação de dados empíricos necessários para a execução desta pesquisa. Desse corpus, apenas uma sequência de aproximadamente 15 minutos de pregação será considerada para análise, já que apresentações musicais, por exemplo, não cabem na análise discursivas dos líderes religiosos.

O programa de entrevistas de vertente espírita, apresentado por Divaldo Pereira Franco, deixou de ser gravado em 2008, no entanto, a TV Mundo Maior, detentora dos direitos autorais, mantém as entrevistas em sua grade de programação. O acervo conta com aproximadamente 30 edições e as entrevistas também estão

¹ Emissora fundada em 2006, com programação em formato de talkshows, dramaturgia, musical, jornalístico e infantil, disponível em sinal aberto, parabólica ou Internet.

² Disponíveis no site www.youtube.com.

disponíveis no site da emissora, no qual o internauta tem a possibilidade de assistir ao líder espírita escolhendo dentre os temas abordados nos dois anos em que o programa foi exibido.

No programa liderado por Valdemiro Santiago, o recorte para análise foi feito num universo amostral de três horas. O programa permanece no ar, entre pregações, apresentações musicais e depoimentos de cura e milagres durante quase todo o dia. No caso católico, em função da missa obedecer à liturgia, delimitou-se um recorte de aproximadamente 18 minutos, para que os momentos de fala espontânea pudessem ser captados em sua integralidade. Ainda sobre o programa católico, deve-se registrar que a “Santa Missa com Padre Marcelo” é apresentada pelo Padre Marcelo Rossi em parceria com Dom Fernando Figueiredo, bispo diocesano de Santo Amaro, cidade na qual o programa é gravado e de onde é transmitido. Na maior parte do tempo de pregação, o discurso é proferido pelo bispo e não pela figura midiática mais conhecida, Padre Marcelo Rossi. Os possíveis apontamentos sobre esse fato serão apresentados ao longo desta pesquisa.

O corpus foi analisado a partir da concepção de que a enunciação dos líderes religiosos, do ponto de vista discursivo, não representa apenas o que é dito/enunciado. Cabe mencionar que esse processo faz parte de uma construção social que rompe com a ilusão de naturalidade, principalmente quando atravessa o prisma da História, Psicanálise e Linguística, formando o tripé que é base da Análise de Discurso Francesa (Orlandi, 2015).

Esta pesquisa objetiva compreender de que maneira os líderes religiosos, expoentes das vertentes religiosas que representam, se utilizam dos recursos discursivos para propagar as ideias e crenças pregadas pela religião; verificar se o caráter predominante nos discursos dos líderes religiosos apresenta cunho proselitista ou fidelizador; mapear os pontos de convergência e de divergência (proximidade ou distanciamento), no que diz respeito ao discurso e ao uso de recursos midiáticos nos programas.

A pesquisa parte da hipótese de que os líderes religiosos se apropriam dos recursos, técnicas e artifícios de espetacularização da mídia de mercado, inserida no contexto da Indústria Cultural (Morin, 1997) para alcançar, por meio do discurso, um mercado de consumidores-fiéis. Nesse sentido, percebe-se, a priori, a presença de um elo entre mídia e discurso diferente para cada religião que se apresentaria midiaticamente de forma particular e específica.

A escolha dessas três vertentes religiosas se dá pelo fato de que compõem a quase totalidade dos programas religiosos disponíveis atualmente na TV brasileira, (católicos, evangélicos e espíritas), segundo dados apontados pela Ancine. As três religiões guardam diferenças significativas, o que enriquece a pesquisa e contribui para os resultados pretendidos. Porém, essas vertentes formam a identidade declarada da população, haja vista a invisibilidade das religiões de matriz africana, notadamente o candomblé nos dados aferidos pelo instituto. Uma das possíveis razões é que o Censo 2010 apresentou, em seu questionário, apenas a opção “Umbandista” ou “Espírita”, duas das denominações mais comumente declaradas por adeptos candomblecistas. Na ocasião, os recenseadores não mencionavam as alternativas, classificando a religião dos entrevistados de acordo com o que se autodeclaravam ou por meio da livre interpretação dos entrevistadores. Outro ponto está ligado ao preconceito sobre as religiões africanas que, associado ao fato de não serem proselitistas, influencia no (não) uso dos aparatos midiáticos para propagação de sua ideologia, fazendo com que sobrevivam no anonimato.

Assim, no segundo capítulo, apresenta-se um arcabouço teórico capaz de contemplar a abrangência da interface entre religião e campos simbólicos. Dessa forma, trata-se da abordagem sociológica que envolve o direcionamento desta pesquisa; das relações de poder percebidas; do recorte identitário; dos contatos entre religião e economia; das especificidades entre mídia e religião; da projeção alcançada pelos programas religiosos quando adentram a esfera da espetacularização; dos aspectos comunicacionais relacionados à televisão.

No terceiro capítulo, são feitos os apontamentos referentes à metodologia de pesquisa, delimitando a Análise de Discurso como instrumento que visa a compreender os sentidos ligados aos discursos formados, neste corpus, pelos elementos verbais e não-verbais. Dessa forma, pela materialidade em questão, conceitos necessários são apresentados dentro do amplo espectro da Análise de Discurso, oferecendo a base teórica para a análise propriamente dita dos discursos religiosos.

No quarto capítulo, são apresentadas conceituações históricas sobre cada uma das vertentes religiosas postas sob investigação. Na sequência, analisa-se discursivamente cada uma, observando a transcrição dos programas mencionados, levando-se em consideração, sobretudo, o desempenho dos líderes religiosos e o consequente contato com o aparato midiático.

Nas considerações finais apresentam-se os apontamentos quanto aos resultados perceptíveis nesta pesquisa, como a complexidade nas relações identitárias, determinantes para compreensão das relações de poder que regem o campo religioso. Outros fatores aferidos sinalizam diferenças e similitudes entre católicos, espíritas e neopentecostais quanto à adequação discursiva ou midiática, mesmo que o foco não seja a comparação. A hipótese da qual partiu este trabalho também é analisada nesse último momento.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo serão abordados os aspectos sociológicos que definem a religião como parte estruturante de um processo funcionalista, defendido principalmente por Émile Durkheim e Max Weber, além de retratar aspectos fenomenológicos analisados por Rudolf Otto a fim de compreender, de forma mais abrangente, os mecanismos formadores do fenômeno religioso. A partir de tais considerações, serão analisadas desde os aspectos históricos da formação da matriz religiosa brasileira até a expansão da globalização e o conseqüente fundamentalismo religioso, utilizando para isso as bases constitutivas da identidade brasileira. As relações envolvidas nas esferas de poder simbólico extrapolam o campo religioso e adentram o midiático, na medida em que os programas religiosos ganham o espaço televisivo, caracterizado por suas especificidades de linguagem e técnica que contribuem para o processo interacional.

2.1 Universo sagrado, fenômeno religioso e pensamento coletivo

Dentre todos os fenômenos que o homem pôde conhecer e vivenciar no decorrer dos séculos, desde épocas remotas até a presente era da informação digital e suas interfaces, há um que, por sua universalidade e permanência histórica, se destaca: o fenômeno religioso. A busca pelo entendimento da transcendência pode ser observada no cotidiano das pessoas para superar sua natureza humana, muitas vezes entendida e interpretada como mundana, profana, e alcançar os patamares tidos como superiores, sagrados. Para alguns, esse fenômeno ocorre por meio da religião, que formaria um elo oficial entre o homem e o divino.

Segundo Marchi (2005), o sagrado se constrói na expressão da relação constitutiva da consciência humana com o mundo que a envolve. O que está em causa na noção de sagrado é o próprio enraizamento da consciência no interior de um mundo que a transcende. Para Otto (1992), o sagrado é uma categoria de interpretação e avaliação a priori e, como tal, somente podemos remetê-la ao contexto religioso. Na visão de Adriani (1998), a imersão nesse mundo transcendental é tão antiga quanto a

própria história da humanidade. Ele aponta o sepultamento como um dos indícios mais remotos de prática relacionada à religiosidade do homem pré-histórico, ritual revelador da preocupação com a vida após a morte.

De acordo com Eliade³ (2001), a religião estaria ligada à experiência do sagrado que, por sua vez, estaria conectado a tudo aquilo que transcende, que está além do que pode ser visto. Todas as coisas – objetos, pessoas, elementos da natureza – que carregam significados diferentes do que materialmente representam, podem ser classificadas como sagradas. Uma pedra e uma árvore, por exemplo, podem se tornar sagradas, não por suas características concretas, mas pelo valor outro (valor de culto) que se dispensa a elas. Dessa forma, o autor conceitua o termo hierofania como essa transposição de sentidos e valores sagrados de uma divindade⁴ própria de quem o cultua. Assim, as religiões seriam diferentes pelo contexto cultural onde uma hierofania é percebida e interpretada, mas não deixariam de ter um princípio comum.

Não se trata da veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque revelam algo que já não é pedra nem árvore, mas o sagrado (ELIADE, 2001, p. 18).

A concepção de profano, de acordo com Eliade (2001), é o oposto da definição de sagrado e engloba todo o conceito do universo mundano, meramente humano, dessacralizado, ou seja, sem cunho sagrado. Essa ideia traz em sua acepção o significado das “coisas” que estão literalmente de acordo com sua representatividade, conferindo a elas o que exatamente são, livres de quaisquer outras interpretações ou significados subjetivos. Formam-se, assim, duas esferas de sentido intocáveis e antagônicas no bojo da essência religiosa que contribuem para que a alteridade (bem e mal, por exemplo) seja um dos elementos presentes nas religiões.

De acordo com Rudolf Otto (1992), o fenômeno religioso é entendido como o sentimento sagrado que parte da concepção de Deus como algo que desperta o *mysterium tremendum*, ou seja, uma sensação de perplexidade e pavor diante da percepção divina que provém de uma superioridade de poder intraduzível e encontra, no temor religioso diante do mistério, a condução à plenitude do ser.

³ Autor que, juntamente com Rudolf Otto, formam os expoentes da Escola Fenomenológica, assim definida e entendida principalmente pela Sociologia e Ciência da Religião.

⁴ Essa acepção de “deus” como ponto de projeção de sacralidade, assim como dimensionou Mircea Eliade, representada por todo e qualquer tipo de sentido (pessoas, animais ou objetos), é a que tomaremos ao longo da abordagem desta pesquisa.

Émile Durkheim (1989), um dos representantes da Escola Sociológica Francesa⁵ sobre teoria e origem da religião, não aponta um marco ou um momento específico em que a religião tenha começado a existir, ao contrário, busca encontrar meios de discernir causas de que dependem as formas mais essenciais do pensamento e da prática religiosa, voltando às origens desta prática. A própria noção de tempo, por exemplo, o qual se convencionou mensurar de forma objetiva, em horas, dias ou anos, corresponde à periodicidade dos ritos, das festas, das cerimônias públicas tidos como fenômenos religiosos. Para Durkheim, a melhor compreensão desse fenômeno se torna possível no momento em que se parte para uma observação dos pontos comuns entre as religiões presentes em todos os lugares, em diferentes momentos da história, nos mais simples e antigos ou nos mais refinados e recentes.

Assim, para o sociólogo francês, a melhor maneira de entender a fenomenologia religiosa é analisar o seu cerne, sua raiz, que seria possível através das religiões consideradas ancestrais, sobre as quais Durkheim dedicou seus estudos. Ele concluiu que as religiões de tribos aborígenes da Austrália carregam os elementos de uma religiosidade mais antiga – ritos, magia, deuses, demônios, sacrifícios, alma, espírito, dentre outros – que guardam pontos comuns às religiões atuais. Sobre a classificação do fenômeno religioso e de seus pontos comuns, Durkheim afirma que

A religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos. Então, se as categorias são de origem religiosa, devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: também elas seriam coisas sociais, produto do pensamento coletivo (DURKHEIM, 1989, p. 38).

Assim, a visão sociológica durkheimiana, além de enxergar a religião como uma categoria funcionalista, admite essa funcionalidade voltada para a manutenção da relação entre indivíduo e sociedade, a chamada “coesão social”, um conjunto de regras e comportamentos que são socialmente compartilhados e que regem a sociedade, estruturando-a. Nessa perspectiva, ao analisar a contribuição de Durkheim para a Sociologia da Religião, Sanchis (2011) traz apontamentos sobre o caráter não

⁵ Émile Durkheim é considerado o pai ou mentor intelectual do que ficou conhecida como Escola Sociológica Francesa. Criada no contexto da grande revolução das ciências na França e na Europa tinha no Iluminismo, na racionalidade e na cientificidade alguns de seus suportes teóricos. Em Durkheim a sociologia francesa tem tanto o mentor metodológico (com a fixação do que eram os fatos sociais e como analisá-los) quanto o seu mentor teórico (no que se refere a publicações de livros ilustrando o funcionalismo).

excludente e, ao mesmo tempo, diferenciado entre o sagrado e o religioso que reafirma a importância da coesão social. Para o autor, os termos poderiam se articular dialeticamente, pois, além de suas necessárias funções mantenedora e reafirmadora, revelaria sempre a possibilidade de ressurgência de um sagrado novo, redimensionado.

Nesta pesquisa, essa abordagem fenomenológica será considerada, já que a religião também é entendida como instância subjetiva e, mesmo para observá-la enquanto ciência e objeto midiático, a redução do fenômeno a um caráter unicamente funcionalista restringiria a compreensão dos mecanismos estratégicos utilizados por líderes religiosos.

Na próxima seção, serão abordadas as diversas formações identitárias religiosas brasileiras constituídas em um contexto marcado pela desigualdade social.

2.2 Identidades, fundamentalismo religioso e globalização

Segundo Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH), elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU), divulgado em 2017, o Brasil era o décimo país mais desigual do mundo e essa face sofrida de uma população carente do mínimo necessário para viver é mostrada à exaustão em programas religiosos de auditório na TV, veiculados em canais abertos pelo país. Esse aglomerado de desempregados, doentes, viciados, endividados – os considerados “fracassados” –, recorrem ao sagrado como última instância, no afã de sanar conflitos do corpo e da alma, delineando o perfil dos chamados “fiéis”, seguidores de padres, pastores e palestrantes religiosos.

Historicamente, segundo Bittencourt Filho (2003), o Brasil possui, enquanto cerne religioso, aquilo que denominou de “matriz religiosa brasileira” formada, num primeiro momento, pelo contato dos colonizadores europeus católicos que aqui encontraram a religiosidade ameríndia⁶ e, posteriormente, as religiões africanas, desembarcadas com os negros africanos escravizados .

⁶ Para esta pesquisa, toma-se essa nomenclatura para designar a forma como os índios no Brasil se relacionavam com elementos sagrados, posto que a concepção da palavra “religião” traz em seu cerne a ideia pré-concebida de Deus, o que, na teoria, não se aplica aos ameríndios.

Assim, na prática colonial religiosa brasileira, mesclavam-se elementos católicos, negros, indígenas, tecendo uma religiosidade deveras original. Não tendo outra alternativa, a Igreja tolerava e mesmo incentivava os processos sincréticos, muito embora tentasse impor-lhes limites (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 49).

Para o autor, a matriz vem sendo reordenada, no entanto, sem perder as características iniciais, muito presentes e, de certa forma, já enraizadas na cultura brasileira. Em sua análise, Bittencourt Filho pondera que, a partir das considerações sobre a matriz religiosa brasileira e sobre os três elementos constituintes dessa ideia, base religiosa fundante, mesmo depois de mais de quinhentos anos, ainda se pode senti-la nas origens das formas de crença e em suas mutações.

Em síntese, a partir destas considerações, podemos arriscar uma equação: o sucesso de uma proposta no campo religioso brasileiro seria diretamente proporcional ao seu comprometimento, explícito ou implícito, com a Matriz Religiosa Brasileira (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 44).

Em contrapartida, quando essas formas identitárias, de uma forma geral, não são tão intercambiáveis, explicada por uma série de fatores que não concerne a esta pesquisa, vivencia-se uma ameaça à identidade que pode se tornar violenta e vários são os exemplos que historicamente comprovam tal risco. Para Hall (2014), o fundamentalismo religioso surge das tentativas de recompor a coesão e a tradição diante à diversidade e ameaça trazidas pelos contatos híbridos. Segundo Teixeira (2014), o fenômeno do fundamentalismo implica a ideia de uma “tradição sitiada”, de uma identidade ameaçada e há sempre uma referência do fundamentalismo à reação aos reflexos da contemporaneidade.

O fundamentalismo religioso traduz um temor disseminado contra os ventos modernizantes do processo de pluralização. A grande abrangência da pluralização e sua disseminação incontrolada provocam desorientação em muitas pessoas e comunidades, que sentem perder o chão firme da tradição, que lhes proporcionava firmeza e segurança. Em razão da condição de incerteza permanente provocada pela pluralidade, que desestabiliza o mundo autoevidente das crenças e convicções, muitos tendem a buscar o seu apoio nos projetos restauradores de sentido, que convocam com vigor os absolutismos encrustados no mundo das tradições (TEIXEIRA, 2014, p. 103).

Sob esse viés, pode-se tentar explicar as razões pelas quais se estabelecem o fundamentalismo religioso, em sua versão mais culturalmente enraizada e por meio da qual se tenta disfarçar a intolerância religiosa. Esse fundamentalismo, apontado por

Silva (2007) como fruto da chamada “cruzada proselitista”, ganhou visibilidade com o episódio emblemático, narrado por Martino (2003), em que um pastor chutou a imagem de uma santa católica, causando indignação e uma batalha simbólica sem precedentes⁷.

Deve-se destacar ainda que o fenômeno da globalização, entendido nessa abordagem como uma expansão mercadológica observável no ocidente a partir do surgimento da rede mundial de computadores (Internet), acentuou o cunho fundamentalista do sentimento religioso. Para Bauman (1999), os processos de globalização não têm a unidade de efeitos que se supõe comumente, podendo, ao contrário, despertar sentimentos antagônicos ou indesejáveis numa primeira análise, além de indicar uma possível complementaridade.

Os usos do tempo e do espaço são acentuadamente diferenciados e diferenciadores. A globalização tanto divide como une; divide enquanto une – e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo [...]. Conjuntamente, os dois processos intimamente relacionados diferenciam nitidamente as condições existenciais de populações inteiras e de vários segmentos de cada população. O que para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é destino indesejável e cruel (BAUMAN, 1999, p. 8-9).

Ao permitir um contato sistemático entre identidades, as bases religiosas acabam sendo abaladas, criando uma insegurança que poderia estar diretamente ligada a casos de intolerância religiosa. Para Silva (2000), os mecanismos identitários são proeminentemente traçados pela diferença, tanto por meio dos sistemas simbólicos ou de exclusão social, mecanismos esses evidenciados e perceptíveis pelo fenômeno da globalização. A partir do momento em que se promove o contato entre diferentes identidades que podem ser analisadas pelo viés religioso, encontram-se marcas classificatórias de significação excludente, ou seja, pessoas mostram-se fiéis a uma determinada vertente religiosa, aqui tomada apenas em âmbito cristão. Aqueles que são neopentecostais, por exemplo, automaticamente delimitam o que as tornam como tais: não serem católicas ou não serem espíritas. A mesma exclusão se dá na base da concepção religiosa em que sagrado e profano se mostram necessários ao entendimento dos campos religiosos. Para o autor, “é pela construção de sistemas classificatórios que

⁷ Em 1995, o pastor Sérgio von Helde, da Igreja Universal do Reino de Deus atacou, com socos e pontapés, a imagem de Nossa Senhora Aparecida diante das câmeras do canal de TV Rede Record, de propriedade do fundador da Igreja, Edir Macedo. O episódio aconteceu no dia 12 de outubro, quando se comemora o “Dia de Nossa Senhora Aparecida”, padroeira do Brasil.

a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados” (SILVA, 2000, p. 41).

Silva (2000) argumenta que, desse contato entre diversas identidades, pode emergir novas construções identitárias. Para o trato religioso, essa visão pode indicar o processo de hibridismo em que outras identidades reorganizadas entram em contato e dão origem a novas formações, num processo contínuo a que o autor chama de “novas posições de identidade”.

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (SILVA, 2000, p. 21).

Sobre essa relação entre globalização, identidades e religiosidades, a análise de Bittencourt Filho (2003) aponta a maneira pela qual a religiosidade brasileira se reconfigurou como uma nova “cristandade terceiro-mundista”, a partir do período pós-redemocratização. Essas transições também são percebidas nos campos econômico, cultural e político. Segundo o autor, é importante notar como o indivíduo tem tomado para si a função de moldar e rearranjar a própria síntese, isto é, construir a sua religiosidade particular, utilizando, para isso, elementos constituintes de diferentes experiências religiosas, mesmo que numa primeira observação possam parecer contraditórios. Bittencourt Filho aponta, assim, para o hibridismo ou sincretismo, já que, desde a colonização do Brasil, esse processo se fez presente, seja por resistência ou por alguma forma de diálogo entre diferentes religiosidades. Recentemente, com as mudanças percebidas pelo processo de globalização, a religião vem se modelando e se reformulando, bem como outras esferas simbólicas que carregam traços identitários.

No contexto da globalização, a situação brasileira é emblemática: temos o “mago” mais lido do planeta; exportamos a Assembleia de Deus para Moscou, a Igreja Universal do Reino de Deus para Paris, e a Umbanda para o Cone Sul. Tudo isso sem contar o mosaico religioso altamente complexo, constituído pelas propostas e pelas sínteses religiosas mais inusitadas e, a par disso, um apetite cada vez mais voraz das religiões institucionalizadas por fatias do poder estatal do País [...] (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 31).

A seguir serão apresentadas as definições de campos simbólicos e as relações de poder que permeiam esses campos, principalmente o religioso. Entender esse mecanismo se torna fundamental para a compreensão da religião enquanto esfera autoritária.

2.3 Campo simbólico e as relações de poder

Bourdieu (1989) trata a religião como parte de um poder simbólico, normalmente ignorado, que não acontece em uma única esfera, mas que paira sobre as relações mais veladas. Esse tipo de poder é visto como paradoxal, na medida em que se faz necessário desvendá-lo onde ele menos se torna perceptível e talvez desconsiderado, ou seja, na sutileza de relações aparentemente desprovidas de poder. O poder simbólico se mostra, assim, praticamente despercebido e só pode ser exercido com o consentimento dos envolvidos, que não se preocupam como esse poder se exerce ou qual sua intensidade. Para o autor, o poder simbólico poderia ser entendido como

[...] uma espécie de círculo cujo centro está em toda a parte e em parte alguma. É necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989, p. 8).

O poder simbólico mostra de fato seu caráter ao analisar a intensidade de outros conceitos ligados a ele. A violência simbólica, por exemplo, derivada do mesmo pensamento de Bourdieu, evidencia-se pelas inúmeras possibilidades ideológicas de ocorrer. Segundo Martino (2003), os campos de força formados sobre a linha tênue que se delinea entre religião e mídia, às vezes escapam da circunscrição própria e se manifestam enquanto violência simbólica, de forma intensa e invasiva, porém intocável. Essa fluidez evidencia o caráter estritamente simbólico de tal violência, haja vista os casos amplamente divulgados pela mídia envolvendo intolerância religiosa.

Para Dianteill (2003), Pierre Bourdieu conserva a ideia de Durkheim de que a sociologia da religião deve ser considerada como parte da sociologia do conhecimento. A religião deveria ser considerada um instrumento de saber no qual estaria inserido o campo religioso, esfera de poder subjetivo que “possibilita um acordo

entre os sentidos dos signos e o sentido do mundo, guardando a função de integração lógica e social das representações coletivas e, em particular, das formas de classificação religiosas” (DIANTELLI, 2003, p. 31). Dessa forma, Bourdieu, ao tratar das dispersões do poder e os espaços em que ele simplesmente não se delimita, define o campo religioso como uma microesfera de força, diferente de todas as outras e que guardaria as questões relativas às especificidades da religião, já que esta oferece formas de um indivíduo se sobressair entre os demais, além de que a religião guardaria relações interpessoais particulares. Martino (2003) analisa essas relações religiosas e a forma como se desenvolvem mecanismos de interdependência com campos econômicos e políticos, ou seja, permearia outros campos. Segundo o autor, para se conquistar o campo religioso, as instituições oferecem bens simbólicos, recebendo em troca bens materiais que permitem a subsistência e expansão de seu alcance doutrinário. Os bens simbólicos utilizados são criados com base no capital religioso de cada uma das instituições constituindo-se em bens de salvação.

Foucault (1979) admite os microcontatos sociais por onde perpassam as relações de poder, diferentemente de alguns conceitos transmitidos, em que poder é centralizado unicamente na legitimação da relação Estado *versus* cidadão (poder político). O autor, ao contrário, desarticula essa tensão da visão estatal e expande o conceito para todas as relações interpessoais. No campo religioso, a acepção seria capaz de compreender as várias manifestações de poder que envolvem fiéis e líderes religiosos, por exemplo, indo além da visão hierarquizada que circunda tal campo. O autor aprofunda sua análise ao discorrer sobre o fato de coexistirem variadas formas de poder – ou de relações coordenadas que envolvem o que se convencionou classificar como poder – em esferas descentralizadas, difusas e aparentemente inexistentes. Para Michel Foucault, parece enganosa a ideia de que o poder se encontra em um espaço determinado, em um ponto específico ou sob alguma perspectiva e, mesmo que fosse permitida tal consideração, não seria possível enumerar ou classificar o fenômeno, visto que suas variantes e possibilidades são incalculáveis. “Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado” (FOUCAULT, 1979, p. 141).

Foucault (1979) também observa que os micropoderes não estão ligados à ideia que deles se faz do “não”, em sentido proibitivo, negativo ou somente normativo. Para o autor, o poder é exercido na relação que provoca em seus envolvidos e,

principalmente, no sentimento de prazer que pode proporcionar. Para o autor, esta seria uma das razões mais latentes da vontade de poder.

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer 'não' você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz 'não', mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 1979, p. 74).

As relações de poder que permeiam os contatos religiosos em toda sua extensão (subserviência, submissão, alienação, pertencimento, proximidade de Deus, por exemplo) podem ser analisadas através desse ponto de vista foucaultiano, que trata da intensidade dos contatos sociais e dos resultados dos mesmos quando perpassados pela força difusa de poder. Mesmo em situações aparentemente desvinculadas do conceito de poder, essas relações estão presentes nos vários tipos de relacionamentos interpessoais. Pelas contribuições de Foucault, depreende-se essa fluidez e talvez até certa dúvida quanto ao lugar onde esse poder está instaurado ou como é utilizado por aqueles que pensam possuí-lo. O autor analisa que

Existe atualmente um grande desconhecido: quem exerce o poder? Onde o exerce? Atualmente se sabe, mais ou menos, quem explora, para onde vai o lucro, por que mãos ele passa e onde ele se reinveste, mas o poder... Sabe-se muito bem que não são os governantes que o detêm. Mas a noção de "classe dirigente" nem é muito clara nem muito elaborada. "Dominar", "dirigir", "governar", "grupo no poder", "aparelho de Estado", etc.. é todo um conjunto de noções que exige análise. Além disso, seria necessário saber até onde se exerce o poder, através de que revezamentos e até que instâncias, frequentemente ínfimas, de controle, de vigilância, de proibições, de coerções. Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui (FOUCAULT, 1979, P. 45).

A religião se colocaria nessas esferas de poder fluido em que, de fato, não há como mensurar sua intensidade, pois que se mostra disperso. O poder simbólico religioso e político, por exemplo, possuem forte conexão, pois são detentores de grande influência nas atitudes humanas, promovendo homens aptos para o controle do Estado. É notável a participação de religiosos nas esferas políticas e vice-versa. De fato, muitas vezes a religião é o primeiro passo para se adentrar em microsferas de poder e a busca por outros campos aparece como consequência ou continuação, indicando indícios de

imbricamentos, tamanha a fluidez e dispersão desse mecanismo. No que diz respeito à religião, alguns pontos de poder estão sob o domínio de quem discursa em nome de Deus. A religião torna-se, pois, um meio de alcançar e manter a autoridade de um líder sobre os fiéis. O poder simbólico que emerge desse contato cria hierarquias e é reconhecido por ambas as partes, com pouca contestação, já que nesse caso Deus jamais poderia ser questionado. Esse pensamento corrobora com a ideia de que o discurso religioso, em sua essência, é um discurso autoritário (ORLANDI, 1987).

Na próxima seção serão abordados os aspectos referente a outra instância de poder do sistema religioso: o poder econômico.

2.4 Religião e economia

Na sociedade capitalista, que tem como um dos princípios de existência a realização e satisfação de um grupo humano com caráter lucrativo, os líderes religiosos associam, em suas pregações, discursos que remetem a mecanismos de troca, de compensação. Tal prática não é novidade nas religiões cristãs ocidentais, que propagam esse discurso pela mídia unificando lógica de mercado e fé, esta última entendida como crença em algo sagrado. Essas trocas podem se mostrar imediatistas e materiais, como as correntes de sucesso profissional propagadas pelos neopentecostais, ou também adotar caráter subjetivo e transcendental, como aceitar o sofrimento como expiação, princípio divulgado pelo espiritismo.

O trato com a economia sofreu mudanças no campo religioso ao longo do tempo. Para compreender como aconteceu o processo, Barros (2010) trata a questão da acolhida do capitalismo pelo protestantismo e, ao analisar Max Weber, o autor evidencia as afinidades entre o protestantismo e o capitalismo, apontando que a nova ascese religiosa, ao contrário dos dogmas católicos, permitia, ou mesmo oferecia atraentes incentivos que favoreciam a busca racional do ganho econômico e cuja eficiência social corresponderia diretamente à vontade de Deus.

Weber acreditava que os movimentos inspirados na religião podiam produzir grandes transformações sociais, analisando o exemplo do protestantismo. A concepção religiosa protestante, ao abandonar a ideia do lucro como pecado, mantido até então pelo catolicismo, encontra no capitalismo o seu alicerce. Barros (2010), ao

analisar a obra “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo”, de Max Weber, aponta para o fato de que, para esse autor, algumas distinções ou particularidades entre os protestantes são acentuadas no que tange à divisão do trabalho social, mas que, “a nosso ver, para Weber, a essência da discussão continua a mesma: a divisão do trabalho como desígnio de Deus e garantidora da prosperidade para aqueles que encontrassem sua verdadeira vocação” (BARROS, 2010, p. 14).

Weber (2010), de fato, explica essa visão de prosperidade material como vontade divina, que se adequa ao capitalismo. Tomando como base a aparição dos movimentos da Reforma Protestante⁸ e a posterior ascensão do capitalismo como sistema econômico dominante, Weber equacionou a relação entre o discurso protestante e a ideologia capitalista, mostrando a influência mútua entre essas duas formas de conceber o mundo. O autor chama de “inversão” essa nova maneira de viver tendo o ganho material como uma das alavancas e analisa que

[...] acima de tudo, este é o *summum bonum*⁹ dessa “ética”: ganhar dinheiro e sempre mais dinheiro, no mais rigoroso resguardo de todo gozo imediato do dinheiro ganho, algo tão completamente despido de todos os pontos de vista eudemonistas ou mesmo hedonistas e pensado tão exclusivamente como fim em si mesmo que, em comparação com a “felicidade” do indivíduo ou sua “utilidade”, aparece em todo caso como inteiramente transcendente e simplesmente irracional. O ser humano em função do ganho como finalidade da vida, não mais o ganho em função do ser humano como meio destinado a satisfazer suas necessidades materiais. Essa inversão da ordem, por assim dizer, “natural” das coisas [...] é tão manifestamente e sem reservas um *Leitmotiv* do capitalismo, quanto é estranha quem não foi tocada por seu bafo. Mas implica ao mesmo tempo uma gama de sensações que tocam de perto certas representações religiosas (WEBER, 2010, p. 46-47).

Mariz (2011) aponta que, para Max Weber, uma das principais características da sociedade capitalista seria sua racionalidade, que permitiria a associação pessoal à religião. A autora analisa o processo perceptível de vinculação do elemento cultural religioso ao surgimento de uma nova racionalidade econômica o que, em determinado ponto, indicaria possíveis relações favoráveis entre o protestantismo e o capitalismo. A autora esclarece ainda que Weber se “deparou” com a religião ao tentar entender como surgiu e se propagou esse tipo de racionalidade. Weber “se defronta com

⁸ Termo que designa o movimento de renovação da Igreja Católica Romana, no século XVI, liderado por Martino Lutero.

⁹ Expressão do Latim que quer dizer “a importância máxima”, “o bem maior que o ser humano deve buscar”.

a religião, inicialmente com o protestantismo, ao buscar compreender a motivação para a racionalização da vida econômica” (MARIZ, Cecília Loreto, 2011, p. 67).

Um dos conceitos mais difundidos de Max Weber que guarda relação direta com a religião é a secularização. Para Sell (2015), grande parte da vida social teria sido reduzida à lógica racional do mundo moderno. Weber também faz alusão a esse fenômeno ao chamá-lo de “o processo de desencantamento do mundo”, em que o sujeito moderno abandona de certa forma, costumes e crenças baseadas em tradições herdadas ou aprendidas que se apoiam nos pilares fixos das religiões.

Sob a ótica do sujeito contemporâneo neoliberal, a ideia amplamente difundida do homem empreendedor de si, que precisa se mostrar aos outros como vencedor e bem-sucedido, foi inevitavelmente incorporada à religião. O fiel, na lógica de mercado, aparece como um sujeito consumidor que busca refletir espiritualmente o sucesso material. “O que distingue esse sujeito é o próprio processo de aprimoramento que ele realiza sobre si mesmo, levando-o a melhorar incessantemente seus resultados e seus desempenhos” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 333).

Diante desse claro engendramento entre religião e economia tornou-se oportuno, sob o prisma da contemporaneidade e seus aparatos tecnológicos pensar a mídia e sua relação com poder, tendo em vista sua indissociabilidade. Exemplo disso é a chamada “Teologia da Prosperidade”, divulgada principalmente nas religiões evangélicas no Brasil e que prega o aumento da riqueza material do fiel na medida em que forem realizadas doações para os ministérios cristãos dos quais participem. Rodrigues (1990) traz o conceito de campos sociais ou campos simbólicos, que pode ser usado para compreender a dinâmica que envolve fé e dinheiro, a fim de identificar como, na modernidade, há uma fragmentação da vida social. Nesse sentido, os campos sociais ganham autonomia e passam a funcionar a partir de princípios, hierarquia e linguagem próprios.

Assim, mesmo a religião, que antes era a ordem totalizante, configura-se agora como um campo simbólico, que está em permanente interface com outros campos sociais, como o midiático, o político e o econômico. Rodrigues (idem) explica que o campo da mídia assume o papel de ser mediador da vida social, em que os demais campos buscam visibilidade e legitimidade.

Na sequência serão abordados os aspectos inerentes à religião enquanto instância midiática.

2.5 A interface mídia e religião

Os meios de comunicação, particularmente a televisão para o trato desta pesquisa, oferecem os recursos necessários e possíveis para a propagação de ideias baseadas no controle coercitivo. A religião, por ser parte integrante de um sistema simbólico de poderes que envolvem a sociedade contemporânea, percebeu a necessidade de se reconfigurar, adequando-se a uma nova ordem ditada por uma espécie de revolução na qual a informação, bem completamente simbólico, tornou-se moeda de troca, além de estar intimamente ligada aos processos de manutenção do status quo¹⁰.

Nesse processo, analisa Martino (2003), a televisão é considerada meio profano e é capaz de levar o sagrado a qualquer tempo e espaço, bastando para isso que o fiel esteja sintonizado do outro lado da tela. Todo o processo de espetacularização advindo desse contato é utilizado para somar atrativos às mensagens religiosas e, dessa forma, líderes religiosos acabam por converter ou fidelizar o público que busca conexão com o sagrado.

Para Martino (2003), a inserção midiática no campo religioso cria a existência de um canal de circulação de bens simbólicos que, em contrapartida, também abre precedentes para o surgimento de uma violência simbólica, em que, não raro, uma religião desrespeita as práticas rituais de outra. Essa relação entre mídia e religião se mostra tão interdependente que passa a ser comum e pode, inclusive, passar despercebida no cotidiano. O autor complementa sua análise ao verificar a reconfiguração dos conceitos de sagrado e profano após o avanço dos meios de comunicação de massa religiosos. Para que o caráter sagrado de uma ideologia religiosa pudesse alcançar os patamares elevados da visibilidade e ser reconhecido, a televisão, considerada por muitos como algo profano, passou naturalmente por um processo de reconstrução cultural.

Assim, sua reputação se transformou em um conceito que chega próximo ao de que a TV também pode transmitir bênçãos divinas e aproximar o fiel de Deus, passando primeiro pela presença de seu líder religioso. Essa mudança, segundo Martino (2003), traz a visão de que, nos programas religiosos na TV, o sagrado necessitou de algo tido como profano para se propagar e, assim, assistir a um culto ou a uma missa já

¹⁰ Conceito ligado à “coesão social” definido por Émile Durkheim.

não significa, necessariamente, estar fisicamente nos templos. Essa transposição não afetou valores inerentes à religiosidade, como a fé e práticas ritualísticas por parte dos telespectadores-fiéis. O católico pode fazer o “sinal da cruz” quando acompanha uma pregação pela TV, assim como o evangélico¹¹ pode estar com um objeto na mão para ser ungido e o espírita com um copo d’água para ser fluidificado.

Além do mais, essa transposição de territórios, que anteriormente delimitava e circunscrevia o sagrado às instâncias físicas, adquire novos contornos com a interação midiaticizada, fruto da virtualização de instituições sociais. Hjarvard (2012) ressalta que as instituições eram ligadas a lugares específicos, como a política ao parlamento ou à prefeitura; a educação às escolas e universidades; as artes aos palcos e museus. Como consequência da intervenção dos meios de comunicação, os indivíduos podem participar de diferentes instituições sociais independente de onde estiverem e mantendo a especificidade da instituição em questão.

Ao analisar o cenário religioso brasileiro, percebem-se, sobretudo, manifestações culturais plurais que têm direcionado novas significações religiosas, principalmente no que diz respeito à forma com que o fiel vivencia sua religiosidade, reconfigurada por elementos que são tomados por vertentes aparentemente diferentes entre si. As formas particulares e supostamente singulares que líderes religiosos traçam suas especificidades relacionadas às liturgias ou qualquer outro tipo de doutrina estão, na verdade, travestidas por ideologias ligadas à ideia de “matriz religiosa”, termo escolhido por José Bittencourt Filho para dar sustentação a sua hipótese de que, por mais estranhos e paradoxais que possam se mostrar os arranjos religiosos brasileiros, inevitavelmente, trarão em seu bojo a base da religiosidade brasileira (católica, indígena e africana). As dinâmicas midiáticas são apontadas pelo autor como formatadoras de um processo que, dentre outras questões, reorganizam essas estruturas matriciais de acordo com a lógica de mercado. Assim, a cultura do consumo e a cultura ditada pela mídia podem evidenciar a relevância circunstancial desse revestimento observado nas manifestações religiosas contemporâneas, principalmente naquelas predominantemente mercantilizadas e midiaticizadas.

Dessa forma, a emergência dos meios de comunicação eletrônicos que o século XX tornou possível foi bem recebida pelas religiões. Para Cunha (2007), duas fortes razões explicam o acolhimento positivo: a possibilidade de disseminar os

¹¹ Definimos como evangélicos os fiéis das igrejas protestantes e pentecostais de variados matizes.

dogmatismos doutrinários para um número extenso de pessoas em menos tempo e a compreensão de ter a posse da autoridade para ensinar sobre o uso correto desses meios e estabelecer uma ética da comunicação, com base nos preceitos evangélicos. Os tempos em que as religiões fechavam-se dentro de si mesmas, pouco dialogando com o mundo a sua volta, parece ter ficado para trás, mesmo no caso daquelas mais conservadoras e que, num primeiro momento, ofereceram certa resistência, como é o caso da Igreja Católica.

Historicamente, as primeiras transmissões religiosas na TV brasileira aconteceram ainda na década de 1960, com o programa “Fé para Hoje”¹², dos Adventistas do Sétimo Dia, em 1962, na TV Tupi, e as missas católicas da Arquidiocese do Rio de Janeiro, transmitidas pela TV Continental (Santana, 2005). Em ambos os casos, a transmissão acontecia ao vivo, sem uma linguagem especificamente para a TV, conforme indica Campos (1999). O programa “Fé para Hoje” mostrava um formato totalmente voltado para o público de casa, já que era gravado em estúdio sem plateia.

Para Santana (2005) as décadas de 1960 e 1970 marcam a vinda de programas evangélicos norte-americano para o Brasil. “Alguém Ama Você”, de Rex Humbard, “Clube 700”, de Pat Robertson e os cultos do Pastor Jimmy Swaggart exemplificam a variedade teológica e ideológica desses programas, que se apoiavam no carisma de seus líderes. Contudo, tais programas não surtiram o mesmo efeito percebido nos Estados Unidos, ou seja, não tiveram aqui o poder de mobilização e pressão que exerciam entre os norte-americanos. Uma das razões que pode explicar o fato é que eram produzidos em outra cultura, com outra perspectiva, diferente da dos brasileiros. Esses programas foram exibidos até meados da década de 1980, quando a produção nacional de televisão cresceu e tornou-se independente da produção estrangeira.

Durante a maior parte do século XX, a Igreja Católica manteve a supremacia dentre as religiões no trato com o Estado e na absorção de fiéis. O Brasil era o maior país católico do mundo e a hegemonia do catolicismo era incontestável. De acordo com análise do instituto de pesquisa Pew Research Center, divulgada em 2015 e baseada em dados do IBGE, em 1940, 95,5% da população era adepta do catolicismo, enquanto que, 70 anos depois (2010), esse número havia sofrido redução, passando a 65% contra 22% de evangélicos. Essa hegemonia começou a sofrer o impacto da

¹² O programa foi ao ar em 25 de novembro de 1962 sob a condução do pastor Alcides Campolongo.

concorrência com as novas denominações religiosas, notadamente as evangélicas neopentecostais que, a partir dos anos 90, mudaram sua configuração de linguagem, adaptando-se ainda mais à mídia televisiva. Um possível marco desse processo foi a compra do canal televisivo Rede Record de Televisão¹³ pela Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd), na figura de seu fundador, Edir Macedo. Os primeiros programas religiosos de TV dessas denominações passaram a propagar e solidificar as ideologias evangélicas neopentecostais e atingiram uma proporção que mudou de vez o panorama religioso brasileiro.

Cunha (2002) aponta que as análises promovidas por estudiosos indicam a participação da mídia no processo de configuração de novas identidades culturais, como veículos da globalização, criando uma “comunidade” global de consumidores – os cidadãos do mundo, na perspectiva de Canclini (2010). É nesse contexto que, segundo a autora, surge a noção de cultura midiática, principalmente pelo fato de que a noção de cultura massiva já não estaria sendo suficiente para expressar o que se vivenciava na nova conjuntura da “comunidade global”. O novo termo é amplo e daria conta de explicar um fenômeno cultural massivo, num momento em que a audiência era vista como homogênea e completamente passiva.

A ideia de mediatização da sociedade indica que já não é mais possível usar a categoria “massa” para explicar a conjuntura presente. A cultura midiática vai além ao refletir o paradigma da globalização e do consumo: o mercado, atravessando os países, teria se consolidado como uma instância fundamental de produção de sentido. Neste quadro, as massas não importariam mais, e, sim, o mercado. Na cultura midiática diferença e padronização convivem sincronicamente, pois é no âmbito do mercado, base dessa cultura, que os indivíduos e os grupos sociais constroem suas identidades, partilham expectativas de vida, modos de ser, e o poder se torna virtualizado (CUNHA, 2002, p. 13).

Souza (2007) analisa o aspecto econômico e cultural da globalização que provocou mudanças significativas na esfera religiosa, exigindo que organizações e instituições adaptassem suas maneiras de comunicar e perpetuar suas identidades. Após tais mudanças os fiéis deixaram de orientar suas ações pelos programas embutidos nas instituições tradicionais e se tornaram altamente permeáveis pela mediatização, que passou a ser fonte de modelos para regular seus comportamentos. Dessa forma, torna-se impossível observar “as relações humanas com as organizações religiosas sem fazer

¹³ Rede comercial de comunicação aberta, adquirida pelo empresário e comunicador Sílvio Santos, em meados da década de 1970 e que, diante de problemas financeiros, foi vendida a Edir Macedo no início da década de 1990.

uma análise do papel dos meios de comunicação de massa na perpetuação dos bens simbólicos manipulados pela instituição chamada Igreja” (SOUZA, 2007. p. 243-244).

Borelli (2010) aprofunda a análise sobre a relação entre mídia e religião e afirma que, atualmente, os dispositivos midiáticos são os principais mecanismos de geração e de criação de símbolos religiosos e que há duas lógicas que tentam explicar tal fato. A primeira, diz respeito ao campo religioso, que é “tomado” pelos meios de comunicação e a segunda, que resulta dessas construções midiáticas, ou seja, a recriação de simbologias que gera um outro modo de fazer e de vivenciar a religião, portanto, uma religião midiaticizada. Dessa forma, as esferas religiosas se entrelaçariam com a concepção midiática, confirmando o surgimento de novos modelos.

A primeira lógica aponta para uma apropriação consciente e estratégica dos aparatos midiáticos por parte das religiões para atingir fiéis, já que a religiosidade passa por um processo que poderia ser analisado como um retorno às conceituações e vivências sagradas, descrito por Martín-Barbero (1995) como “reencantamento”¹⁴. De acordo com o autor, estaríamos, na contemporaneidade, declinados a uma busca mais acentuada da religiosidade e suas nuances¹⁵. Segundo Martín-Barbero, as mídias cumprem um papel estratégico que acaba diminuindo a distância entre os símbolos que formam o universo religioso e os fiéis, duas esferas diferentes, porém complementares, pois conseguem reorganizar o simbólico religioso no cotidiano das pessoas.

Já a segunda lógica a que se refere Borelli aponta para uma decorrência do processo de midiaticização das instituições, em que a mídia, suas lógicas e processos, acabam afetando os modos através dos quais o campo religioso se estrutura para atingir seus públicos. A midiaticização age sobre práticas sociais de campos simbólicos, como o da religião, associando-as por meio de operações técnico-simbólicas. Exemplo disso é a divulgação da esfera religiosa e política pelos meios de comunicação.

Essa “religião midiaticizada”, como definiu Borelli, aponta para mudanças estratégicas nos próprios modos de funcionamento do campo religioso. Assim, os templos são organizados e reestruturados para abastecer um complexo sistema de produção de sentidos sobre as ideologias e crenças religiosas. No interior dos templos há telões, alto-falantes, câmeras, microfones, transmissores, iluminação integrados entre

¹⁴ Termo que se refere à antítese da definição de Max Weber para o termo “desencantamento do mundo” ou “secularização”, entendidos como a entrada do homem no mundo moderno. “Encantamento”, portanto, é compreendido como o retorno à busca pelo sagrado.

¹⁵ Ao assumirmos o pressuposto central desse raciocínio estaríamos, de certa forma, afirmando que houve o processo de desencantamento, conceito visto com ressalvas por alguns autores.

diferentes mídias, como rádios, canais de televisão e websites. Em função dessas operações sociotécnicas, temporalidades e espacialidades são transformadas, pois as pregações religiosas passam a estar disponíveis a qualquer momento e em qualquer lugar. Novos agrupamentos são gerados e perpassados por lógicas midiáticas: o imediatismo, a fragmentação, a interconexão entre distintas linguagens, a dramatização, a audiovisualidade, além da lógica do espetáculo, formatado para ser consumido.

Vive-se numa sociedade em processo de midiatização. Nesse contexto, alguns campos têm mudado seus modos de funcionamento para continuar tendo contato com os seus públicos. As instituições religiosas talvez sejam as que mais têm alterado suas formas de expressão, adequando-se a uma cultura midiática que co-determina e se hibridiza com a forma tradicional de operação do seu campo (BORELLI, 2009, p. 1).

Essa mudança é a forma mais característica do que Pace (1997) classificou como efeito da “globalização no campo religioso”. O autor acredita que essa forma de comunicação midiatizada evidencia que a linguagem midiática, uma vez aceita e usada tecnicamente, incita as religiões a se liberar do aparato convencional e institucionalizado de suas mensagens e a escolher um diálogo mais acessível, notadamente marcado pela linguagem das emoções e dos afetos. Assim, haveria uma redução da complexidade da mensagem religiosa efetuada entre quem a produz (líderes religiosos) e quem pretende conservar sua autenticidade e sua memória (fiéis), por meio de uma linguagem mais universal, voltada para todos os públicos.

Dessa forma, segundo Pace (1997), as religiões conseguem uma visibilidade mais amplificada num mercado cada vez mais competitivo como o que se tornou o dos programas de TV religiosos, os quais evidenciam uma audiência pouco tolerante a discursos complexos e enfadonhos, pois é um público, antes de tudo, culturalmente televisivo. A dinamicidade oferecida pelo imediatismo da televisão tenta garantir uma linguagem mais suave utilizando um tom de entretenimento capaz de manter a atenção de qualquer público que se disponha a esse tipo de programação.

Lima (2007) analisa que, paralelamente a esse fenômeno de globalização, desenvolveu-se no Brasil um processo de implicações significativas, não só para o setor de comunicações, como para as relações da sociedade com a religião, que foi o crescimento sem precedentes das igrejas na mídia televisiva e radiofônica, principalmente entre os evangélicos. A década de 1990 marca o início dessa nova tendência de canais de televisão voltados majoritariamente para programas religiosos

com a compra da TV Record pela Iurd, bem como o início do funcionamento do canal televisivo Rede Vida de Televisão, vinculado à Igreja Católica, em 1995.

Nesse novo cenário social, constata-se a apropriação de campos midiáticos pelo espaço religioso, isto é, a utilização dos meios de comunicação como instância da fé. Segundo Basso (2015), a consequência mais imediata é o deslocamento do espaço tradicional dos templos para um campo aberto e multidimensional que, além de chegar ao fiel, atinge também o público anônimo, heterogêneo e disperso. Dessa forma, conforme argumenta o autor, os líderes religiosos, com sua oratória e desempenho, constroem seus discursos religiosos obedecendo à gramática imposta pela mídia, principalmente pela televisão.

A mensagem religiosa é adaptada às exigências midiáticas para que tenha eficácia, persuasão e atinja as pessoas diretamente em seus sentimentos, em suas necessidades. Uma nova Igreja é criada, universal e virtual. Os lares se transformam em templos; os púlpitos são os aparelhos de televisão; o sinal da pertença ao grupo se expressa no consumo dos bens religiosos que são oferecidos de acordo com a necessidade do indivíduo. Em tudo isso, o mais importante é o espetáculo; o culto reveste-se da transparência da mídia, onde a imagem é o centro de tudo. É a construção de uma sociedade do simulacro (BASSO, 2015, p. 8).

Diante das transformações, cabe distinguir o perfil do público-alvo dos programas religiosos exibidos na televisão brasileira. De acordo com Trigo e Cipolla (1998), o primeiro comprador em potencial do produto religioso (bens simbólicos) são os doentes que precisam de fé. O segundo segmento são os idosos, que modificam o seu jeito de pensar à medida que atingem mais idade e passam a acreditar na passagem desse mundo para outro. A terceira fatia do mercado é a massa de crianças, jovens e adultos saudáveis e no auge da vida, com alta probabilidade de perpetuarem a religião.

Na análise de Pierucci e Prandi (1996), a partir de 1950, a população brasileira enfrentou uma série de mudanças, atribuladas e contraditórias, que também contribuíram para explicar a formação do perfil do público-alvo religioso. Ao passo que a ciência avançou consideravelmente, propiciando aumento na qualidade de vida no que tange à saúde e aos avanços tecnológicos, uma parcela considerável da população ainda vive em extrema precariedade. O mesmo, segundo os autores, aconteceu na educação, habitação e oferta de emprego, isto é, o mínimo necessário para a vida cotidiana se tornou ainda mais desigual, “para não se falar de necessidades mais diretamente referidas às questões de ser e estar na sociedade, como o problema crucial do sentido da

vida no mundo [...], como as questões de identidade e de reconhecimento do outro” (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 94). De acordo com essa perspectiva apontada pelos autores, o cerne sagrado de qualquer religião estaria predisposto a suprir e sustentar, por meio da fé, uma massa significativa de excluídos.

Borelli (2010) analisa a conexão entre a necessidade crescente das religiões de atrair o público-alvo e deste de ser atraído, se utilizando da televisão e dos mecanismos técnicos inerentes à linguagem desse meio específico, que carrega em sua especificidade, a confluência de som, imagem e imediatismo. Sobre sociedade religiosa midiaticizada, a autora discorre que

(...) a técnica se associa a mecanismos de produção discursiva e permite que sejam construídas distintas formas de “estar juntos”, portanto um novo contato que remete a outras formas de contato. Não é preciso estar presente no templo para compartilhar a mesma crença, pois o fiel pode se sentir pertencente a uma igreja consumindo os seus produtos, acompanhando a programação religiosa ou fazendo seus próprios rituais em momentos e locais que bem entender (BORELLI, 2010, p. 20).

De acordo com Neto (2004), a apropriação do espaço e da linguagem midiática pela religião, inserida no contexto de sua natureza simbólica, fez com que as “velhas igrejas” se deslocassem do seu espaço original para ambientes em que a cultura midiática serve como referência para a organização das novas estratégias e táticas das religiões. O processo ocorre por meio da utilização de diversos recursos discursivos nos programas religiosos na TV (sonoros, gestuais, imagéticos) por meio dos quais as várias formas de narrativa se entrelaçam em pontos específicos como, por exemplo, na construção das personagens. Quando se trata de programas religiosos, a personagem principal é o líder religioso, que assume o arquétipo do herói. O fiel, ao entrar em contato com o discurso proferido, sente-se mais próximo de quem tem “autoridade”, de quem está mais próximo do “divino”.

Esse processo de identificação se torna possível graças à busca humana por grupos que pensam e agem de forma semelhante em qualquer âmbito e que poderia também explicar os conglomerados religiosos que abarcam fiéis com visões de mundo muito próximas. Na instituição religiosa, o fiel se sente no próprio núcleo, num ponto central, espaço onde ele discute temas variados com aqueles com quem se identifica.

Na sequência, será apresentada a relação entre religião, televisão e espetáculo e as possibilidades de observação no contato entre essas esferas.

2.6 Religião, TV e espetáculo

Martino (2003) observa que o comportamento, a linguagem e as próprias atitudes do convívio diário modificam-se quando os sujeitos são pertencentes às instituições religiosas. Gestos, conversas e posturas são trazidos à tona nos momentos de convívio no grupo institucional, marcando as especificidades dos grupos religiosos. Palavras como “desencarne”, “arrebato” e “ressurreição”, por exemplo, fazem parte, num primeiro momento, do vocabulário de fiéis de vertente espírita, evangélica e católica, respectivamente.

As três vertentes religiosas que são parte do objeto desta pesquisa se mostram completamente diferentes quanto as suas especificidades dogmáticas, no entanto, os membros de cada uma comungam basicamente da mesma forma de pensar e agir diante do que consideram sagrado. Maffesoli (1998) apresenta uma reflexão sobre o novo tipo de organização social que se forma na contemporaneidade. O cerne gira em torno do que o autor chama de “desindividualização”, ou seja, um processo de esgotamento do individualismo que se apoia em uma individualidade fechada em torno de si mesma. Como resultado, emerge a “época das tribos”, na qual os sujeitos históricos se reafirmam, buscando conexões de afetividade e interesse comum com o outro. Assim, a identidade dos indivíduos é mutável para se inserir ao todo, pois as pessoas utilizam “máscaras” que podem ser maleáveis e “que se integram, sobretudo numa variedade de cenas e de situações que só valem porque são representadas em conjunto” (MAFFESOLI, 1998, p. 20).

Para compreender como as instituições religiosas utilizam essas “máscaras” em suas relações com os fiéis através do contato adaptado à gramática midiática, Erving Goffman (1975) e Wilson Gomes (2004) são abordados para se tratar do caráter teatral e espetacular da vida cotidiana. Tal teatralização torna-se ainda mais intensificada com a centralidade dos meios de comunicação na contemporaneidade. Goffman, apesar de não analisar o papel da mídia, discute como a vida é baseada na interação, em que os indivíduos representam o tempo todo papéis sociais. Dependendo do contexto em que estão inseridos, mudam de máscaras sociais. Tal discussão articula-se com a religião para verificar de que forma líderes religiosos constroem as suas imagens em seus contatos com o público a fim de cativar fiéis.

Goffman (1975) investiga os meios pelos quais o indivíduo dirige e regula a impressão que formam a seu respeito. Segundo o autor, numa interação, busca-se obter informação sobre os outros. Por isso, aqueles que desempenham papel de liderança, como é o caso dos líderes religiosos, precisam conhecer o público para o qual se dirigem, a fim de encontrar a melhor forma de persuadi-lo. Numa interação, o objetivo é manter o controle sobre o público, adquirindo credibilidade. Nesse sentido, conforme aponta Goffman, quanto mais informação se tem sobre a plateia, mais chance terá de influenciá-la.

Ao analisar os processos de persuasão e interação criados pelos meios de comunicação, Thompson (1998) distingue três tipos. A chamada “interação face a face” acontece num contexto de co-presença, no qual os participantes estão num mesmo referencial de espaço e de tempo. Presume-se ida e volta no fluxo comunicacional e é marcada pelas palavras acompanhadas de gestos, sorrisos, mudança na entonação e todo tipo de expressão corporal que corrobore a fala. Já as “interações mediadas”, acontecem de forma direta, mas não pessoalmente, pois implicam o uso de um meio técnico. Os participantes não compartilham o mesmo referencial de espaço e tempo e precisam se atentar sobre informações contextuais que devem ser incluídas no intercâmbio (cartas, telefonemas). O terceiro tipo é classificado como “interação quase mediada” ou “quase interação”, termos utilizados por Thompson para se referir às relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (livros, jornais, rádio, televisão etc.).

Como a maioria dos programas religiosos transmitidos pela TV é composta por um auditório, temos, inicialmente, duas possibilidades de análise de acordo com a classificação proposta por Thompson. A primeira é a de que quem assiste à pregação no estúdio/templo está diante de seu interlocutor, portanto, numa “interação face a face”. A outra surge quando observamos quem assiste pela televisão e que, nesse caso, estaria submetido à “interação quase mediada”. No entanto, é compreensível que o fiel presente na pregação *in loco* perceba nuances discursivas, como o caráter teatral e espetacular das câmeras, da iluminação e do cuidado do líder religioso em fazer com que essa pregação esteja também formatada para a mídia, pois quem acompanha o discurso pela televisão pode ter a atenção desfocada por um telefonema ou uma conversa, por exemplo.

Sobre essas interferências mútuas entre as interações no âmbito comunicacional, Thompson pondera que

[...] ao distinguir entre estes três tipos de interação, não quero sugerir que específicas situações interativas sempre irão coincidir ordenadamente com um dos três tipos. Pelo contrário, muitas das interações que se desenvolvem no fluxo da vida diária podem envolver uma mistura de diferentes formas de interação – elas têm, em outras palavras, um caráter híbrido (THOMPSON, 1998, p. 80).

Para complementar a discussão sobre interações midiáticas, Gomes (2004) faz uma análise sobre espetacularização. O autor argumenta que os meios de comunicação surgiram a partir de uma demanda do sistema produtivo capitalista no sentido de funcionar como uma vitrine da indústria cultural. Com o intuito de atrair o público, o autor ressalta que a mídia trabalha com uma demanda planejada, ou seja, cria necessidades no sentido de gerar mais lucros. Na concepção de Gomes, a mídia tem uma dimensão espetacular que se baseia em três mecanismos de funcionamento: (a) drama – é preciso criar personagens, enredos com o intuito de chocar ou comover o público; (b) diversão – a mídia deve privilegiar o entretenimento, o caráter lúdico; (c) ruptura das regularidades – é necessário sempre gerar a sensação do novo, do surpreendente.

Para criar uma atmosfera dramático-espetacular bem próxima daquela oferecida pela mídia – e ser tão bem-sucedida quanto –, a religião parece desenvolver personagens baseadas no imaginário coletivo. O líder religioso, ao pregar na TV, representa a personagem principal, aquele que é o enviado de Deus, que promove a intermediação entre o sagrado e o profano.

As narrativas desenvolvidas pelos programas religiosos muito se assemelham às narrativas das telenovelas, pois em momento algum deixam de contar histórias. Assim, o telespectador-fiel acompanha o desenrolar de uma trama, em que relatos de superação e fé cumprem o círculo narrativo previamente estabelecido. Martino (2003) ratifica que a religião se apresenta como “uma grande história, que se inicia geralmente com uma cosmogonia original para terminar, após discriminar ‘eleitos’ e ‘malditos’ em uma grande transformação final na qual triunfa a justiça” (MARTINO, 2003, p. 54-55). Verificam-se exemplos dessa narrativa principalmente nos programas neopentecostais nos quais os chamados relatos ou depoimentos de cura e/ou libertação ocupam boa parte do tempo. Na maioria das vezes, o pastor permite que o fiel conte toda a história que o levou até a igreja e como esta o salvou de alguma mazela.

Guy Debord (1997) também discute o fenômeno da espetacularização midiática. Segundo o autor, a midiaticização torna-se espaço fértil para atrair a atenção do público. Na concepção de Debord (1997), a atração por meio de imagens, que se sobrepõe à palavra, se torna uma mercadoria que permeia o espaço da vida social, permitindo que o espectador crie vínculos com seu cotidiano. Para o autor, a vida das sociedades modernas torna-se uma imensa acumulação de espetáculos, numa “relação mediaticizada por imagens” (DEBORD, 1997, p. 14), e isso se concretiza rapidamente pela ação da mídia nas vertentes religiosas no âmbito da comunicação massiva.

Dessa forma, a religião midiática da atualidade, caracterizada essencialmente pela lógica da produção em série de imagens e entretenimento, revela a atividade religiosa na forma de shows, formatados para serem assistidos e consumidos como produtos similares aos da indústria da cultura e do entretenimento. Esse processo disponibiliza o consumo dos programas religiosos na mesma proporção de distanciamento e engajamento conceitual com que se consome a programação televisiva ficcional, e que, desse modo, só afeta os indivíduos emocionalmente durante a sua apreciação voluntária. Entendem-se essas dinâmicas conceituais ao ligar a TV em programas que realizam “exorcismos”, por exemplo, no qual o telespectador fica exposto a uma luta entre bem e mal em conteúdos de imagens perfeitamente cabíveis num filme e que despertam as mais variadas reações em quem os assiste.

Para Patriota (2008), essa conjuntura possibilitou que a religião mediaticizada ocupasse amplo espaço na sociedade contemporânea, voltando a conquistar prestígio e a influenciar as comunidades religiosas, ainda que isso implique na transmutação delas mesmas, para que se pareçam cada vez mais com o espetacular mundo da mídia e também para que se diferenciem de suas concorrentes. A autora analisa a necessidade da imagem no campo religioso e seus desdobramentos.

[...] a religião parece aumentar a sua presença imagética em todos os lugares do planeta. Por toda parte as mídias ressaltam ainda mais as suas cores. E se, em dado momento, a religião vinha perdendo seu espaço e influência na sociedade real, ao empenhar-se na utilização dos suportes midiáticos, consegue ampliar, consideravelmente, a sua visibilidade. São satélites, antenas, cabos e redes de computadores que se prestam a transmitir infindáveis horas de abundantes conteúdos religiosos. Nesse espaço, duas esferas que eram claramente distintas - realidade e fantasia -, se confundem, graças, sobretudo, aos novos meios de comunicação, que fazem com que a distância entre ficção e realidade seja, aos poucos, abolida (PATRIOTA, 2008, p. 70).

A autora ressalta que esse novo processo de organização da atividade religiosa torna o discurso religioso uma mercadoria cuidadosamente formatada e oferecida por meio dos espetáculos televisivos. No entanto, o que parece ocorrer é que a importância do discurso propagado torna-se irrelevante ao ser experimentado no cotidiano, porque o encanto desse discurso fácil de ser consumido está, principalmente, naquilo que se mostra como elemento espetacular, mas, uma vez deslocado de sob os holofotes da espetacularização, ele é ofuscado pela realidade. Esse desencanto precisa ser compensado imediatamente com um novo encantamento: a criação exaustiva de novos produtos e discursos religiosos, afinal, a mercadoria precisa dar lugar a uma nova mercadoria. Debord (1997) afirma que, na sociedade atual, o mundo revelado pelo espetáculo é o do império da mercadoria.

Schwartzberg (1977) também analisa a espetacularização como efeito de uma sociedade midiaticizada, verificado principalmente na política, mas com desdobramentos tão amplos que podem ser aplicados também em outras esferas de poder simbólico, como é o caso da religião. O espetáculo se torna, assim, potencializado pela mídia, que tende a personificar o poder por meio do grupo no qual ele é exercido. No caso das religiões, essa personificação acontece nas figuras dos líderes religiosos que se impõem por seu prestígio, ascendência ou popularidade.

Esses líderes que apresentam e representam programas na TV, de uma forma geral, ao buscarem se enquadrar nas imagens pré-concebidas de celebridades da mídia, exemplificam o que Morin (1997) chamou de “olimpianos modernos”, no contexto da indústria cultural. São as vedetes da grande imprensa, astros do cinema, reis, campeões, que transitam entre o real e o imaginário, gerando fascínio. Morin destaca que “o olimpismo de uns nasce do imaginário, isto é, de papéis encarnados nos filmes (astros) e os de outros nasce de sua função sagrada” (MORIN, 1997, p. 105). Na segunda classificação, enquadram-se os líderes religiosos, que se travestem da melhor maneira possível, alcançando o imaginário dos fiéis-telespectadores. Para isso, observam o uso correto da vestimenta, dos adereços, da palavra, dos gestos, da empatia, em suma, do discurso para a persuasão.

Os novos olímpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente ideais inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã: olímpianas e olímpianos são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam. A imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os olímpianos de um papel mitológico, mergulha

em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação (MORIN, 1997, p. 106-107).

A ideia de “olimpianos modernos” é aplicada ao campo religioso na tentativa de explicar, por exemplo, os padres que se lançaram cantores ao perceberem o sucesso de vendas do mercado gospel e começaram a conduzir suas missas por meio de músicas e coreografias. Com aparições constantes em programas de auditórios em TV, adentraram o ramo fonográfico, no qual se tornaram grandes vendedores. Padre Zezinho é um dos primeiros católicos dessa vertente, acompanhado de inúmeros pastores e artistas evangélicos. O setor editorial é outro ramo que também acolheu esses representantes religiosos, reconhecendo suas facilidades em inserir produtos dos mais variados estilos (Bispo Edir Macedo, Padre Marcelo Rossi e Chico Xavier, por exemplo), reafirmando os preceitos da indústria cultural e da comunicação de massa.

Hugo Assmann é o primeiro autor a usar o termo “Igrejas Eletrônicas” para descrever o fenômeno da proliferação de programas religiosos, particularmente evangélicos, na televisão norte-americana e na América Latina. Assmann (1986) definiu o conceito de “Igreja Eletrônica” como um fenômeno de intenso e crescente uso dos meios eletrônicos, especialmente da TV, por lideranças religiosas, quase sempre fortemente personalizadas e relativamente autônomas em relação às denominações cristãs convencionais. À época, a definição se enquadrava ao modelo pioneiro de tele-evangelismo dos Estados Unidos, que não tardou em ser configurado também no Brasil, principalmente a partir do crescimento da Iurd, fundada em 1977, numa sala alugada no bairro da Abolição, Zona Norte do Rio de Janeiro.

O autor analisa a postura dos líderes religiosos americanos que se destacavam por se personalizar e lançar um modelo que se tornaria padrão nos programas religiosos de um modo geral: os ‘superastros’.

Pelo seu tipo de mensagem salvacionista, com ênfase na salvação individual, são também chamados ‘supersalvadores’. É certo que eles também utilizam abundantemente o rádio. Mas o que os define é a sua mensagem de tele-evangelistas (ASSMANN, 1986, p. 16).

Para Cunha (2002), o conceito trazido por Hugo Assmann é compreensível para as décadas de 1970 e 1980. Entretanto, para análise atual, é necessária uma releitura do fenômeno da presença dos grupos religiosos nos meios de comunicação e a conseqüente recriação do conceito de Igreja Eletrônica, em virtude das conjunturas

social, cultural, política, econômica e religiosa experimentadas na passagem do século XX para o século XXI. Essa alteração no perfil dos grupos religiosos na mídia, ainda segundo a autora, desafia a elaboração de um novo conceito que explique o fenômeno. A ênfase na mensagem transmitida não é mais na “Igreja” e sim no cultivo de uma religiosidade que passou a ser intimista, autônoma e individualizada (por ser midiaticizada), mas o trato do fiel com a coletividade que pensa como ele permanece o mesmo.

Santos e Camparelli (2004) tentam entender as Igrejas Eletrônicas e sua relação com o forte apelo financeiro principalmente por parte do segmento neopentecostal. O tele-evangelismo e toda a ideologia que o caracteriza estão, invariavelmente, inseridos numa lógica que articula as regras econômicas neoliberais de produção e distribuição de conteúdo televisivo, nesse caso resultando em bens simbólicos, o que acaba por atrair outras esferas de poder ao evidenciar seu “sucesso”, como é o caso do cenário político atual. A Igreja Eletrônica, ainda segundo os autores, mostra-se como um instrumento de convencimento e conversão mais eficaz que templos e igrejas físicas, pois os elementos proporcionados pela televisão permitem tratar de outros assuntos além da fé em seus programas de TV, aumentando seu poder e seu alcance. Temas relacionados à saúde, comportamento, ciência e expectativas diversas sobre o futuro, seja de forma mais cientificista ou em cunho eminentemente baseado na fé, são tratados com certa assiduidade nas mais variadas vertentes religiosas. Nos programas religiosos televisivos analisados nesta pesquisa, percebe-se a presença de temas como família, desigualdade social, política, por exemplo.

Rocha (2002) reitera a ideia dos múltiplos assuntos possíveis nas pregações religiosas na televisão e as razões possíveis que podem explicá-los. A autora usa o termo “venda da salvação” para explicar como se dá o processo de convencimento no trato com a fé nas Igrejas Eletrônicas. Segundo a autora, a

[...] venda da salvação [...] tem sido analisada mediante a relação exercida entre o crescimento da TV religiosa e as contribuições financeiras de seus telespectadores [...]. Uma das táticas mais usadas por esses programas de televisão é de abordar temas como homossexualidade, drogas, famílias, crises financeiras, etc., já que estes assuntos comovem as pessoas e despertam uma audiência maior (ROCHA, 2002, p. 6-7).

De acordo com Mariano (1999), verifica-se uma mudança ideológica em boa parte do mercado religioso cristão brasileiro, a partir da década de 1970, principalmente no que concerne ao gozo da plenitude dos bens celestes. Para o autor, acreditava-se que o alcance das benesses sagradas se daria por meio da observância dos meios de vida, sobretudo daquelas já pré-determinadas como promessas de felicidade pelos textos bíblicos que, de certa forma, regularizavam o que deveria ser feito ou, mais ainda, o que não deveria ser feito. Diante disso, determinadas instâncias da vida eram vistas como definitivamente de responsabilidade do fiel, com pouca ou quase nenhuma participação divina. A aquisição de bens materiais, bem como as relações no âmbito do trabalho e do amor são apontados como itens que constituíam partes da existência e cuja determinação estaria mais ligada ao bom desempenho dos afazeres mundanos do que aos designios ou intervenção divina.

A partir dos anos de 1970, conforme aponta Mariano (1999), diante do rápido processo de modernização do país e consequente ascensão social de parte dos fiéis, tornou-se necessário para algumas religiões redimensionar e reconsiderar preceitos ligados, sobretudo, ao ganho material, ao dinheiro. As vertentes mais tradicionais poderiam perder seguidores, caso continuassem a pregar ou a conceber que as finanças dos fiéis não estariam ligadas às bem-aventuranças e, principalmente, que os prazeres até então considerados mundanos não seriam abençoados por Deus. O autor aponta situações ameaçadoras ao futuro de algumas religiões.

Diante da mobilidade social de parte dos fiéis das promessas da sociedade de consumo, dos serviços de crédito ao consumidor, dos sedutores apelos do mundo da moda, do lazer e das opções de entretenimento criadas pela indústria cultural, essa religião ou se mantinha sectária e ascética, aumentando sua defasagem em relação à sociedade e aos interesses ideais e materiais dos crentes ou fazia concessões (MARIANO, 1999, p. 148).

Nesse panorama, diversas autoridades revisaram conceitos. Fiéis reuniam condições econômicas de desfrutar, ainda nesta vida na Terra, dos prazeres que o mundo poderia oferecer, “mesmo que para isso fosse preciso substituir suas concepções teológicas que diziam que os verdadeiros cristãos seriam, senão materialmente pobres, ao menos desinteressados de coisas e valores terrenos” (MARIANO, 1999, p. 149). Assim, o pentecostalismo num primeiro momento, mesmo com suas diversidades internas, logo resolveu essa demanda com a “Teologia da Prosperidade”, doutrina que reinterpretou ensinamentos e mandamentos do Evangelho. Também, num só movimento,

resolveu a exigência imediatista de cunho financeiro daqueles fiéis mais pobres, ávidos pelas satisfações de desejos de consumo de que, enfim, poderiam gozar, como também sanou a demanda infinitamente menor dos mais ricos, que desejavam legitimar seu modo de vida, sua fortuna e sua prosperidade material. A Teologia da Prosperidade, que aglutinava cura, prosperidade e poder de fé, serviu de base e pressuposto para que outras religiões desenvolvessem ao longo do tempo a mesma estratégia, em diferentes proporções e acepções de termos.

Do ut des é o dogma fundamental, por toda parte. Esse caráter inere à religiosidade cotidiana e das massas de todos os tempos e povos e também de todas as religiões. O afastamento do mal externo e a obtenção de vantagens externas, ‘neste mundo’, constituem o conteúdo de todas as ‘orações’ normais, mesmo nas religiões extremamente dirigidas ao além (Weber, 1991, p. 293, apud MARIANO, 1999, p.150).

A midiaticização religiosa evidencia essa mudança estrutural pela qual passou a maioria das religiões há cerca de quarenta anos. Especificamente sobre as curas ou milagres, Rocha (2002) analisa a tríade “reza, cura e salvação” propagada indistintamente pelas Igrejas Eletrônicas e a evidencia como elemento facilitador da capacidade de convencimento, distinguindo-se da lógica de religiões mais tradicionais que pressupunham um comprometimento mais arraigado. O fenômeno religioso na TV passa a ser um meio auxiliar, não só na disputa por fiéis, mas também por fatias de mercado que utilizariam da propagação de ideologias que, se não transmitidas intensivamente, seguindo o crescimento tecnológico, tendem a perder espaço. As mensagens religiosas tradicionais, assim, precisam buscar novos formatos e as instituições religiosas surgidas no momento pós-mídia nascem prontas para a televisão. Dessa forma, independente de quando as religiões foram criadas, suas reconfigurações aos modelos de mídia televisiva surgem como necessidade de sobrevivência, pois, “a Igreja Eletrônica faz sua tele pregação com tele pregadores, que discorrem sobre a tele fé, propõem tele romarias e fazem curas tele religiosas” (BERGER, 2007, p. 30).

Santos (2004) pontua a indissociabilidade entre a televisão, a religião e as demais esferas representativas de poder no país. A abundância de programas religiosos é uma das facetas da ampla disseminação religiosa na esfera política e econômica que, pela cultura de consumo e pela lógica de mercado, afetou as formas de inserção das igrejas na vida social.

Nesse sentido, o espaço midiático e a forma espetacularizada utilizados pelas religiões vêm sofrendo alterações no segmento técnico e, sobretudo, no campo identitário. A religião vem adequando sua forma de atuar através da mídia desde quando essas duas forças se encontraram pela primeira vez. Hoje, essa união carrega consigo características da espetacularização e dos apelos possíveis proporcionados pela especificidade da TV que garantem à religião a manutenção financeira do dispendioso aparato televisivo de propagação ideológica.

A sociedade e seus mecanismos de promoção e manutenção de poder atravessam, inevitavelmente, o campo da midiaticização. A televisão, como veículo de comunicação massivo, tornou-se um dos meios eficazes para atingir o público-alvo de programas religiosos, desejoso por encontrar alívio para seus sofrimentos físicos, emocionais e materiais, não necessariamente nessa ordem. Além disso, com as pregações transmitidas por veículos de comunicação, toda a dinâmica da representatividade religiosa é colocada sob um novo direcionamento espacial-temporal que pode ter contribuído para o surgimento de um novo padrão para entender a religião na atualidade.

Assim, as técnicas midiaticizadas da televisão são sistematicamente utilizadas por líderes religiosos em suas performances em palco-altares, já que assim produzem-se resultados que podem ser traduzidos como formas de poder simbólico. A midiaticização fomenta o processo, já que, tanto para os fiéis que estão em casa quanto para aqueles que estão nos templos-cenários, o desempenho e autoridade de pastores, padres e palestrantes confirmam a força dos laços que envolvem tais relações. “A religião é considerada um conjunto simbólico distribuído via mídia, assim como qualquer outra instância simbólica faz o mesmo uso do espaço da imprensa para disputar hegemonia na sociedade civil” (MARTINO, 2003, p. 9).

Seria incoerente se a religião não se apropriasse de mecanismos tecnológicos como a televisão para adquirir visibilidade, assim como o faz outras formas de poder simbólico, como a política, por exemplo. Observa-se, portanto, o mecanismo de midiaticização religiosa como uma evolução natural no contexto contemporâneo em que as interações sociais estão fadadas à mediação, consequência dos avanços tecnológicos e da sociedade de consumo.

Na próxima seção, serão abordados aspectos teóricos voltados ao entendimento dos processos de interação, sobretudo às especificidades técnicas da

televisão. Os recursos permitidos por essa mídia são parte integrante das análises dos programas religiosos, proposta desta pesquisa.

2.7 Aspectos comunicacionais na televisão

O pensamento e a linguagem são partes fundamentais do processo de comunicação humana, possibilitando a expressão de emoções e ideias que são compartilhadas e transmitidas a gerações futuras. A transmissão é fundamental nesse processo, uma vez que estabelece relação com o outro, consigo mesmo e com o mundo e se mostra de fato real quando decodificada e interpretada por outra consciência (França, Hohfeldt e Martin, 2001). Para Polistchuk e Trinta (2003), o pressuposto da relação interativa emissor-receptor permeia todo e qualquer ato comunicativo.

A linguagem falada é uma das manifestações da comunicação humana, que pode se complementar com outros recursos para finalizar o ato comunicativo. Assim, segundo Panico (2005), a comunicação social entre indivíduos pode variar de “sinais-estímulo” a gestos e linguagem, por meio dos quais o homem transmite e recebe mensagens através da oralidade ou da escrita, ou por sinais sonoros e/ou visuais.

A televisão, meio de comunicação em que a palavra e a imagem se complementam na transmissão da mensagem, propicia aos produtos transmitidos por meio dela, duas vertentes do processo comunicativo: o visual e o auditivo. Além do componente verbal, ligado ao mecanismo semântico, identificam-se componentes não-verbais que reformulam ou readaptam o ato comunicativo, de acordo com a vontade de quem diz, de forma consciente ou não.

Fraser (1978) distingue quatro processos de comunicação: o sistema verbal, o entonacional (uso da ênfase, sublinhados, inflexão da voz, pois não são as palavras que nos dizem se uma frase é declarativa ou interrogativa, mas sim as diferenças de acento e as modalidades de entonação), o paralinguístico (que compreende fenômenos como resmungos, bocejos, sussurros, risos, tosses, dentre outros, além do ritmo e da velocidade das elocuições, das pausas, das hesitações) e o cinésico (movimento das mãos, do corpo e do rosto). Esses elementos estão em contínua evolução e são classificados, segundo o autor, como elementos dinâmicos da interação.

Segundo Scherer (2003), esses efeitos de sentido podem ser utilizados nas comunicações com carga emotiva, que acontece por meio dos aspectos paralinguísticos da fala, facilitando a compreensão do telespectador. A emoção, assim, deve ser diferenciada de outros estados afetivos do falante, dependendo de sua intensidade, duração, sincronismo, evento focal, avaliação, rapidez de mudança e impacto comportamental.

Cabe apontar o papel desempenhado pela vestimenta ou indumentária no processo comunicacional. Segundo Prochet (2010), é possível considerar que a comunicação (verbal ou não-verbal) interfere na formação das sociabilidades, portanto, a vestimenta estaria incluída nesse processo. Entende-se que as vestimentas constituem estímulos não-verbais que influenciam as relações e são determinantes no processo de entendimento de uma informação. As diferentes funções da indumentária incluem elementos que permitem retratar diferentes identidades.

Segundo o autor, atributos pessoais podem ser revelados pelas roupas, como idade, sexo, condição socioeconômica, humor, personalidade, interesses e outros valores. As cores das roupas, da mesma forma, possibilitam associá-las às ocupações de seus usuários e servem para prever comportamentos e influenciar o autoconceito de forma positiva ou negativa, fabricando imagens e comportamentos que não correspondem ao real.

Para Jeremy Butler (2010), a televisão representaria um aparato dotado de diferentes formas de significações estabelecidas a partir do entrecruzamento entre mídia e suas técnicas com o tecido social. Dessa forma, segundo o autor, todo programa de TV possui determinado estilo em sua composição e é importante conhecê-lo para que se faça a apreensão adequada da peça televisiva.

Dessa forma, os mecanismos técnicos compõem a visão sobre linguagem, comunicação e interação na televisão, formando o estilo de determinado programa. Nessa formatação, cabe ressaltar como as movimentações de câmera podem ser observadas como apropriações feitas dos enquadramentos das cenas na apresentação de qualquer programa na televisão (Gutmann, 2012). Esses mecanismos, tomados não apenas como recursos tecnológicos, mas também enquanto técnicas, oferecem possibilidade de analisar os programas religiosos, permitindo avaliações de acordo com os tipos de enquadramento, segundo definições de Ken Dancygen (2003), para o cinema, e Harris Watts (1999), para a TV.

Para os autores, os recursos mais utilizados de planos mobilizados seriam o primeiro plano ou PP (dos ombros para cima); geral (aberto, usado para identificar o local onde acontece a ação); americano (enquadramento da cintura para cima); close ou close-up (também chamado de primeiríssimo plano, é o plano fechado na cabeça do personagem em cena) e plano detalhe (câmera fecha em determinado ponto ou objeto). Em relação aos movimentos de câmera, os mais recorrentes nas cenas de apresentação são o zoom – objetiva de distância focal variável que tem a função de aproximar (zoom in) ou afastar (zoom out) o sujeito representado na tela – e o travelling, pelo qual a câmera se desloca de um ponto a outro. Os efeitos óticos são compostos pelos cortes secos (passagem direta de uma cena para outra), fade-out (gradativo escurecimento da imagem, até o preto total) em oposição ao fade-in, encadeamento, congelamento, câmera lenta e chicote (movimento panorâmico rápido). Esses recursos formam o aparato imagético técnico.

No próximo capítulo, será apresentada a metodologia utilizada nesta pesquisa e seus conceitos principais, tendo em vista que a Análise de Discurso, enquanto área de saber, carrega consigo uma ampla variedade conceitual.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA: ASPECTOS CONSTITUTIVOS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Visando a compreender o processo no qual ocorre a interação entre o homem, agente que influencia e é influenciado pela estrutura do meio, e o fenômeno social, torna-se necessário assimilar como essa relação é permeada por um emaranhado de conceitos e significados construídos socialmente.

A fim de analisar tais processos, algumas teorias se mostram eficazes, tendo como base o entendimento subjetivo do próprio sujeito e de suas possíveis realidades. Para tanto, a Análise de Discurso (AD) se apresenta como instrumento capaz de possibilitar a investigação das discursividades dos líderes religiosos para a consecução desta pesquisa e, para isso, mostra-se oportuno, primeiramente, entender a base do corpus em questão, qual seja, o discurso.

3.1 O discurso

Normalmente se associa a palavra “discurso” aos enunciados solenes, emitidos em ocasiões especiais. Há quem também remeta essa palavra aos pronunciamentos políticos ou ao ato de fala de pessoas inconsequentes, descomprometidas com a realidade (“tudo não passa de um discurso”, por exemplo) ou utilize-a para designar um uso restrito e remissivo da língua aos domínios específicos de alguma área, como “o discurso científico”, “o discurso acadêmico”, “o discurso político”, “o discurso religioso”, dentre outros.

Nessa abordagem, o termo “discurso” é comumente ambíguo, uma vez que pode designar tanto o sistema que possibilita a produção de um conjunto de textos, quanto o próprio conjunto de textos produzidos. Por exemplo, o “discurso católico” pode ser compreendido como o conjunto de textos produzidos por católicos, bem como o conjunto de sistemas e formas de produção desses textos que possam ser enquadrados na categoria “católicos” (Maingueneau, 2013).

A noção de discurso se mostra, assim, imprescindível para a compreensão da AD, afinal, ao tratar a materialidade da linguagem em seus múltiplos

desdobramentos, o “como se diz” é o fio condutor da compreensão dos sentidos (Indursky, 2013). A imagem e o som, componentes intrínsecos da televisão enquanto mídia massiva, são imprescindíveis de análise, já que a pesquisa busca os mecanismos discursivos constituintes de uma materialidade formada por elementos que extrapolam o verbal. Mais a fundo, serão considerados a composição cênica, a movimentação de câmera, os gestos, a voz, a vestimenta, a variedade linguística. Juntos, esses elementos contribuíram para a análise de uma materialidade discursiva que não se esgotou na análise verbal, muito menos na não-verbal e, por isso, filiam-se à AD de Escola Francesa.

Discurso, portanto, “etimologicamente tem em si a ideia de curso, de percurso, de percorrer por, de movimento. O discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2015, p.13). O discurso, que também é objeto de outras ciências sociais e humanas, adota uma configuração diferenciada no campo da AD. Por ser uma disciplina da Linguística, concentra-se, necessariamente, na materialidade da linguagem. Nessa dinâmica, a AD busca o entendimento da língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico e parte do esforço de entendimento social, formador do homem e da história que o representa. Para Orlandi (2015), deve-se primeiramente perceber o sistema não abstrato da AD, a língua viva, com maneiras de significar, com homens falando e considerando a produção de sentidos como parte integrante de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de organização em sociedade, como a religião, componente do corpus desta pesquisa.

Em consequência, não se trabalha, como na Linguística, com a língua fechada nela mesma, mas com o discurso, que é um objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto. Nem se trabalha, por outro lado com a história e a sociedade como se elas fossem independentes do fato de que elas significam (ORLANDI, 2015, p.14).

Na década de 1960, a AD se constituiu no entremeio de questões surgidas na relação entre três domínios disciplinares: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise (língua, história e sujeito). Segundo Ferreira (2010), é importante reiterar que os conceitos que a AD traz de outras áreas de saber, como desse tripé que a sustenta, ao se integrarem ao corpo teórico do discurso, deixam de representar noções com os sentidos estritos originais e se ajustam à especificidade e à ordem própria da rede discursiva.

Assim, interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo, perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise, pelo modo como, trabalhando a historicidade, pensa a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. A AD ocuparia, assim, esse lugar em que se reconhece a impossibilidade de um acesso direto ao sentido e que tem como característica considerar a interpretação como objeto de reflexão e não como um mecanismo formatado e já encerrado, o que Orlandi (2005) classificou como “teoria de interpretação” e da qual a AD se afasta. Assim,

[...] como os sentidos são uma questão aberta (não temos acesso ao sentido enquanto tal e, além disso, ele não se fecha, pois, nesta filiação teórica não há sentido em si) do mesmo modo, penso, a interpretação não se fecha. Temos a ilusão de seu fechamento quando em realidade estamos nos efeitos dessa ilusão. Neste sentido, a questão da interpretação é uma questão datada [...] e, sem dúvida, o desenvolvimento da Linguística e da Psicanálise contribuíram para seu questionamento. O que faz efetivamente a Análise de Discurso: ela interroga a interpretação (ORLANDI, 2005, p. 22-23).

Para a autora, depois do surgimento da AD, nos anos 1960, em um contexto social marcado pelas rupturas inerentes à Linguística e pelo deslocamento na forma em que os intelectuais passaram a encarar a “leitura” (Orlandi, 2005). A partir dos trabalhos de Althusser, Lacan e Foucault, não era mais possível considerar o sentido apenas como conteúdo, o que permite à AD não visar “[a] *o que* o texto quer dizer (posição tradicional da análise de conteúdo face a um texto), mas *como* um texto funciona” (Orlandi, 2005, p. 20).

3.2 Quadro teórico de referência para pesquisa

Isso posto, faz-se necessário explicitar alguns conceitos que abrangem o corpus desta pesquisa, tendo em vista a vasta quantidade de termos possíveis de ser utilizados em diferentes perspectivas. Não se pretende demonstrar um histórico de todos os trabalhos que teorizam a AD, visto que serão recortados princípios, noções e conceitos que irão compor o quadro teórico de referência para proceder à análise do corpus ora proposto.

Importante apontar a noção de formação discursiva (FD), em torno da qual se organizam as demais noções necessárias à composição do referencial teórico. Assim, conforme Pêcheux (2008), o sentido não existe em si, mas sim determinado pelas posições ideológicas questionadas nos processos sociais e históricos em que as palavras são produzidas, apresentando outros sentidos de acordo com as posições (sociais, culturais, históricas) de quem as emprega. Apesar desse caráter relacional ao qual estão submetidos a palavra e o sentido, ou seja, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem, “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada (a partir de uma posição) em conjunto com uma conjuntura sócio-histórica, determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2015, p. 41).

A autora explicita dois apontamentos constitutivos que se mostram fundamentais na conceituação de FD. O primeiro diz respeito ao fato de o discurso ser formado em seus sentidos, posto que aquilo que é dito pelo sujeito se insere em uma determinada FD a fim de que guarde um determinado posicionamento. De acordo com Eni Orlandi (2015), as palavras não teriam sentido nelas mesmas, pois derivariam seus sentidos das FDs em que se inscrevem, as quais, por sua vez, representariam no discurso as formações ideológicas que determinariam os sentidos. Dessa forma, tudo o que é dito guarda um traço ideológico em relação a outros ditos já existentes, o que estaria ligado à discursividade e à maneira como a ideologia é produzida no discurso, materializando-se nele ao produzir seus efeitos. A interconexão entre as palavras na formação de sentido, assumindo uma FD pelo sujeito, é apontada por Orlandi como diferentes formas de dizer, já que “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (ORLANDI, 2015, p. 40).

Nessa perspectiva, verifica-se que as FDs podem se apresentar diferentes no discurso, pois os sentidos se mostram igualmente diversificados, perfazendo a discursividade e assumindo, dessa forma, outras posições, haja vista a fluidez e a permeabilidade características dessas formações.

Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas. No entanto, é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas,

configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações (ORLANDI, 2015, p. 42)

O segundo apontamento feito pela autora se refere aos diversos sentidos contidos no funcionamento do discurso, percebidos nas diferentes FDs. Assim, palavras iguais podem guardar sentidos diferentes, dependendo de suas posições assumidas no discurso. A evidência do sentido, que é efeito ideológico, não permite entender a historicidade de sua construção. Da mesma maneira, aconteceria com a evidência do sujeito (sua identidade), uma vez que o fato de “eu” ser “eu” parece tão óbvio que pode inclusive apagar o processo de identificação.

[...] o sujeito se constitui por uma interpelação – que se dá ideologicamente pela sua inscrição em uma formação discursiva – que, em uma sociedade como a nossa, o produz sob a forma de sujeito de direito (jurídico). Esta forma-sujeito corresponde, historicamente, ao sujeito do capitalismo, ao mesmo tempo determinado por condições externas e autônomo (responsável pelo que diz), um sujeito com seus direitos e deveres (ORLANDI, 2015, p. 43).

Cabe observar a noção de condição de produção de um sentido inserido em uma discursividade, o que, segundo Charaudeau (2006), compreenderia os sujeitos, as situações e a memória. A condição de produção de sentido leva à circunstância da enunciação, ou seja, o “contexto imediato”. Já o chamado “sentido amplo” estaria ligado às produções de sentido que envolvem o contexto ideológico e sócio-histórico. Exemplificando, o contexto imediato seria o espaço religioso que servira de cenário para os programas veiculados pela televisão, a movimentação de câmera, as pregações religiosas de cada um dos líderes religiosos colocados sob investigação, as vestimentas, o tom de voz e o seu gestual. O contexto amplo seria o que permite trazer à tona os efeitos de sentido, como a autoridade presente nas lideranças religiosas, o que confere a tomada do lugar de fala e os mecanismos por meio dos quais os discursos religiosos proferidos acionariam determinados sentidos em detrimento de outros.

A memória seria, por sua vez, parte integrante no processo de produção de sentido e, nessa perspectiva, é considerada como parte do interdiscurso, entendido como um espaço maior, subjetivo, que conteria outros discursos já-ditos. Segundo Orlandi,

Interdiscurso é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber

discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2015, p. 29).

Pêcheux (1975) utiliza as FDs para definir o conceito e as relações que envolvem o interdiscurso, apresentando o conceito de “todo complexo dominante”. Assim, o autor aponta que “[...] toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com relação ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas’ [...]” (Pêcheux, 1975, p. 162). O que importa destacar nesta passagem é a caracterização do “todo complexo dominante” como interdiscurso, sendo que todas as FDs seriam dependentes dele.

No que diz respeito à religião, o interdiscurso seria tudo o que já se disse sobre Deus, morte, vida, paz, oração e demais itens lexicais relacionados ao tema, significando e, ao mesmo tempo, sendo ressignificados. Todos os sentidos já ditos, em algum lugar, em algum momento, mesmo que distantes, têm efeito sobre o que se diz agora. Para Maingueneau (2015), o interdiscurso abrangeria o todo discursivo com as Fds nele presentes, apontando, assim, para as posições do sujeito nesse discurso. Para tanto, essas formações se mostram nos enunciados, termo estritamente ligado à FD e, conseqüentemente, à AD.

Gregolin (2007) aborda as condições necessárias para o surgimento de alguns enunciados em detrimento da proibição de outros, o que indicaria que, em um momento histórico, há algumas ideias que podem ser enunciadas e outras que precisam ser caladas. Silenciamento e exposição seriam duas estratégias que controlariam os sentidos enunciativos, evidenciando determinada FD.

Segundo Courtine (1981), o enunciado consistiria, então, em um esquema, coordenando a repetição de ditos no interior de uma rede de formulações, entendida pelo autor como um conjunto estratificado de formulações que consiste em reformulações possíveis de enunciados. Nessa dinâmica, as diferentes redes de formulações que se estabelecem em uma FD seriam responsáveis pela existência da FD em questão. Os enunciados se articulariam, estabelecendo a referência dos elementos de saber de uma formação.

A definição do enunciado, como parte integrante do interdiscurso, “é uma concepção essencialmente discursiva de enunciado, diferenciando-se, pois, da

concepção linguística e enunciativa do enunciado. Por essa razão a designamos de enunciado discursivo” (INDURSKY, 2013, p. 46).

Outro conceito necessário ao entendimento da análise proposta é o de cena enunciativa, integrante do gênero do discurso. A cena da enunciação seria o espaço ocupado pelo sujeito no discurso, com as características próprias atribuídas por esse discurso. Para Maingueneau (2015), o termo “cena” apresenta ainda a vantagem de poder se referir ao mesmo tempo a um quadro e a um processo: “ela é, ao mesmo tempo, o espaço bem delimitado no qual são representadas as peças na cena e as seqüências das ações, verbais e não verbais, que habitam esse espaço” (MAINGUENEAU, 2015. p. 117).

Os líderes religiosos, ao desempenharem um determinado papel na cena enunciativa, apresentam-se, não só como homens, mas também como porta-vozes de Deus, conferindo existência a uma cena enunciativa enquanto proferem seus discursos. Para Maingueneau (2015), é nos gêneros instituídos que os sujeitos estão mais conscientes de que participam de uma cena de enunciação e de que desempenham um papel previamente imposto.

Abordar o dialogismo e as conexões que ele estabelece no discurso é necessário, uma vez que relações de poder são observadas na utilização desse mecanismo. Assim, Indursky (2013) aponta que quando o sujeito do discurso se manifesta, inevitavelmente movimenta um funcionamento discursivo que pode ser compreendido como a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado e com finalidades específicas. Essa determinação, segundo Orlandi (1996), não estaria ligada nem ao número, nem à presença física, nem à situação objetiva de seus interlocutores, mas às formações imaginárias de representação, ou seja, à posição dos sujeitos no discurso.

Essa ideia do funcionamento discursivo traz a concepção de dialogismo. “Em discursos, a interlocução se constrói através do funcionamento discursivo, que exclui a alternância entre os sujeitos do discurso nas posições de locutor e interlocutor” (INDURSKY, 2013, p. 65). Essa falta de alternância estaria marcada a partir da imagem da dominação, relativa ao locutor (os líderes religiosos), e pela imagem do dominado, correspondente ao destinatário (os fiéis).

Orlandi (1996) entende que a concepção dialógica EU/TU da linguagem supõe um percurso social constituído da significação que está inserida na relação entre os diferentes lugares sociais com seus respectivos poderes desiguais. Freda Indursky

(2013) afirma que essa concepção dialógica da linguagem, abordada por Orlandi, aponta para o fato de que o dialogismo EU/TU surge como delimitador de vozes desiguais, como se percebe na modalidade de discurso religioso.

3.3 O discurso religioso e suas especificidades

Orlandi (1996) utiliza de alguns critérios na diferenciação dos tipos de discurso, sendo que o principal deles, segundo a autora, seria a noção de reversibilidade, em maior ou menor grau, dependendo dos tipos discursivos, classificados como polêmico, lúdico ou autoritário. Reversibilidade seria a possibilidade de troca de papéis e posições na interação que constitui o discurso, ao mesmo tempo em que é constituída por eles. A autora propõe a reversibilidade como condição do discurso, uma vez que sem essa dinâmica na relação de interlocução, o discurso não aconteceria.

Para tanto, o discurso religioso busca anular a possibilidade de reversibilidade, pois se apresenta como desmembramento do discurso autoritário. Segundo a autora,

Todas as formas de discurso têm como parâmetro essa noção e, em se tratando do discurso autoritário, gostaríamos de observar que, embora não haja reversibilidade de fato, é a ilusão da reversibilidade que sustenta esse discurso. Isso porque, embora o discurso autoritário seja um discurso em que a reversibilidade tende a zero, quando é zero o discurso se rompe, desfaz-se a relação, o contato, e o domínio (o escopo) do discurso fica comprometido. Daí a necessidade de se manter o desejo de torná-lo reversível. Daí a ilusão e essa ilusão tem várias formas nas diferentes manifestações do discurso autoritário (ORLANDI, 1996, p. 240).

A reversibilidade apresenta, como consequência direta, outro critério utilizado para a distinção de tipos de discurso: a polissemia, a multiplicidade de sentidos. De acordo com Orlandi (1996), o discurso autoritário tende à monossemia, de forma contida, isso porque todo discurso é incompleto, pois, um discurso tem relação com outros discursos, sendo constituído pelo seu contexto imediato de enunciação e pelo contexto histórico-social, e se institui na relação entre formações discursivas e

ideológicas. “Todo discurso, por definição, é polissêmico, sendo que o discurso autoritário tende a estancar a polissemia” (ORLANDI, 1996, p. 240).

Na análise dos discursos religiosos nesta pesquisa, verificam-se diversos enunciados que tendem a ratificar esse caráter monossêmico, principalmente quando os líderes religiosos, enunciadore sob investigação, adotam uma estratégia comum a esse grupo, qual seja, a interpretação para os fiéis de leituras sagradas e respeitadas, como a Bíblia. No corpus em análise, os locutores pleiteiam um lugar privilegiado, de autoridade divina – alguém que interpreta e discerne a revelação da voz de Deus. Portanto, alguém que teoricamente não pode ser questionado, ao contrário, é acatado, ouvido e respeitado. A voz em questão não é a sua, mesmo que ele seja o enunciador do sermão. Quem enuncia nesse caso é supostamente um Deus que domina os homens, inclusive e principalmente aqueles que proferem as pregações e, sendo assim, a única possibilidade é a de que prevaleça o caráter monossêmico no discurso.

Althusser (1980) exemplifica a estrutura formal de qualquer ideologia com a ideologia religiosa cristã, desenvolvendo um modelo fictício de discurso religioso que funcionaria como um dicionário discursivo. Como para o autor o termo central é a noção de sujeito, as duas teses que sustentam sua argumentação são: só existiria prática através e sob uma ideologia; só existiria ideologia através do sujeito e para sujeitos.

Para Althusser (apud Orlandi, 1996), o fato de haver uma interpelação dos sujeitos com uma identidade pessoal faz surgir uma condição absoluta para se pôr em cena sujeitos religiosos cristãos: só existiria sujeitos religiosos possíveis porque existe um Outro Sujeito único e absoluto. Assim, Deus seria o Sujeito e, os homens, os seus interlocutores-interpelados. O autor também aponta a necessidade do desdobramento do Sujeito em sujeitos e do próprio Sujeito em sujeito-sujeito (dogma da Trindade cristã¹⁶), analisando como se dá, por meio da estrutura, o funcionamento da ideologia religiosa.

Nessa análise, é possível, diante das posições desses sujeitos, avaliar o que Orlandi classifica como “desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte”:

O locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos, os homens). Isto é, locutor e ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal.

¹⁶ Segundo Hegel (2001), a interpretação da trindade cristã apresenta as seguintes características gerais: uma primeira totalidade (universalidade abstrata) ainda não determinada (Pai), que para se reconhecer recorre à universalidade concreta, vivendo a humanidade até as últimas conseqüências na morte (Filho), ressuscitando na reconciliação do infinito no finito, num auto-reconhecimento de Si (Espírito Santo).

O locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros, falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens (ORLANDI, 1996, 243).

A assimetria verificada aponta para a não-reversibilidade, pois o sujeito (homem, fiel) não pode ocupar o lugar do Sujeito (Deus na figura de quem fala por ele). Esse desnivelamento pode ocorrer em alguns enunciados nos quais os líderes religiosos marcam discursivamente sua distância com o fiel, apontando o que seria a vontade de Deus, ou, o que Deus esperaria de cada um, além de interpretar como deveria ser satisfeita essa vontade.

Orlandi (1996) oferece uma análise sobre o grau de autonomia que permeia os vários tipos de discurso, percebida em maior ou menor grau de acordo com a autonomia do representante em relação ao que fala. Há, pois, diferentes graus de autonomia, os quais são inexistentes no discurso religioso, posto que o líder, representante de Deus, por mais autoridade simbólica possa demonstrar, não pode modificar a voz de Deus que apresenta regras no procedimento por meio das quais se dá sua apropriação, além da regulação imposta pelos textos sagrados, pela Instituição e até mesmo pelas cerimônias.

Dada a forma da representação desnivelada, percebida pela intensidade da voz divina caracterizada pela relação falante/ouvinte no discurso religioso, mantém-se a distância entre o dito de Deus e o dizer do homem, o que mostra o que a autora classifica como “obscuridade” dessa significação, inacessível e desejada. “Uma vez que há obscuridade, há sempre a possibilidade das diferentes interpretações (leituras) das palavras (do texto), mas essas diferenças observam um regulamento categórico: além de um certo limite, [...] são consideradas transgressões” (ORLANDI, 1996, p. 245).

Outra consideração oportuna apresentada pela autora se refere à forma de representação, pois ser representante, no discurso religioso, é estar no lugar de, não é estar no lugar próprio e essa diferença se mostra fundamental quanto aos outros discursos. O sujeito se transformaria naquele do qual ocupa o lugar. “O representante, ou seja, aquele que fala no lugar de Deus transmite Suas palavras. O representa legitimamente, mas não se confunde com Ele, não é Deus” (ORLANDI, 1996, p. 253).

Esse sujeito (homem) que representa o Sujeito (Deus) ao proferir as pregações, desencadeia uma série de mecanismos discursivos, inerentes ao caráter religioso institucional. Segundo Pedrosa (2007), algumas “funções” são inerentes ao

discurso religioso. A “função pedagógica” garantiria a aprendizagem das crenças e a transmissão de sua legitimidade, determinando os preceitos destinados a regular o comportamento do fiel. Já a “função simbólica” se mostra ligada a toda prática ritualística, o que confere a essa modalidade um caráter de opacidade discursiva, pois se o ouvinte não for um membro da instituição, pouco compreenderá sobre o discurso. A “função mobilizadora”, por sua vez, está ligada aos valores defendidos pela instituição religiosa. A “função reguladora” do discurso é responsável por manter a ordem, caso alguma norma seja violada. Essas funções do discurso religioso podem ser observadas, no corpus desta pesquisa, de forma mais acentuada na missa católica e no culto neopentecostal, dado o caráter ritualístico desses programas.

No próximo capítulo, os discursos dos líderes das três vertentes religiosas selecionadas serão analisados com base nos mecanismos oferecidos por esta AD, ora apresentada, como instrumento de investigação.

4 O DIVINO NO MOVIMENTO DAS DISCURSIVIDADES

Neste capítulo, será traçado um panorama histórico contextual de cada religião analisada e, por conseguinte, de cada programa que compõe o objeto desta pesquisa. Como o espiritismo, o neopentecostalismo e o catolicismo guardam diferenças quanto aos seus dogmas, perceptíveis em seus programas de TV, é possível perceber o caráter identitário de cada uma dessas religiões cristãs, além de semelhanças quanto ao trato com a mídia. Será delineado um breve perfil dos líderes religiosos que representam cada uma das três vertentes: médium Divaldo Pereira Franco, apóstolo Valdemiro Santiago e padre Marcelo Rossi.

No que tange à mídia, encontra-se em maior número referências bibliográficas que abordam católicos e evangélicos que espíritas. Por meio de pesquisa, foi constatada uma quantidade significativa de artigos na Internet, no entanto, divulgados por Instituições, Confederações e Centros de Estudos Espíritas, demonstrando caráter predominantemente institucional. Todavia, por verificar que a gramática midiática atua de forma parecida nos três programas, tomando elementos comuns de tecnicismo e de linguagem, considerações sobre a interface entre mídia e religião serão possíveis.

Diante da análise dos discursos religiosos, não só a linguagem verbal, mas também os aspectos que contribuem para a formação do composto discursivo propriamente dito. Isso se deve ao fato de serem programas veiculados na TV, de caráter marcadamente visual e auditivo e formarem também a materialidade discursiva composta por cenografia, músicas, movimentação de câmera, roupas, acessórios, dentre outros. A análise de todos esses elementos auxilia na compreensão de aspectos intrínsecos ao meio televisivo, com influência direta na percepção e propagação do discurso religioso enquanto gênero discursivo.

4.1 “Conversando com Divaldo Franco”

De acordo com o Censo Demográfico de 2010, realizado pelo IBGE, o espiritismo ou doutrina espírita é a religião que majoritariamente agrega fiéis com maior

escolaridade e renda. O termo provavelmente foi introduzido no Brasil pelos seguidores da doutrina codificada pelo pedagogo e educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec, a quem é atribuída e sistematização do espiritismo (Lang, 2008).

Segundo Prandi (1998), o espiritismo é marcado pela pretensão de associar fé e ciência e, ao aportar no Brasil na segunda metade do século XIX, adquiriu novos contornos, notadamente no que tange à religiosidade de cura e a questões inerentes aos elementos da natureza, características tipicamente constituintes da formação religiosa brasileira. Ao apresentar em sua base a caridade e a crença na reencarnação como um dos meios de se alcançar progresso espiritual, iniciou-se um movimento sincrético que aproximou alguns de seus preceitos ao do candomblé, originando desse contato, grosso modo, a Umbanda, ainda na década de 1920.

Para Prandi (1998), o espiritismo é uma doutrina que busca unir Filosofia, Ciência e Religião, numa tentativa de aproximar esses três conceitos, uma vez que não os concebe como excludentes, ao contrário, entende a Filosofia como parte da estrutura conceitual e normativa, a Ciência, como norteadora do pensamento racional e positivista e a Religião, como práxis cristã voltada ao transcendental. Além disso, apresenta como princípios a imortalidade da alma, a pluralidade das existências e dos mundos habitados e a comunicabilidade entre os espíritos, alicerçados pelo chamado “Pentateuco Espírita”¹⁷, ou, as cinco obras básicas da doutrina espírita, quais sejam, “O Livro dos Espíritos”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno”, “A Gênese” e “O Livro dos Médiuns”.

Os encontros dos fiéis acontecem nos Centros Espíritas, locais de reuniões abertas ao público, de caráter doutrinário, além das reuniões mediúnicas, popularmente conhecidas por “sessões espíritas”, de caráter reservado. Geralmente os Centros, como são mais conhecidos, constituem-se, além de salas para reuniões privadas, de auditórios para as palestras, onde também são promovidos, dentre outros, estudos de obras espíritas e cursos voltados à assistência social.

Nesses espaços não se encontram referências simbólicas religiosas, como comumente verifica-se em templos católicos ou evangélicos (cruzes, velas, santos). O

¹⁷ Referência ao termo “Pentateuco”, palavra de origem grega que significa “os cinco rolos”, composto pelos cinco primeiros livros da Bíblia (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio). Entre os judeus é chamado de Torá, uma palavra da língua hebraica com significado associado ao ensinamento, instrução, lei. É uma referência à primeira parte do Tanakh, os primeiros cinco livros da Bíblia Hebraica, cuja autoria é atribuída a Moisés.

único elemento constitutivamente simbólico no espiritismo é a água, que teria a capacidade física de reter fluidos benéficos para o fiel, a chamada “água fluidificada”, mas que não é exclusivamente utilizada por espíritas, uma vez que está presente também entre os neopentecostais, principalmente depois do surgimento dos programas desse segmento na TV. Cabe mencionar que a água é componente representativo de quase todas as denominações cristãs, no entanto, numa acepção mais voltada à purificação e renovação, como no batismo e rituais fúnebres e não como reparadora de energias físicas e psíquicas (cura).

Dados aferidos pelo IBGE apontam que, entre 1940 e 1950, a religião mais que dobrou em números de adeptos. Para aquela década, o crescimento populacional chegou a 26%, os católicos aumentaram em 24%, os protestantes, 62%, e os espíritas, 78%. Para Stoll (2003), o fato pode ser entendido pelo crescimento, no mesmo período, do mercado editorial espírita no país e pela consolidação de Francisco Cândido Xavier, conhecido por “Chico Xavier”, como o maior expoente dessa vertente religiosa no Brasil.

Em 1971, o líder espírita participou do programa de entrevistas “Pinga-Fogo”, exibido pela TV Tupi. É possível perceber o alcance da televisão como divulgadora ideológica, pois essa primeira aparição de Chico Xavier na televisão é considerada o marco divisor da popularização do Espiritismo no país, atestando o alto teor de espetacularização desse veículo. A partir desse episódio, percebe-se a participação de lideranças espíritas em programas de televisão, especialmente para discorrerem sobre assuntos de cunho delicado ou trágico, tratados pela televisão de forma espetacular ou sobrenatural.

O orador Divaldo Pereira Franco, após a morte de Chico Xavier em 2002, naturalmente assumiu um papel de destaque no cenário espírita, mesmo já contando com grande visibilidade desde 1952, quando fundou a “Mansão do Caminho”¹⁸ em Salvador, Bahia. Servidor público aposentado, Divaldo Franco tem 90 anos e já divulgou o Espiritismo em palestras e conferências em mais de 50 países. Geralmente trajando terno ou roupas formais, o orador conduziu o programa “Conversando com Divaldo Franco”, originalmente produzido pela TV Mundo Maior e veiculado durante anos em canais de TV abertos, como Rede TV e TV Gazeta. Em 2008, o programa

¹⁸ Complexo filantrópico que atende a cerca de três mil crianças e jovens carentes em um dos bairros periféricos mais carentes de Salvador. Tem 83mil m² e 43 edificações. A obra é basicamente mantida com a venda de livros mediúnicos, fitas e DVDs gravados nas palestras.

encerrou suas atividades e a TV Mundo Maior, hoje detentora dos direitos de imagem e divulgação, continua transmitindo o material audiovisual que possui gravado em acervo.

O programa “Conversando com Divaldo Franco” se apresenta no formato de entrevista, basicamente no estilo pergunta e resposta, mantendo tom de conversa informal como o próprio nome do programa sugere. Essa percepção pode ser reforçada pela estrutura do cenário, composto de duas poltronas quase de frente uma para outra, de modo que a apresentadora e o líder religioso se olhem diretamente e também estejam enquadrados pelas câmeras. Ao fundo, uma imagem de ondas do mar quebrando em uma praia, bastante clara e em tonalidade verde, sugere um clima de tranquilidade e paz. “Conversando com Divaldo Franco” guarda as particularidades técnicas de não contar com plateia, uma vez que foi formatado apenas para transmissão pela TV, além de ser o único dentre os programas analisados não transmitidos ao vivo.

O programa aborda temas gerais cotidianos como pano de fundo para explicações doutrinárias, abrindo espaço para participação popular por meio de perguntas direcionadas ao líder espírita, gravadas em ambiente externo. Divaldo Pereira Franco utiliza vocabulário rebuscado, como palavras pouco usuais, e variedade linguística formal, com composições frasais complexas, divergindo do que sugerem os manuais de redação para TV que compreendem o texto coloquial como o mais adequado para a televisão. Para Paternostro (2013), a comunicação através da televisão deve buscar atingir o telespectador por meio de linguagem coloquial, concisa e de fácil interpretação. “A busca do texto coloquial consiste em se encontrar um texto de entendimento comum para a mensagem que será transmitida” (PATERNOSTRO, 2013, p. 95).

Outra característica apresentada por Divaldo Franco nos programas analisados é o uso sistemático de referências a passagens históricas e a apresentação de dados de pesquisas científicas que parecem ser usados para legitimar seu discurso, além de torná-lo erudito.

“[...] desde a eclosão dos direitos humanos à **Revolução Francesa em 1791** que o quadro vem sendo revertido. **Ainda existem hoje na Terra 800 milhões de indivíduos condenados à morte pela fome, segundo dados da FAO (Organização Mundial de Alimentos).**”

“[...] **um Deus antropomórfico**, o Deus de Israel, o Deus dos exércitos, o Deus que criava e se arrependia, portanto um **Deus humanoide**. Allan Kardec, **que era um**

filólogo e profundo conhecedor da língua Francesa, interroga com perfeição: ‘**Qu'est-ce que Dieu?**’, que é Deus?’ (Programa 1)

“Pode parecer uma resposta simplista, mas se nós observarmos as fotografias do **telescópio Hubble**, que nos dá notícias de **galáxias, que são absorvidas pelos buracos negros e de poeira cósmica que se transforma em novas galáxias**, poderemos perguntar que/quem as fez. **Neste universo em que nós temos duzentos bilhões de galáxias e, em nossa galáxia temos aproximadamente cem milhões de sóis**, nós temos que convir que há uma causalidade absoluta de uma inteligência suprema: Deus.” (Programa 2)

“É a célebre frase da **doutora Montessori**, autora de ‘**A Casa dei Bambini**’, em Roma, quando a mulher lhe perguntou como deveria educar o seu filho e ela perguntou: ‘e que idade tem seu filho?’” (Programa 3)

“Eu li um **conto anedotário**” (Programa 3)

“[...] **lembro-me de que Pestalozzi, o notável pedagogo suíço**, quando chegava um aluno novo, Cláudia, ele ajoelhava-se para receber o aluno novo e então eu me perguntava: ‘Mas o que **Pestalozzi** estava querendo dizer?’ (Programa 3)

Apresentado em cenário simples e sem plateia, “Conversando com Divaldo Franco” destoa dos demais programas em análise, pois o líder religioso está sentado em interação com a apresentadora e com o telespectador, ao olhar para a câmera situada atrás dela para respondê-la. O processo de comunicação cinésico de Divaldo Franco se apresenta contido, limitado, nas três edições dos programas analisados e a mesma discrição e aparente tranquilidade parecem se aplicar ao processo entonacional, pois não há variação. Uma câmera com teleprompter se encontra exatamente atrás da apresentadora e do líder espírita para acompanhamento de leituras. Na parte frontal do cenário, numa posição mediana entre os dois personagens, há uma terceira câmera que registra o ambiente cênico numa visão mais ampliada.

Em “Conversando com Divaldo Franco”, nota-se alternância entre plano geral e plano americano, o que aponta para o núcleo da cena, ou seja, a figura do orador. Esses enquadramentos mantêm proximidade em relação à audiência, com a qual Divaldo Franco busca cumplicidade por meio do que diz, ao mesmo tempo em que permitem que o telespectador-fiel se sinta parte do diálogo. Na movimentação de câmera não se verifica a presença de zoom e travelling e os efeitos óticos se restringem a cortes secos.



Figura 4 - Posicionamento de câmeras

Fonte: <https://jesuscaminhodaluz.blogspot.com.br/2013/04/>



Figura 5 - Plano Geral Divaldo e entrevistadora

Fonte: Frame do programa “Conversando com Divaldo Franco” (Programa 1)



Figura 6 - Plano Americano Divaldo

Fonte: Frame do programa “Conversando com Divaldo Franco” (Programa 1)

Cada uma das três edições do programa possui a mesma estrutura: vinheta de abertura do programa (20 segundos, contendo imagens da Mansão do Caminho com música tocada em piano em BG¹⁹); no primeiro bloco, uma pergunta e uma resposta; entra off²⁰; uma pergunta e uma resposta; vinheta para chamada do segundo bloco; vinheta abertura segundo bloco; povo fala; duas perguntas e duas respostas; vinheta para chamada do terceiro bloco; uma pergunta e uma resposta; considerações de Divaldo Franco sobre o tema abordado e fechamento do programa com vinhetas. Os offs trazem informações adicionais ao tema, como dados estatísticos e citações de estudiosos, filósofos e outras personalidades, com aproximadamente três minutos e meio.

Em relação à análise do discurso do líder religioso, diversas formações discursivas poderão ser depreendidas dos vários enunciados presentes. Divaldo Franco, no primeiro programa, ao abordar a desigualdade social (FD), o faz por meio de enunciados (E) que corroboram sua discursividade.

“Seria uma violência por parte de Deus e as leis cósmicas são leis de amor. A divindade nos proporciona o livre arbítrio e estabelece o determinismo. O determinismo é a plenitude; o livre arbítrio é a eleição para alcançar essa plenitude. **(E1)** Muitas vezes espíritos egotistas elegem para si direitos que não permitem ao seu próximo e através de uma estrutura social algo degenerada, multimilenar, alguns se permitem privilégios com olvido total de todos aqueles que necessitam dos mesmos recursos. Então os bens da fortuna, que deveriam ser repartidos socialmente com justiça, ainda se encontram nas mãos da avareza e por isso ocorrem estes disparates. **(E2)** Mas aqueles que hoje usufruem com verdadeiro exagero, voltarão na carência por causa do mau uso que fizeram dos dons e dotes que lhes foram emprestados. **(E3)** Não pretendemos preocupar-nos com esses que estão na carência total e que passam por dificuldades. **(Enunciados sobre a formação discursiva “desigualdade social de acordo com a visão espírita”)**

Importante perceber elementos considerados clássicos permeando as edições do programa, como a música tocada em piano na vinheta de abertura, menções a nomes reconhecidamente voltados à arte e à cultura. Traços dessa formalidade atravessam o discurso de Divaldo muito além da escolha das palavras, uma vez que emergem formações discursivas que apontam para conservação de tradição religiosa, e manutenção de questões sociais e ético-religiosas, que estariam em consonância aos desígnios de Deus.

¹⁹ Abreviatura do inglês background (“fundo”). Música, voz ou efeito sonoro inserido simultaneamente à fala e que vai ao ar num volume mais baixo. Dá suporte à transmissão e não deve prejudicar a clareza da fala.

²⁰ Texto narrado por um repórter cuja locução é coberta por imagens.

Pergunta: “Não seria mais fácil ele simplesmente intervir e acabar com tudo isso”?

Resposta: “Seria uma violência por parte de Deus e as leis cósmicas são leis de amor. A divindade nos proporciona o livre arbítrio e estabelece o determinismo”. **(FD: conservação da tradição religiosa)**

“Mas a lei é natural, porque o morrer e o retornar são fenômenos propostos pela legislação divina. Aquelas dificuldade de hoje serão recompensadas amanhã”. **(FD: conservação da tradição religiosa)**

“[...] mas desde que o homem renovado se empenhe na transformação do meio em que vive, sendo esta, aliás, sua indeclinável obrigação”. **(FD: conservação da tradição religiosa)**

“Não podemos fazer culpa pelas ocorrências do processo evolutivo”. **(FD: conservação da tradição religiosa)**

Ele não estava se utilizando do supérfluo. A sua nova posição exigia um esquema normalmente chamado ‘status’ correspondente a sua função em uma empresa de alto suporte ou de alto conteúdo, seja de natureza econômica, seja industrial. **(FD: manutenção de questões sociais e ético-religiosas)**

Então o nosso amigo, estando naquele carro de luxo, ele está recebendo recursos para desempenhar bem a tarefa, porque se ele tivesse que pegar o ônibus, ele teria que acordar uma hora ou duas antes. Chegaria já desgastado ao trabalho e talvez não pudesse corresponder. **(FD: manutenção de questões sociais e ético-religiosas)**

Há, nos enunciados acima, uma diretriz discursiva que aponta para uma lei divina que parece explicar uma suposta evolução espiritual mediante cumprimento de normas, a qual toda a humanidade estaria sujeita, indelevelmente. Nesse curso, é possível perceber que esses enunciados são pontos axiomáticos do espiritismo, tratados por Divaldo Franco como “lei natural”. É o caso, por exemplo, da passagem evangélica que atestaria o espiritismo como o cumprimento de uma promessa feita por Jesus do envio de um consolador que falaria em seu nome. A menção ao “consolador” prometido elevaria o espiritismo à categoria da religião, verdadeira por excelência, reveladora de sentidos que, conforme registrado no livro de João, no novo testamento da Bíblia²¹, a humanidade não estaria pronta para entender à época.

²¹ João 16:7-12 “Todavia digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, quando eu for, vo-lo enviarei. E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo. Do pecado, porque não creem em mim; da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais; E do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado. Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora”.

“Então o **Espiritismo é a proposta libertadora**, é o Cristo de volta (não fisicamente, é óbvio), mas é o seu pensamento de amor através do **consolador que Ele prometeu**”.

De acordo com os elementos dinâmicos de interação, o líder religioso não apresenta dinamismo performático em suas explanações no programa de TV, até mesmo por seu perfil senil e reservado, que se propõe à doutrinação daqueles que já são adeptos ao espiritismo, apresentando traços proselitistas pouco acentuados, o que pode encontrar respaldo nas palavras utilizadas em seu discurso que fazem parte do vocabulário espírita, desconhecido pela maioria que não tem acesso a essa religião.

“[...] Os espíritos não poderiam ‘entrar’ nos porcos porque também não estavam ‘dentro’ do homem. A obsessão é sempre um fenômeno de perísprito a perísprito, mesmo nos casos graves de subjugação, nos evangelhos denominados como possessão, o espírito continua dentro do ser humano como um líquido num vasilhame. Em realidade o texto diz: ‘não nos mande ao Hades, pelo menos deixa-nos entrar nesses porcos, que estourando, tombaram no mar’. Ora bem, quando esses espíritos saíram criaram uma psicofera perturbadora e como os animais podem ver – não se trata de mediunidade – pela densidade fluídica assustaram-se e então aquela vara atirou-se no abismo [...]” (Programa 2)

“Seria uma violência por parte de Deus e as leis cósmicas são leis de amor. A divindade nos proporciona o livre arbítrio e estabelece o determinismo. O determinismo é a plenitude; o livre arbítrio é a eleição para alcançar essa plenitude. Muitas vezes espíritos egotistas elegem para si direitos que não permitem ao seu próximo e através de uma estrutura social algo degenerada, multimilenar, alguns se permitem privilégios com olvido total de todos aqueles que necessitam dos mesmos recursos”.

“Quando o espírito retorna ao mundo espiritual e dá-se conta do desperdício ele já está em curso numa lei de reparação, então o fenômeno reencarnatório automático”.

Isso posto, verifica-se que Divaldo Franco interage com um telespectador espírita, letrado e com alto nível de escolaridade, o que vai ao encontro dos dados aferidos pelo IBGE que apontam o espiritismo como a religião cristã brasileira com maior percentual de fiéis com ensino fundamental completo (98,6%), além de configurarem também como o maior percentual com ensino superior (31,5%). As formações discursivas apontam também para um enunciador de classe média/alta, tanto nas figuras do líder religioso quanto da apresentadora. A cena enunciativa, ao situar as relações entre os sujeitos e demarcar os “lugares de fala”, pode ser analisada sob o viés dialógico EU/TU, o qual também permite traçar a intensidade das vozes enunciativas por meio dos marcadores sintáticos de fala. Os traços EU, NÓS estariam ligados aos

enunciadores em posição de superioridade financeira e moral, enquanto que ELE, AQUELE, ESSE aos necessitados material e moralmente.

“Mas **aqueles** que hoje usufruem com verdadeiro exagero”.

“**Nós** temos dez roupas, adquirimos mais dez”.

“É um desrespeito à necessidade **daqueles** que são os profundamente carentes”.

“**Ele** pede para vir numa situação de dificuldade a fim de aprender na carência”.

“Agora, nas grandes cidades, existe também **aquele** que tem a dificuldade financeira e se vale para enganar as pessoas”.

“**Nós** experimentamos isso na Mansão do Caminho quando encontrei pessoas pedintes”.

“Porque assim iremos eliminar o intermediário que é o explorador da infância, como também da velhice, como **aqueles** também que têm as receitas permanentes para comprar o remédio ou **aqueles** que querem a passagem para voltar”.

“Então **nós** temos que educar para que as pessoas se dignifiquem”

Verifica-se, no discurso do orador a presença de diferentes enunciados (E), que evidenciam formações discursivas (FD) responsáveis pela manutenção do status quo justificada por meio de teorias de causa e efeito. Tem-se, por exemplo, as formações discursivas (FD1) “**bens materiais não é pecado**” e (FD2) “**justiça divina pode punir**”, que podem ser observadas sejam para (FD3) “**fundamentar a prosperidade material**” de uns ou para (FD4) “**explicar a resignação que deve acompanhar a pobreza**” de outros. Assim, temos:

(E1/FD1) “Não podemos fazer culpa pelas ocorrências do processo evolutivo. Ele não estava se utilizando do supérfluo. A sua nova posição exigia um esquema normalmente chamado ‘status’ correspondente a sua função em uma empresa de alto suporte ou de alto conteúdo, seja de natureza econômica, seja industrial”.

(E2/FD2) “Mas aqueles que hoje usufruem com verdadeiro exagero, voltarão na carência por causa do mau uso que fizeram dos dons e dotes que lhes foram emprestados”.

(E3/FD3) “Então o nosso amigo, estando naquele carro de luxo, ele está recebendo recursos para desempenhar bem a tarefa, porque se ele tivesse que pegar o ônibus, ele teria que acordar uma hora ou duas antes. Chegaria já desgastado ao trabalho e talvez não pudesse corresponder”.

(E4/FD4) “Ele (espírito) pede para vir numa situação de dificuldade a fim de aprender na carência a boa administração que a divindade lhe considerar em outra ocasião”.

(E5/FD4) “Podemos dizer que são espíritos iniciando processo de evolução, passando por disciplinas morais muito severas, através das quais eles adquirem o equilíbrio para futuros empreendimentos. Nesses futuros empreendimentos, também eles terão direito à abundância que lhe será exigida uma aplicação com sabedoria para poder evitar a recidiva na necessidade”.

(E6/FD4) “Aquelas dificuldade de hoje serão recompensadas amanhã”.

(E7/FD4) “Ele vem numa situação que vai valorizar o excesso que desperdiçou”.

Nota-se uma frequência maior das formações discursivas que tendem a justificar as dificuldades financeiras em detrimento daquelas que apontam as justificativas divinas para a riqueza e abundância material. Uma das possíveis razões para essa disparidade está ligada ao fato de que o Brasil é um país de desigualdade social acentuada e essa realidade está presente no cotidiano inclusive daquelas pessoas que vivem em posições sociais mais privilegiadas, no caso, a maioria dentre os fiéis espíritas.

A entrevistadora Claudia Saegusa, em vários casos, formula perguntas evidenciando situações aparentemente contraditórias, oferecendo a Divaldo Franco a possibilidade de explicar, sob seu ponto de vista, além do conteúdo objetivo da pergunta, o caráter esclarecedor e desmistificador atribuídos pelo orador ao espiritismo.

Nesses momentos, percebe-se, de forma tênue uma perspectiva espetacularizada, ancorada em estereótipos que acompanham o Espiritismo e o representa como sobrenatural, enigmático e oculto. Assim, o programa parece se valer dessa representatividade popular, em que o líder religioso espírita seria a pessoa capaz de explicar o que aparentemente seria inexplicável ou de ter a solução para diversos malefícios. Esses apontamentos são corroborados pela creditação de Divaldo Franco durante o programa: “Médium e Orador Espírita”. O termo “médium” traz a carga semântica de mediador, no caso do Espiritismo, entre vivos e mortos ao que se soma a ideia do sensitivo capaz de prever o futuro.

“Enquanto algumas pessoas gastam R\$ 50 mil numa simples bolsa de grife, a maioria da população mundial sobrevive com menos de R\$ 1 por dia, que dá menos de R\$ 30 por mês. E também os gastos anuais com alimento e veterinário para cães e gatos nos Estados Unidos seriam suficientes para que o saneamento básico chegasse a 75% da

população mundial. Por que ocorre essa disparidade? Onde está a justiça divina aí? Não seria mais fácil Ele simplesmente intervir e acabar com tudo isso?” (Programa 1)

“O Luís Felipe Ferraz namora uma pessoa mais velha que ele e que está com a autoestima muito baixa. Está passando por uma crise de depressão. Ele acha que ela está tendo uma influência espiritual, pois ela procurou um psiquiatra e não está muito bem. Ele quer saber como bloquear essas influências espirituais”. (Programa 1)

“A Clotilde Graça disse que ficou paraplégica há dezoito anos em um acidente de carro e que o marido dela está com ela, mas a ignora, pois ela está em uma cadeira de rodas e diz que no dia seguinte que assistiu ao seu programa uma vizinha, que é como se fosse sua filha lhe deu de presente um livro seu, Divaldo. Ela quer saber se isso significa algo e como ela faz para ter uma vida mais feliz?” (Programa 1)

O líder espírita utiliza seu discurso como mecanismo de divulgação e aprimoramento de conhecimentos dos fiéis sobre a doutrina, o que permite apontar que suas explicações ocorrem também para reafirmá-lo como um nome notável no cenário espírita. Ao demonstrar seus conhecimentos e responder as perguntas que lhe são dirigidas, não discursa em nome de Deus. Divaldo Franco estaria mais próximo, de fato, à postura de um orador respeitável do que de um mediador entre Deus e o fiel. Como forma de legitimar seu discurso, lança mão de algumas citações de “O livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, além de suas próprias interpretações e considerações acerca de passagens evangélicas e de demandas sociais cotidianas, ligadas ao comportamento condizente com os preceitos espíritas.

Divaldo discorre sobre a vida e a morte, além dos comportamentos humanos diante dessas questões, entendidas como dilemas da existência humana. Assim, não se coloca como porta-voz de Deus ou de alguma verdade absoluta, mas mostra-se, em certa medida, como o mensageiro de uma nova interpretação cristã sobre Deus, alicerçada em figuras e obras literárias exponenciais na história do espiritismo. Conclui-se, então, que Divaldo Franco não discursa em nome de Deus, mas desvia a autoridade que lhe é garantida pelo discurso religioso para discursar em nome do espiritismo.

“Allan Kardec, em ‘Obras Póstumas’, ressalta que o resultado de todos os progressos individuais é o progresso geral”.

“Em o livro ‘Espiritismo dialético’, o jornalista e educador Herculano Pires diz que a renovação do homem implica a renovação social, mas desde que o homem renovado se empenhe na transformação do meio em que vive”.

“Naturalmente, o supérfluo, conforme está em ‘O Livro dos Espíritos’, o necessário supérfluo é tudo aquilo que é perfeitamente dispensável”.

“Eu recordo-me que Chico Xavier, quando ia à televisão sempre vestia-se conforme os padrões da exigência do momento”.

“Allan Kardec perguntou às entidades venerandas, conforme lemos na pergunta 625, de ‘O Livro dos Espíritos’: ‘Qual o ser mais perfeito que Deus ofereceu à criatura humana para servir-lhe de guia e modelo?’ e os espíritos responderam: ‘Jesus’”.

“A existência de Deus está muito bem demonstrada no ‘O Livro dos Espíritos’, no capítulo número um, na questão de número um”.

Podem-se considerar marcações que convidam o telespectador-fiel a repensar posturas religiosas, diante da migração constante de fiéis entre religiões no Brasil. Nesse tocante, as exortações sinalizam o fato de que, conforme demonstrado em pesquisas, parte do número de adeptos espíritas se dá em decorrência da conversão de cristãos de outras denominações, sobretudo católicos.

Os espíritas consideram a bíblia basicamente um livro de consulta à história do cristianismo, principalmente o novo testamento, uma vez que narra os feitos da vida de Jesus, considerado pelos espíritas como o construtor e idealizador do planeta Terra. Diferentemente de outras religiões, que concebem a bíblia como livro sagrado, indefectível e incontestável, o espiritismo tem-na como registro religioso. Corroborar essa ideia a obra de Allan Kardec intitulada “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de 1864, que se propõe a uma releitura de passagens do evangelho sob o ponto de vista espírita.

Assim, podem-se entender essas alertas como uma tentativa de padronizar possíveis reminiscências religiosas de modo a promover uma unicidade discursiva espírita, além de que o Espiritismo se propõe a despertar uma visão cosmogônica mais universalista e abrangente.

“É uma visão literal. Precisamos compreender que, àquela época, os discípulos não tinham nenhuma ideia de como se operavam os fenômenos”.

“Também nós podemos considerar que o paraíso não seja um local pré-determinado, que tem uma característica geológica, terrestre, para cima ou para baixo, mas um estado de consciência”.

“O provérbio vem exatamente de uma observação muito unilateral. O egoísmo é da natureza humana”.

“Em realidade, não podemos transferir a nossa realidade para os espíritos infelizes. É uma atitude muito cômoda. Tudo aquilo de ruim que nos acontece é culpa dos demônios, é culpa dos espíritos inferiores. E a nossa consciência?”

A autoridade concedida pelo discurso religioso oferece a Divaldo Franco a possibilidade de legitimar sua figura de liderança interpretando leituras evangélicas e os pontos axiomáticos do espiritismo. Em determinados momentos parece fazer de seu discurso um silenciamento sobre possíveis vozes interpelantes que poderiam emergir divergindo de seus apontamentos.

“É um apelo à fraternidade. Se ele dissesse ‘quando estiverdes orando eu estarei somente convosco’ iria estimular-nos o egoísmo, essa conduta nefanda do individualismo. Jesus é a proposta da fraternidade universal. Então quando Ele nos conclama a buscar outrem para orar, equivale dizer que estamos também solidários, para evitar que sejamos solitários. Então a colocação do Mestre é oportuna, o que não quer dizer que o indivíduo, quando esteja a sós não receba sua resposta. Pois que, ainda na continuação desse texto ele irá dizer: ‘batei e abrir-se-vos-á. Buscai e achareis. Pedi e dar-se-vos-á’. Aí nós vamos ver, na linguagem imperativa, o indivíduo e não o grupo pedindo”.

“É uma visão literal. Precisamos compreender que, àquela época, os discípulos não tinham nenhuma ideia de como se operavam os fenômenos. Os fenômenos apresentavam-se lhes no caráter sobrenatural. Os espíritos não poderiam ‘entrar’ nos porcos porque também não estavam ‘dentro’ do homem. A obsessão é sempre um fenômeno de perísprito a perísprito, mesmo nos casos graves de subjugação, nos evangelhos denominados como possessão, o espírito continua dentro do ser humano como um líquido num vasilhame. Em realidade o texto diz: ‘não nos mande ao Hades, pelo menos deixa-nos entrar nesses porcos, que estourando, tombaram no mar’. Ora bem, quando esses espíritos saíram criaram uma psicofera perturbadora e como os animais podem ver – não se trata de mediunidade – pela densidade fluídica assustaram-se e então aquela vara atirou-se no abismo despedaçando-se nas montanhas, porque este local chamado ‘Decápole’, as dez cidades gregas, era particularmente um local de criadores de porcos. Gadara ou Gersesa ou Gercesa, no evangelho está sob os três epígrafes. E então Jesus vai lá levar a boa nova e eles recusam, principalmente porque aquele lunático, aquele psicopata vai à cidade, todos o reconhecem. Está sarado como? E ele mostra que foi Jesus quem o curou e refere-se ao prejuízo dos porcos e os Gadarenos não o receberam. Preferiram os porcos como muitos de nós, ainda hoje, preferimos os vícios que são os suínos da nossa conduta à revelação do Cristo”.

Portanto, diante da análise do discurso de Divaldo Franco, percebem-se marcações voltadas ao tradicionalismo e caráter proselitista pouco evidente. Há a emergência de uma discursividade voltada a atender ao público espírita, já familiarizado com um vocabulário próprio, amplamente utilizado por Divaldo de forma erudita e permeado de citações utilizadas para legitimar seu discurso. O cenário mínimo, sem

composições cênicas, destoam do elitismo presente no discurso que reafirma o caráter cientificista da Doutrina Espírita, que formata um programa distante das massas e do entretenimento. Divaldo Franco, como figura central do programa, corrobora esses apontamentos, uma vez que sua presença como liderança religiosa se afasta da concepção de um líder envolto em carisma e performatividade.

4.2 “Culto Dominical do Poder de Deus”

O neopentecostalismo teve início no Brasil na segunda metade da década de 1970, ganhando visibilidade e se fortalecendo no decorrer das décadas seguintes com avanço expressivo, pois além da esfera religiosa, estende-se pelos campos político, mercadológico e midiático, por meio dos quais se propaga ideologicamente. Conforme Mariano (2004), seus adeptos não se restringem, como num primeiro momento, somente aos estratos pobres da população, encontrando-se também nas classes médias, incluindo empresários, profissionais liberais, atletas e artistas.

A vertente religiosa guarda estreita relação com a espetacularização, visto que um dos pontos que a diferencia de outras denominações protestantes é a utilização sistemática dos meios de comunicação como divulgadores ideológicos, sobretudo a televisão. Essa facilidade de transitar entre as várias esferas da mídia é um dos pontos de sustentação dessa vertente que utiliza o aparato midiático, acrescentando aos cultos televisionados elementos espetaculares como músicas, danças, coreografias, supostas cura, libertação e expulsão de demônios²². As principais representantes dessa denominação no Brasil são a Igreja Universal do Reino de Deus, uma das precursoras do movimento no país, Igreja Internacional da Graça, Sara Nossa Terra, Igreja Renascer em Cristo e Igreja Mundial do Poder de Deus.

Para Mariano (1999), com o agravamento das crises social e econômica nas últimas décadas, o aumento do desemprego, o recrudescimento da violência e da criminalidade e o enfraquecimento da Igreja Católica, o movimento neopentecostal conseguiu aliar a urgente demanda socioeconômica e religiosa à rápida difusão dos meios de comunicação de massa, resultando num crescimento sem precedentes de programas religiosos na TV. Ao pregar a “Teologia da Prosperidade”, que difunde a

²² Rituais praticados em religiões de cunho neopentecostal que se caracterizam por livrar o fiel de enfermidades físicas, psíquicas ou espirituais atribuídas ao diabo.

crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos e que flexibiliza usos e costumes pentecostais principalmente no que concerne às lógicas de consumo e mercado, o neopentecostalismo abarcou fiéis em quantidade significativa, demonstrada por dados aferidos pelo último Censo divulgado em 2010, apresentados na Introdução deste trabalho. De acordo com o IBGE, o neopentecostalismo é a vertente pentecostal que mais cresceu e a que ocupa maior espaço religioso na televisão brasileira, seja como proprietária de concessões de emissoras de rádio e TV, seja como produtora e difusora de programas de tele-evangelismo.

No plano teológico, as religiões neopentecostais caracterizam-se por enfatizar o embate espiritual contra o diabo e seus representantes na Terra. Para Mariano (2004), do ponto de vista comportamental, são mais liberais que outras representantes do Protestantismo, haja vista que suprimiu características tradicionais do pentecostalismo e rompeu com boa parte da ascese contracultural que tipificava o estereótipo pelo qual os chamados “crentes” eram reconhecidos e estigmatizados.

O líder e fundador da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), Valdemiro Santiago, nasceu em 1963 e é autointitulado “apóstolo”. Viveu parte da adolescência em Juiz de Fora, cidade que frequentemente menciona em seus programas na TV. Converteu-se ao cristianismo evangélico neopentecostal aos 16 anos, destacando-se como obreiro, pastor, bispo e membro da cúpula da Iurd num período de 18 anos. Em 1997, desligou-se da Igreja Universal por um desentendimento com Edir Macedo²³ e, em 1998, fundou a IMPD, na cidade de Sorocaba, interior de São Paulo.

Em 2008, firmou contrato com a Rede Bandeirantes de Televisão, proprietária da concessão “Rede 21”, através da qual garantiu 22 horas de programação diária transmitidas pela emissora que, à época, estava presente na capital paulista e em 44 municípios brasileiros²⁴. A IMPD tem, atualmente, concessão televisiva para transmissão diária ininterrupta, nos canais 25 (a cabo) e 32 (aberto) com mesma grade de programação. Nesta pesquisa será analisado o programa “Culto Dominical do Poder de Deus”, veiculado nas manhãs de domingo.

A IMPD está presente em mais de dez países, contabilizando mais de quatro mil templos espalhados pelo Brasil, segundo a instituição. A IMPD possui como sede o

²³ É o fundador e atual líder espiritual da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) e proprietário do Grupo Record e da RecordTV, a terceira maior emissora de televisão do país.

²⁴ Informação disponível em http://istoe.com.br/122005_O+HOMEM+QUE+MULTIPLICA+FIEIS/

“Grande Templo dos Milagres”, com cerca de 20 mil metros quadrados de área construída, localizado no Brás, bairro central da cidade de São Paulo. As concentrações²⁵ de Valdemiro seguem um formato pré-estabelecido caracterizado pela leitura de trechos da Bíblia, previamente selecionados, com destaque para a apresentação de supostos milagres durante o transcurso da pregação. Geralmente é acompanhado por banda de música e, os mais importantes, televisionados.

De acordo com site institucional da Igreja Mundial do Poder de Deus, constroem a identidade dos seguidores da IMPD as seguintes crenças:

- A Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de habilitar o homem para toda boa obra;
- Quem crer no Deus Pai, no Filho Jesus Cristo e no Espírito Santo e for batizado, será salvo; mas quem não crê, será condenado;
- Aos que crerem, seguirão os seguintes sinais: expulsarão demônios, falarão novas línguas, curarão enfermos, não sofrerão dano mesmo expostos a riscos e perigos.

Segundo Rodrigues (2013), a estrutura da IMPD é hierárquica e verticalizada, constituída pelo líder e máxima autoridade, apóstolo Valdemiro Santiago, seguido pelos bispos regionais (distribuídos nos Estados da federação e países estrangeiros), pastores locais (em cada uma das igrejas, nos municípios e bairros) e obreiros. Bispos e pastores, além de cuidar dos assuntos da fé, exercem funções administrativas. Nas três edições analisadas, vários bispos e pastores aparecem sentados ou de pé em pontos visíveis do palco-altar, acompanhando as pregações de Santiago.

Na composição cênica da igreja, que serve de palco para o culto televisionado, o altar situa-se na parte frontal, de onde se vê um grande painel, no qual ovelhas aparecem dispostas num primeiro plano amplo, num gramado verde. Composto o painel, em segundo plano, árvores frondosas com uma cadeia de montanhas fechando a imagem posterior. Ao lado direito, uma cachoeira com água cristalina escorrendo por pedras com um céu azul e nuvens formando o cenário. Uma

²⁵ Nome dado pela IMPD às apresentações de Valdemiro pelo Brasil, geralmente constando de culto, apresentação de bandas gospel e orações para cura em grandes centros urbanos e em locais amplos, a fim de aglomerar o maior número de fiéis.

arte²⁶, que pode ser considerada a logomarca da igreja, situa-se ao lado esquerdo superior. Na parte central, acima, duas frases: a primeira, em vermelho é: “JESUS CRISTO É O MESMO ONTEM, HOJE E SEMPRE” e a segunda, em azul, traz o nome “IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS”.

O palco-altar tem em torno de dois metros de altura e, desse ponto, é possível que toda a plateia tenha visão do líder. Os fiéis que se encontram do meio do templo para trás, também podem acompanhar as apresentações auxiliados por telões distribuídos em torno do espaço. É possível verificar em determinadas imagens que há telões menores no chão do palco, em posições estratégicas, para que o próprio Valdemiro Santiago se veja durante as pregações e também para que direcione os cinegrafistas. A iluminação também é constituída de refletores característicos de estúdios de TV. Na parte central da plateia, em frente ao palco, uma pequena torre sustenta um cinegrafista, responsável pelas imagens frontais do apóstolo.

Em relação aos enquadramentos de câmera, apresentam-se planos americano, geral e detalhe. Com isso, o telespectador é levado a momentos de proximidade com a mensagem do líder religioso, sem contar que o ambiente cênico é amplamente explorado por tomadas que mostram os cartazes espalhados pelo palco e a presença de convidados sentados no altar. O plano detalhe é basicamente utilizado para mostrar a bíblia, segurada por outra pessoa, que acompanha a leitura proferida por Valdemiro com uma caneta, o que sugere legitimação discursiva. Os movimentos panorâmicos, que pontualmente são usados ao longo do programa, exibem toda a plateia, indicando ao telespectador-fiel que há uma multidão ouvindo a mesma mensagem, reagindo e, muitas vezes, emocionando-se com ela. Os cortes das imagens são secos.

No programa, uma das formas que Valdemiro Santiago encontra para interagir com o público é a condução do fiel ao centro do palco-altar e o direcionamento de todo o processo interativo, pontuando alguns momentos e se desviando de outros. As personagens variam, mas a estrutura se mostra basicamente a mesma: alguém que sofre por estar num caminho “errado” encontra de alguma forma a igreja e, ao se arrepender e reconhecer a autoridade de Deus e do pastor é curado/libertado.

²⁶ Imagem que mescla elementos gráficos produzida em computador. Nesse caso, é uma imagem de duas mãos unidas em forma de concha, com as palmas voltadas para cima, segurando o globo terrestre. Logo abaixo a frase: “A MÃO DE DEUS ESTÁ AQUI”.

Importante considerar que o líder da IMPD apresenta processo de comunicação entonacional, marcado principalmente pela alteração do tom de voz quando se irrita. Apresenta processo cinésico, ao gesticular intensamente e caminhar durante boa parte do tempo pelo palco. Durante as pregações analisadas, é possível perceber música instrumental com melodia tranquilizante e repetitiva no ambiente, acompanhando os discursos de superação e dificuldades narrados por Valdemiro, geralmente acompanhados de imagens de fiéis emocionados, o que favorece um clima de consternação. Essas características sentimentais verificadas na plateia garantem a atenção dos telespectadores, pois assistem à apresentação de planos fechados na audiência e no líder neopentecostal, o que consolida a desenvoltura de Valdemiro, apontando para o caráter paralinguístico em que gargalhadas e tosses contribuem para a materialidade discursiva. Esses apontamentos garantem dinamicidade ao ritmo televisivo. Dessa forma, o aparato tecnológico evidencia a importância que a televisão tem para a divulgação da Igreja Mundial do Poder de Deus.



Figura 7 - Plano Americano Valdemiro

Fonte: Frame do programa “Domingo do Poder de Deus” (Programa 1)



Figura 8 - Plano Geral Valdemiro

Fonte: Frame do programa “Domingo do Poder de Deus” (Programa 1)



Figura 9 - Panorâmica Valdemiro

Fonte: Frame do programa “Domingo do Poder de Deus” (Programa 1)

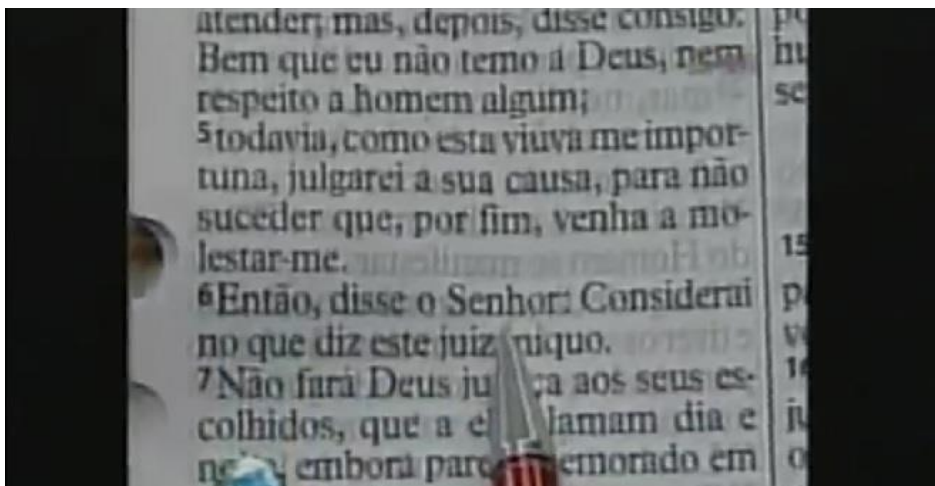


Figura 10 - Plano Detalhe pregação Valdemiro

Fonte: Frame do programa “Domingo do Poder de Deus” (Programa 1)

Ao abordar técnicas cinematográficas, além da movimentação e enquadramento de câmera, percebe-se que em momentos específicos, como leitura de

textos bíblicos, trechos de outras pregações ou vendas de produtos religiosos, a tela exibe duas imagens, uma técnica chamada de “split-screen” (tela dividida, em português). Para Hayashi (2016), “a ideia de se comprimir informação em um suporte único e transmitir informação de forma compacta representa uma solução engenhosa para as demandas da comunicação audiovisual” (HAYASHI, 2016, p. 7). Como linguagem, sua função na narrativa está ligada a mostrar, num mesmo momento, diferentes perspectivas, simultaneamente. No entanto, nas pregações da IMPD, essa técnica se mostra desvirtuada de seu caráter normalmente empregado, visto que a utilização da tela dividida nos programas exibe uma imagem de Valdemiro em tempo real e outra de caráter estritamente ilustrativo sobre o assunto tratado pelo líder naquele momento. Dessa forma, a utilização de “split-screen” ratifica o enunciado de Valdemiro com imagens, atestando a veracidade de seu discurso.



Figura 11 - Recurso “split-screen” Valdemiro

Fonte: Frame do programa “Domingo do Poder de Deus” (Programa 1)

O personagem Apóstolo Valdemiro Santiago, é também conhecido como o “pastor cowboy”, pois aparece com frequência usando chapéu em estilo boiadeiro. Além disso, faz questão de evidenciar suas raízes interioranas, seja de forma nostálgica, lembrando e contando histórias de sua infância ou, de forma matuta, beirando o caricato, ao utilizar expressões, como ele mesmo classifica de “coisas da roça”, conforme se verifica nos enunciados:

“Você que tá do outro lado (tosse)... desculpa aí dar uma raspada aqui”.

“Fica com essa ladainha. Eles fica na televisão com essa mesma ladainha”.

“Aí eu tava rodando ali agora eu tava pensando [...]”.

“É ruim, hein! Ceis tão é na taba da beirada e tava mesmo... tava mesmo na taba da beirada... Escorregou... eu sabia. E aí botaram pra quebrar”.

“Que hora pra encontrar o diabo, na hora do almoço. Igreja... a Bispa deu risada. Foi uma coisa que me consolou, porque eu falei: ‘rapaz, achei alguém mais feio do que eu: o diabo’. Mas pensa num cabra feio parado na minha frente”.

“Você pode falar que é o sujo falando do mal lavado. Não! Eu sou feio, mas o diabo é mais feio do que eu”.

“A justiça de Deus não é pra santo, porque se for só pra santo nós tamos todos quebrados na emenda”.

“Ela que falou que tinha nove e uns quebrado? Na roça a gente falava isso aí. Na sua conta tinha nove e uns quebrado. Tem gente que não aceita ajudar na obra e fica só com os quebrado, né?”

A variação linguística é popular, com vocabulário repetitivo e entonação incisiva e, por essas características, nota-se que prega para um público de baixa renda e pouca escolaridade. Esses fiéis buscam soluções imediatas para problemas, mensagens de incentivo e alento, numa linguagem de fácil compreensão.

“[...] por exemplo, tem uma palavra chamada... que a bíblia chama de bordão que quer dizer vara, cajado... bordão, vara, cajado então pouca gente sabe que é um bordão para quê que eu vou chegar nunca falando de bordão se o povo não sabe o que é”.

“Solução do seu problema. É isso. A bíblia tá se referindo a isso”.

“Simplificar... bordão: cajado, vara, pronto”.

“[...] não fará Deus Justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite’ quer dizer: [...]”

“Esse florescer é destacar, produzir fruto, amém”?

“Esse ‘apostatar’ é se desviar da fé”.

O líder neopentecostal, na tentativa de ser mediador entre o texto bíblico e os fiéis, também faz uso do recurso da metalinguagem, isto é, a capacidade da língua de tomar a si própria como objeto. Para Benveniste (2006), a língua é o único sistema semiótico capaz de interpretar os outros e a si própria, sendo essa última característica o

que possibilita o recurso da metalinguagem. Dessa forma, Valdemiro, também faz uso da língua como instrumento de poder ao demonstrar domínio e capacidade de simplificação do código linguístico para atingir as camadas populares que, por ventura, não tenham familiaridade com a linguagem bíblica e/ou norma culta.

“Eu recebo milhares de mensagem ‘Apóstolo, eu gosto...’ **senador manda, deputado manda, professor manda, médico e o povo que gosta da mensagem por causa da explicação, a tradução, porque tem palavras na bíblia que você não entende. Se o pastor não se inteirar daquilo ali, não ensinar vai ficar vazia a pregação dele. Ninguém vai entender nada**”.

Valdemiro Santiago utiliza metáforas²⁷ como estratégia discursiva em suas pregações, o que permite apontar algumas considerações. Em alguns casos, o recurso semântico cria formações discursivas que parecem **facilitar o entendimento de determinados assuntos** (FD1). Em outros, esse recurso parece servir para **camuflar nomes e situações juridicamente protegidos**, visto que, o programa é gravado e transmitido ao vivo pela televisão (FD2).

FD1 – “[...] porque se você entregou o seu caminho você não deve se preocupar se vai ter **lombada, curva, obstáculo, perigo, pirata no caminho...** não, cara! Cê entregou o caminho ao Senhor, o Senhor tá cuidando do seu caminho. O senhor sabe onde ficam **os piratas, os assaltantes, as curvas perigosas... é... os animais, as bestas feras**”.

FD1 – “Será que tem algum padre aqui **que tem mais ovelha do que o Valdemiro?**”

FD2 – “[...] bateram no peito e **gente que tem a caneta, gente que tem a influência, gente queria me forçar [...]**”.

De acordo com Rodrigues (2013), o líder da IMPD, a despeito de falar sobre assuntos religiosos, o faz com o humor e a rapidez característica de apresentadores de programas populares nos canais de TV abertos, como “Ratinho”²⁸, sem dispensar críticas ao poder e autoridades públicas e aos seus supostos perseguidores, muitos deles, evangélicos. O líder da IMPD consegue se aproximar com eficiência de seu público ao acionar esses mecanismos, uma vez que o perfil dos fiéis, demonstrado pelo IBGE,

²⁷ Nesse caso, a análise se dá com o temo “metáfora” compreendendo sua acepção na Linguística.

²⁸ Carlos Roberto Massa, mais conhecido como Ratinho, é um apresentador de televisão, empresário, humorista e radialista. Apresenta o “Programa do Ratinho”, no canal SBT (Sistema Brasileiro de Televisão).

caracteriza-se pela pouca escolaridade e baixa renda. Sua narrativa religiosa é constantemente entrecortada por anedotas, casos pitorescos, além de sofrer interferência de marcadores de fala como “né”, “é”, “então”.

Cada programa apresenta um tema escolhido como fio condutor que irá perpassar o discurso em alternância com as pregações. A exibição do primeiro programa do corpus desta pesquisa, por exemplo, coincidiu com o dia da votação das eleições municipais de 2016, tendo, portanto, esse mote percorrendo toda a cena enunciativa da pregação. Mesmo negando e até se dizendo avesso à política, o “não dito” implícito ou ocultado na formação discursiva (FD1) **“políticos da IMPD representam Deus”** parece se sobressair em relação a formações discursivas de caráter antipolítico. A formação discursiva (FD2) **“hoje é dia de eleição”** é trazida no cenário, conforme pode ser verificado:

(E/FD1) – “[...] a diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não serve [...]”

(E/FD2) – “Antes de iniciarmos a imposição de mãos, parece que o povo hoje foi votar né, Bispo, mais cedo?”

(E/FD2/FD1) – “[...] na verdade a recomendação é essa mesmo: que ninguém deixe de votar né... [...] Você não pode botar todo mundo na panela, não... afinal, isso aqui não é caldeirada nem moqueca, né?”

(E/FD1) – “[...] tem que prestar atenção procurar observar quem tem temor a Deus, quem tem exemplo”.

(E/FD2) – “[...] daqui a pouco, depois da reunião eu vou votar também”.

(E/FD2) – “Eu falei pra alguns políticos, né?”

(E/FD2) – “[...] tem um partido político que até me filiou lá na marra e chegou com a carteirinha aqui. ‘O senhor agora tá filiado’”.

(E/FD2) – “Bom, eu não vou nem falar o partido que é senão cê (sic) vai ficar invocado com essa turma”.

Percebe-se o uso de metáforas conceituais no discurso de Valdemiro Santiago. “Essas formulações, que expressam a maneira como nossa sociedade apreende e interpreta uma dada realidade [...] estão enraizadas de tal modo em nossa cultura que já faz parte de nossas vidas” (PALUMBO, 2010, p. 79). Isso permite que os termos

metafóricos sejam significativos para a argumentação, principalmente, ao pensar em contextos em que o discurso alcança quantidade expressiva de pessoas. Conforme Palumbo (2010), as seleções de metáforas são condizentes com a ideologia do orador. Assim, o discurso do líder neopentecostal é marcado pelo uso sistemático de metáforas que expressam posicionamentos ideológicos de maneira argumentativa, ou seja, com o intuito de convencer e de persuadir seus interlocutores-fiéis.

No exemplo abaixo, Valdemiro, ao discursar sobre a necessidade de que os fiéis participassem do processo eleitoral que ocorria naquele dia de culto, lança mão do recurso da metáfora conceitual ligada ao campo da guerra. De acordo com essa ideia, o embate político e a relação estabelecida entre candidatos e eleitores ganhariam contornos de um confronto bélico, conforme verificado no enunciado (E1):

(E1) – “[...] que ninguém deixe de votar né? Até porque por causa de alguns bandidos, né... você não vai deixar de usar armas que você tem o direito que você tem para mudar as coisas, não é verdade?”

O apóstolo seleciona constantemente metáforas conceituais ligadas à ideia de conquista. Tal procedimento pode ser analisado por dois vieses: tanto pela trajetória de vida de Valdemiro Santiago – de servente de pedreiro a líder religioso abastado – quanto pela propalada “Teologia da Prosperidade” que aguça no fiel o desejo de aquisição de bens materiais. Dentro dos desejos dos fiéis, também se encontram aqueles voltados para obtenção de cura e libertação, igualmente atrelados a essa metáfora, conforme verificados nos enunciados:

(E): “Agradeço muito a ele porque essa obra começou de um jeito, mermão... Que eu e a minha família sabemos muito bem disso. É... por isso que hoje a gente leva umas pancadas. Eventualmente aparece uma lá: ‘Filha do Apóstolo tem um carro assim’ (RISADAS). Quando a minha filha tava lá pedindo uma aguinha gelada eu tinha que sair de madrugada para ir no posto buscar gelo porque não tinha uma geladeira não aparecia nenhum desses bandidos que criticam, falam besteira”.

(E): “Ontem nós vimos milagres impactantes aqui à noite. Gente que estava morta, né, praticamente e que Deus trouxe de volta a pessoa. Foram contempladas de forma poderosa e extraordinária”.

Na análise do primeiro programa, no qual se verificam referências à eleição, enunciados insurgiram por meio de **(E2) remissão ao cenário sociopolítico e**

normativo. Uma das possibilidades para esse surgimento pode estar no fato de que a memória discursiva do líder da IMPD adentrou o interdiscurso da ordem. Nesse caso, Valdemiro se utiliza do ponto que mais aproxima o discurso religioso e o político: o autoritarismo, conforme explica Orlandi (1996).

(E2) – “Sabe que **justiça** é essa? Põe na palavra **justiça**”.

(E2) – “[...] a parábola do **juiz iníquo**, quando a mulher foi lá e bateu na casa do **juiz** pra **julgar** a causa dela”.

(E2) – “É exatamente a **igualdade**, tá?”.

(E2) – “E no passado o povo perdeu o respeito às **autoridades** espirituais”.

(E2) – “Eu nunca vi uma **greve** tão longa”.

(E2) – “[...] eu particularmente acho que uma **autoridade do Judiciário** deveria dar uma ordem, porque aí **sindicalistas** vão lá”.

(E2) – “[...] olha que **bagunça que está esse país**”.

Assim, percebe-se uma permeabilidade entre campos simbólicos diferentes, como o religioso e o político, ratificando a intensidade do alcance do discurso religioso que, nesse caso, garante a Valdemiro Santiago a autoridade necessária para interconectar supostos interesses na esfera política. Os enunciados indicam uma possível estratégia discursiva que associa a justiça divina, normalmente elemento constituinte do discurso religioso à justiça dos homens, que se concretizaria com o voto dos fiéis em quem é de Deus.

Com relação aos textos bíblicos lidos nas pregações, pode-se apontar que seriam escolhidos previamente, pois sempre corroboram com o sentido primeiro do enunciado daquele dia, o que permite acrescentar que o líder da IMPD busca legitimar o seu discurso com textos bíblicos, uma vez que, para os evangélicos neopentecostais, a bíblia é considerada sagrada.

“Eu posso provar para você, no livro de Lucas, dezoito, a parábola do juiz iníquo, quando a mulher foi lá [...]”. (Pregação em dia eleitoral – programa 1)

“Malaquias, capítulo três, versículo dezoito. Diz assim ó: ‘Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não serve’”. (Pregação em dia eleitoral – programa 1)

“Primeiro Timóteo, quatro. ‘Muitos apostatarão da fé por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios’”. (Pregação sobre confisco de passaporte – programa 2)

“[...] em Mateus, capítulo 11, versículo 28 ele diz assim: vinde a mim vós que estais... o quê? Cansados e sobrecarregados”. (Pregação em que convoca telespectadores para igreja – programa 3)

Merece destaque o fato de que a discursividade de Santiago, ao seguir um modelo de narrativa intercalada por mais de um enunciado, aparentemente desconexo, normalmente une os pontos e atinge seu ápice na venda de determinado artigo religioso. Esse caráter mercantil é bastante presente nas pregações do líder da IMPD, alicerçado pela “Teologia da Prosperidade”, doutrina comum entre as vertentes neopentecostais.

“Aliás, a mensagem de ontem, né, que gerou inclusive DVD, o DVD do momento, né? O DVD do momento”.

“Eu mesmo vou adquirir um DVD, vou levar pra mim um DVD. (SURGE LETTERING NA TELA COM TELEFONE E SITE DA CENTRAL DE VENDAS) Então você vai ligar na central e vai adquirir”.

“Se você acompanhou a mensagem, se não acompanhou você tem que adquirir o DVD... a mensagem de ontem no Paraná”.

“Nós preparamos inclusive pra quem honra a obra do senhor, um simbolismo, que é uma varinha, tá? Um bordãozinho, um cajadozinho (ENTRA IMAGEM DO OBJETO, QUE CONSISTE NUM CHAVEIRO E UM CARTÃO COM OS DIZERES ‘DEUS FLORESCERÁ SUA VIDA’), representando a vara de Arão e numa correntinha, cê pode botar, tem argolinha, cê vai botar numa correntinha e vai andar com ela, ou botar na sua carteira. E a sua vida florescerá em nome de Jesus”.

“As pessoas devem ligar... liga na central e participa e honra o ministério e honra a obra de Deus (MÃO NO PEITO). As pessoas já conseguem fazer depósito no banco?”

“Eu queria muito que o Brasil adquirisse esse DVD. Vou ser sincero pra você: eu vou assistir todinho de novo esse DVD”.

“Tem que ter, tá? Eu não sei quanto é que tá custando o DVD, mas deve ser simbólico, né?”

“Ele manda que separemos a décima parte e entreguemos na obra dele. Cê usa os 90 por cento do jeito que você achar melhor, mas dez por cento você não toca, porque é de Deus o dízimo”.

“E nesses dias estamos chamando 200 mil pessoas com 70 Reais, que é uma oferta simbólica, né?”

Outra (FD) que corrobora com a “Teologia da Prosperidade” pode ser percebida em (FD1) **“Deus recompensa aqueles que estão ao seu lado”**. Essa cena enunciativa frequentemente surge no discurso de Valdemiro Santiago, seja para mencionar o significado do dízimo ou para reforçar o suposto compromisso de recompensa material de Deus para com os fiéis que contribuem com sua obra, ou seja, que contribuem financeiramente com a Igreja Mundial do Poder de Deus.

(E1) – “[...] os bens, as riquezas que as pessoas adquirem já vem das mãos de Deus. Ninguém tem recursos próprios, não! Ninguém é autossuficiente! [...] Vê se Deus perde o que tem?”

(E2) – “Esses tempos de crise e dificuldades tornar diferente a sua vida, tá? Tornar diferente... Porque você serve a Deus, afinal”.

(E3) – “Então a sua vara tem que florescer, ou seja, sua vida tem que ser diferente não interessa crise, não interessa demônio, não interessa inferno, não interessa quem seja contra você”.

(E4) – “Então aos que servem, aos que priorizam a obra de Deus, aos que colocam a obra em primeiro plano, Deus ele torna diferente”.

Observando os programas religiosos da IMPD sobre o aspecto da vestimenta de seu líder, nota-se o predomínio de estampas extravagantes em suas camisas. A materialidade discursiva formada pela indumentária somada ao cinésico e ao entonacional, possibilita observar Valdemiro Santiago como um líder religioso pouco tradicional e institucionalizado, com características mais voltadas à excentricidade.

O discurso da IMPD indica diferenciação de seu espaço religioso em relação às demais religiões, concorrentes no mercado da fé. Valdemiro tenta evidenciar um caráter de detentor exclusivo do verdadeiro caminho que leva a Deus. Esses apontamentos se apresentam nos enunciados em que os supostos diferenciais da Igreja Mundial do Poder de Deus conduziram a bênçãos para os seus escolhidos que, ao admitir as crenças da religião, receberiam recompensas pela fidelidade.

“Será que tem algum padre aqui que tem mais ovelha do que o Valdemiro?”

“[...] o ministério, por exemplo, meu ministério ele tem que se destacar. Do contrário, por que que as pessoas viriam lá de Minas Gerais, do Nordeste da África, da América? Tem gente aqui até chegar na igreja passou pelo menos por umas dez igrejas diferentes... ou mais”.

“[...] aos que colocam a obra em primeiro plano, Deus ele torna diferente”.
 “Então a diferença trouxe ele aqui”.

“Então as pessoas olham pra você e vê que você tem uma vida igual a de todos os religiosos ou daqueles que não têm religião. Não pode ser assim!”.

“Na verdade, a misericórdia de Deus está nesse ministério, nessa obra”.

“Você vai investir nessa obra e Deus vai investir também na sua vida, pode ter certeza disso”.

O discurso religioso de Valdemiro Santiago é caracterizado pelo fato de o enunciadador-pregador se posicionar como um enviado direto de Deus que fala e age em seu nome. A autoridade proveniente desse tipo de discurso permite que o líder da IMPD assumira um lugar de fala no discurso que interpõe sua posição enquanto porta-voz divino com a voz do próprio Deus, particularidade do enunciadador religioso.

“Um homem se apresentou e mostrou as fotos. Ele tirou foto já estava sarando, né, mas deu pra perceber bem. Ele veio aqui em São Paulo, aqui em Santo Amaro, leproso, e ganhou um abraço meu. Você viu que Deus fez?”

“O que eu penso eu falo. O que Deus me dá eu falo e não quero nem saber”.

“Deus falou tão forte, mais tão forte na mensagem de ontem”.

“Se você agradar a Deus eu vou entregar a terra prometida”.

Valdemiro Santiago se destaca por sua variedade linguística. Ao mesmo tempo em que permite se aproximar de seu público-fiel pela popularidade, distancia-o dos demais pregadores de programas religiosos na TV por sua postura descomedida, não só em sua forma de expressão verbal, como também dos gestos e tom de voz. Estratégias discursivas particulares, principalmente no que tange ao caráter altamente mercantilizado da Igreja Mundial do Poder de Deus, pontuam as pregações do líder neopentecostal como apelativas pela cobrança de doações, sejam de dízimos ou “correntes” justificadas para algum fim apresentado como urgente. Santiago aciona mecanismos de persuasão facilmente identificáveis, uma vez que o proselitismo é um

dos diferenciais dessa vertente religiosa. Cabe ressaltar as particularidades do palco-altar que serve de cenário para as pregações, pois conta com amplo aparato técnico que contribui para que a Igreja Mundial do Poder de Deus apresente caráter fortemente espetacularizado. A alta e eficiente performatividade de seu líder religioso assegura a fidelização de fiéis, já que a programação religiosa da IMPD permanece 24 horas no ar.

4.3 “Santa Missa com Padre Marcelo”

O catolicismo é a mais antiga religião institucionalizada brasileira, aportando no país em 1500 com os portugueses e, em seguida, com os espanhóis, no período histórico conhecido como “Colonização”. À medida que esses colonizadores ibéricos adentravam o continente, traços culturais marcavam inevitavelmente essa passagem, com a religião se destacando como a manifestação mais notável, tendo em vista seu cunho simbólico e as características que o distinguem como tal, como a permeabilidade entre as diversas esferas (Bourdieu, 1989).

Caminhando juntamente com a história da colonização do Brasil, o catolicismo, inicialmente europeu, entra em contato com a cultura e religiosidade dos ameríndios e, posteriormente, dos negros africanos escravos. Para Azevedo (2002), mesmo o catolicismo se institucionalizando como a religião oficial do Brasil, as várias faces desses contatos entre culturas formaram o cenário sócio-cultural-religioso verificado atualmente no país, resultado de uma série de movimentos sincréticos que surgiram como forma de demonstrar o diálogo intrinsecamente ligado ao fenômeno cultural e, principalmente, religioso.

Para Rosa (2011), a doutrina católica, a exemplo de outras doutrinas religiosas, está alicerçada em dogmas²⁹ que balizam e orientam a vida do fiel, totalizando 43 preceitos. Dividem-se em “Dogmas sobre Deus”, “Dogmas sobre Jesus Cristo”, “Dogmas sobre a criação do mundo”, “Dogmas sobre o ser humano”, “Dogmas marianos”, “Dogmas sobre o Papa e a Igreja”, “Dogmas sobre os sacramentos” e “Dogmas sobre as últimas coisas”. Dentre eles, destacam-se os axiomas da Santíssima Trindade; da propagação do pecado de Adão a todos os seus descendentes, pois é

²⁹ Para a Igreja Católica, dogma é uma verdade de fé revelada por Deus, logo, é imutável e definitivo, pois não pode ser mudado nem revogado. Deus sendo perfeito e eterno, não estaria sujeito à mudança.

característica nata do ser humano; de que Maria é necessariamente mãe de Deus, posto que Jesus, o Verbo, é Deus; de que a Igreja foi fundada pelo Deus-Homem, Jesus Cristo; de que a Igreja é infalível quando faz definição em matéria de fé e costumes; de que Cristo está presente no sacramento do altar pela transubstanciação de toda a substância do pão em seu corpo e toda substância do vinho em seu sangue; da crença no Céu (Paraíso), Inferno e Purgatório, como passagens possíveis ao homem, de acordo com sua conduta moral.

Os axiomas da igreja e os valores de um código moral a ser internalizado nas consciências humanas, segundo Steil & Toniol (2010), comporiam a verdade divina da grande revelação, da qual a instituição se proclama legítima portadora. Para os autores, que analisaram o impacto das pesquisas do último Censo divulgado junto à cúpula da Igreja Católica, no momento em que os números apontavam para uma diminuição no quantitativo daqueles que se diziam católicos, a Igreja atribuía o fato às insuficientes evangelização e catequese, duas aliadas na ocasião da colonização católica no país.

De acordo com Steil & Herrera (2010), a ideia de um campo religioso plural e diversificado, no qual cada denominação religiosa possuiria sua autonomia e identidade, contrasta com o panorama religioso anterior, quando o catolicismo era a única confissão religiosa possível, disfarçando a diversidade dos demais grupos e tradições. Esse conjunto, que representaria a identidade cultural, embora presente desde a origem da formação histórica da sociedade brasileira mostrava-se praticamente invisibilizado pelo predomínio católico. Ou seja, antes da diversificação do campo religioso brasileiro, o catolicismo se apresentava, como definem os autores, como uma “meta-religião”, capaz de incorporar múltiplas tradições de origem europeia, indígena e africana, ao mesmo tempo em que estabelecia uma relação de intercâmbio de bens simbólicos com essa variedade cultural, constituinte da “matriz religiosa brasileira” (Bittencourt Filho, 2003).

Conforme Carranza (2009), em resposta a uma disputa simbólica com denominações neopentecostais por espaço e poder religiosos, a Igreja Católica se flexibilizou, sobretudo a partir da década de 1990, iniciando a Renovação Carismática Católica (RCC)³⁰, movimento que se consolidou, principalmente, entre os fiéis católicos jovens. A disseminação do novo movimento aconteceu também pela mídia, na qual

³⁰ Movimento de classe média, no qual os adeptos têm renda e escolaridade maiores do que a média católicos. Há precedência para a emoção, bastante expressa corporalmente.

despontou a figura de Padre Marcelo Rossi em programas de auditório dominicais, veiculados em canais abertos de TV, onde se apresentava dançando e cantando músicas de seu primeiro álbum fonográfico, “Músicas para Louvar ao Senhor”, gravado em 1998 e que vendeu mais de seis milhões de cópias no Brasil, segundo a gravadora Som Livre.

A partir da nova composição midiaticizada da Igreja Católica, tornou-se aceitável, dentre outras concessões, a dança acompanhada por coreografia em missas também televisionadas, aproximando-se, performaticamente, da Igreja Universal do Reino de Deus, precursora brasileira dessa modalidade.

A Rede Globo de Televisão exhibe aos domingos, às 6h, a “Santa Missa com Padre Marcelo”. A celebração é transmitida ao vivo do Santuário Mãe de Deus³¹, situado em Santo Amaro, zona distrital de São Paulo. O espaço possui 30 mil metros quadrados e capacidade para receber 100 mil fiéis. A missa televisionada conta com a participação do bispo diocesano da cidade, Dom Frei Fernando Antônio Figueiredo. Marcelo Rossi apresenta o programa desde 2001.

O palco-altar possui uma pintura de frente para o público composta por imagens que representam Maria, mãe de Jesus, figura religiosa de suma importância para o catolicismo e padroeira do Santuário. A maior delas se destaca no alto, na parte central. Abaixo, outras duas, à esquerda e à direita em posições diferentes e ambas cercadas por anjos. Na parte inferior, mais próxima ao palco, a imagem mostra um homem que olha para um anjo à esquerda e, à direita, dois homens que conversam, sendo que um deles aponta para algo. Os tons amarelo, dourado e azul predominam. Uma mesa (altar) encontra-se na parte central e, nas laterais, espaço destinado à banda que acompanha a missa, cadeiras em que Padre Marcelo e Dom Fernando se sentam em momentos pontuais e um púlpito, de onde são proferidas as leituras da bíblia.

A Igreja católica, por mais que tenha se reconfigurado, adotando um perfil menos conservador e mais flexível, mantém a parte litúrgica da missa ainda em estilo tradicional, evidenciado pelos rituais dos fiéis, desde sinais, orações e respostas dogmáticas. Em contrapartida, percebe-se a presença maciça das músicas acompanhadas de banda e coreografias, ambos os elementos exemplificativos da Renovação Carismática Cristã (RCC), movimento religioso por meio do qual Padre Marcelo ficou conhecido na mídia aberta, no final da década de 1990.

³¹ Inaugurado em 2 de novembro de 2012.

Ao analisar as três missas católicas, optou-se por um recorte de aproximadamente 18 minutos de cada programa, posto que, na Igreja Católica, o discurso de pregação (sermão) é proferido em momento pré-definido – após a leitura do evangelho e antes da eucaristia –, de acordo com a liturgia da missa. Dessa forma, optou-se por analisar discursivamente o programa desde o início da cerimônia até o fim do sermão, a fim de que a maior parte de fala espontânea pudesse ser preservada e utilizada contextualmente.

A movimentação e enquadramento de câmera e os efeitos óticos de fusão de imagem apontam para técnica apurada do programa, principalmente se for levado em consideração o fato de ser exibido ao vivo. Sobressaem-se os enquadramentos em planos americano e geral de diferentes ângulos e perspectivas, o que permite maior dinamicidade nas tomadas e a sensação nos fiéis-telespectadores de que estão percorrendo todo o espaço cênico sob o ponto de vista do Padre Marcelo Rossi. Usa-se o recurso panorâmico na maior parte das vezes em que o padre e o bispo interagem discursivamente com a plateia. A movimentação de câmera se completa com utilização considerável dos recursos zoom in e zoom out (aproximação e afastamento de imagens). Os efeitos óticos das imagens produzidas corroboram a ideia sobre a técnica aprimorada, pois se apresentam com mais frequência os cortes suaves – sobreposição, fusão de imagens, fade-out e fade-in – em contraposição aos cortes secos.



Figura 12 - Plano Americano Padre Marcelo

Fonte: Frame do programa “Santa Missa com Padre Marcelo” (Programa 1)



Figura 13 - Plano Americano Dom Fernando

Fonte: Frame do programa “Santa Missa com Padre Marcelo” (Programa 1)



Figura 14 - Plano Americano Padre Marcelo e Dom Fernando

Fonte: Frame do programa “Santa Missa com Padre Marcelo” (Programa 1)



Figura 15 - Panorâmica programa Padre Marcelo

Fonte: Frame do programa “Santa Missa com Padre Marcelo” (Programa 1)

Ao longo das três edições analisadas, percebeu-se também a ocorrência de tomadas em plano detalhe, sempre evidenciando pontos cênicos específicos ou atuando como legitimadoras do discurso proferido. Pode-se citar como exemplos o momento em que Dom Fernando exhibe a hóstia para a câmera que imediatamente se fecha na imagem, e quando Padre Marcelo ministra a bênção final, molhando o dedo polegar em água benta e fazendo o sinal da cruz na lente da câmera, permitindo que o fiel-teleespectador se veja recebendo a consagração.



Figura 16 - Plano geral Padre Marcelo

Fonte: Frame do programa “Santa Missa com Padre Marcelo” (Programa 1)



Figura 17 - Plano detalhe da hóstia

Fonte: Frame do programa “Santa Missa com Padre Marcelo” (Programa 1)

Durante a missa televisionada, percebe-se uma padronização da estrutura discursiva que, invariavelmente, se inicia com a apresentação de Padre Marcelo e Dom Fernando, músicas, profissão de fé, leituras e pregação (ou sermão) e a finalização com os recados de Padre Marcelo Rossi, citando lugares que visitaria ao longo da semana como missionário, nesta ordem. Essa estrutura marca a tentativa de levar ao fiel, no conforto de seu lar e de maneira fidedigna, o ritual que ocorre simultaneamente em incontáveis paróquias do país.

Nas três edições analisadas, o Padre menciona o programa “Momento de Fé”, transmitido pela Rádio Globo e também conduzido por ele, numa demonstração de que sua representação midiática em diferentes meios é necessária para propagação ideológica e venda de produtos religiosos. Em sequência, menciona um roteiro composto por 12 cidades por onde percorreria divulgando seu livro “Ruah – Quebrando os paradigmas de que gordura é saúde e magreza é doença”, lançado em 2015 e que aborda alimentação saudável. Essa parte da missa não compõe o recorte empírico proposto, no entanto, cabe ressaltar que nesse momento da homilia prevalece o caráter mercadológico, posto que aciona os recursos midiáticos para apresentação de produto de caráter religioso. Os mercados fonográfico e editorial sempre estiveram presentes como parte constituinte da imagem do Padre Marcelo Rossi.

Dom Fernando contribui com o programa dividindo com Marcelo Rossi a condução da missa como responsável pelo momento da pregação ou sermão referente à leitura do evangelho daquele dia litúrgico. Ao longo de sua participação na missa televisionada, os processos de comunicação cinésico e entonacional se apresentam de duas maneiras distintas. Na primeira, é possível identificar gestos contidos e tom de voz moderado, coincidindo com os momentos anteriores e posteriores ao sermão. Na segunda, adota uma postura mais incisiva e enérgica ao pregar sobre a leitura bíblica, enfatizando a visão da Igreja Católica sobre o assunto trazido pelo evangelho, momento no qual eleva o tom de voz, gesticula mais e intensifica a sílaba tônica de palavras-chave durante seu discurso. Porta-se como o representante divino, inclusive interpretando o texto bíblico para os fiéis:

“[...] chamado Lázaro, que significa aquele que confia”.

“[...] participando do banquete celestial, sinal da comunhão com Deus”.

“O mau rico, ele fica em meio aos tormentos, sinal da ausência de Deus,

pedimos perdão dos nossos pecados dizendo: [...]”.

“[...] mas qual a mensagem central do evangelho? Jesus anuncia o reino de Deus”.

“E os apóstolos diziam, acabamos de ouvir no evangelho, o que eles pediam? Aumentai a nossa fé”.

“[...] portanto não sejamos arrogantes mas, diz ele, humildes no serviço generoso, gratuito aos nossos irmãos e irmãs. É isto. Tão simples”.

“Isto que o evangelho nos conduz, nos fala. É isso que Jesus deseja que sejamos”.

Outra estratégia discursiva verificada no discurso de pregação de Dom Fernando é o uso do recurso perguntas e respostas, apontando para uma possível interação com a plateia. Nesse ponto, o bispo aciona a participação dos presentes, principalmente pelo fato de ele próprio formular as perguntas e respondê-las, criando uma ilusão de reversibilidade (Orlandi, 1996), mas capaz de provocar respostas, na maioria das vezes monossilábicas. Assim, ao responder sua própria pergunta junto ao microfone, Dom Fernando bloqueia a participação popular, uma vez que sua voz é sobreposta à da plateia. Dessa forma, o diálogo oferecido é, na verdade, um silenciamento.

“E nós, nesta santa missa, nós temos um encontro pessoal **com quem?** Encontro pessoal **com Jesus**”.

“**Queremos ou não** participar deste banquete? Lógico... **queremos**”.

“Formamos uma grande família, **não formamos?** **Somos Família** de Deus”.

“Nós, em Jesus, com Jesus, **nós não ignoramos** como aquele mau rico. **Não!** No nosso Brasil que nós pedimos e suplicamos, **não é verdade?**”

“Por isso eu pergunto a vocês: nós que aqui estamos **cremos em Jesus? Cremos ou não?**”

“**Queremos** ser presença dessa misericórdia? **Queremos ou não? Queremos!**”

“Qual foi a **reação de Jesus?** Será que Jesus passou ao largo, **deixando-os? Afastou-se? Não**”.

Em contrapartida, Padre Marcelo Rossi apresenta processo comunicacional entonacionaal com variação imperceptível durante todo o período analisado, pois cabe a

ele a interação informal e descontraída com os fiéis, além do canto em conjunto. Assim, o processo cinésico em Marcelo Rossi é intenso, principalmente quando assume o comando das músicas e coreografias, um dos momentos mais evidentemente carismáticos. Nesse ponto específico de análise, usando como parâmetro as pesquisas que demonstram a redução de fiéis católicos nas últimas décadas, o uso da imagem de Marcelo Rossi poderia sinalizar uma estratégia para tentar retomar um espaço perdido.

A imagem do padre cantor, escritor e condutor de programas de rádio e televisão, possivelmente se mostra como parte de uma estratégia discursiva ao utilizar elementos originalmente neopentecostais (coreografias, canto, correntes de cura e libertação). Dom Fernando apresenta uma imagem característica da autoridade e tradicionalismo da Igreja e, mesmo que os dois líderes religiosos celebrem juntos a missa, sujeitos às mesmas regras doutrinárias, é notável que Dom Fernando assume a palavra em momentos que exigem uma postura mais autoritária, como no caso da pregação do evangelho.

“Qual a mensagem central do evangelho? Jesus anuncia o reino de Deus. Presença do amor misericordioso do pai. Jesus é misericórdia. Jesus é a fonte da misericórdia, por isso, ele nos anuncia o reino de Deus e para fazer parte do reino de Deus nós somos convocados à fé. Uma fé inabalável em Jesus. Cremos em Jesus. Por isso eu pergunto a vocês: nós que aqui estamos cremos em Jesus? Cremos ou não? E os apóstolos diziam, acabamos de ouvir no evangelho, o que eles pediam? Aumentai a nossa fé. É o que nós queremos, que a fé aumente, cresça. Jesus não nega, mas Jesus coloca uma exigência (PAUSA). Qual seria? Que não seja arrogante, portanto não sejamos arrogantes mas, diz ele, humildes no serviço generoso, gratuito aos nossos irmãos e irmãs”. **(Momento de pregação de Dom Fernando)**

“Friozinho aqui em São Paulo, mas um calor do coração”. (Padre Marcelo)

“Bem vindos! Bem-vindos! Depois vai ter o café um café da manhã abençoado”. (Padre Marcelo)

“Hoje é dia do anjo da guarda”. (Padre Marcelo)

“Amados, que o senhor esteja convosco”. (Padre Marcelo)

“Nossa senhora mãe de Deus, rogai por nós”. (Dom Fernando)

“Bom dia! Ao vivo. De Brasília, seis horas e cinco minutos. Com muito carinho. Deus está aqui neste momento”. (Padre Marcelo)

“Família de Deus e é como família, reunidos nesse amor, nessa bondade que iniciamos a missa em nome do pai, do filho e do espírito santo”. (Dom Fernando)

“Tende piedade de nós (PADRE E PLATEIA REPETEM A FRASE)! Cristo, tende piedade de nós (PADRE E PLATEIA REPETEM A FRASE)! Senhor, tende piedade de nós (PADRE E PLATEIA REPETEM A FRASE)”. (Dom Fernando)

“Catorze graus aqui em São Paulo. Sensação térmica de doze. Mas no santuário, trinta”. (Padre Marcelo)

“Sentados aqueles que podem. Liturgia da palavra. (OLHA PARA CÂMERA) E você que está pela Globo, mais uma vez, ligue pra alguém. A missa começou uma benção! Vamos escutar”. (Padre Marcelo)

“Bom dia! Acolhendo Dom Fernando. Agradeço por começar o dia assim”. (Padre Marcelo)

“Como muitos infelizmente sofreram no Haiti ou mesmo até nos Estados Unidos. Quanto sofrimento, mas Deus nos quer sorrindo”. (Padre Marcelo)

Segundo Bobsin (1999), o catolicismo persiste ao se permitir modificar diante das ameaças e a figura do Padre Marcelo Rossi contribui para essa permanência. Para a autora, o catolicismo “ou muda para continuar ou continua na mudança. Portanto, modificados pelos meios de comunicação, os símbolos tradicionais foram ressignificados sem que perdessem elementos básicos de sua identificação” (BOBSIN, 1999, p. 110). Assim, essa mudança verificada no catolicismo, sem perder a base estrutural, reúne perfeitamente, no mesmo palco-altar, as figuras de Dom Fernando e Padre Marcelo.

Na sequência dialogal que se segue é possível perceber que, por mais que Dom Fernando se mostre mais descontraído e próximo aos fiéis, emergem do discurso de Padre Marcelo enunciados que corroboram o carisma do líder católico. Esse discurso mais acalorado de Marcelo Rossi indica a ressignificação da Igreja, ao mesmo tempo em que se mantiveram os aspectos básicos da liturgia católica romana.

Dom Fernando: “Bom dia! E vendo os que aqui estão para esta celebração, também temos aqui também os amigos Cícero, dona Maria e, se não me engano, há alguém que tem 74 anos de matrimônio. Mas vai ser surpresa. No final. Uma salva de palmas. Tem também a minha irmã”.

Padre Marcelo: “**Dona Lourdinha, 91anos, um beijo no seu coração.** Uma salva de palmas. Ela está lá pela EBC acompanhando”.

Dom Fernando: “A minha irmã está em Curitiba”.

Padre Marcelo: “**Mãe dele. Madrinha e irmã, mãe dele, não é?**”

Dom Fernando: “É uma grande alegria. Eu estive lá, fiquei uns dias com a Lourdinha, fiquei lá em Curitiba. 91 anos. Tá vendo? Que beleza! Está lá, firme e lúcida. Que Deus a abençoe. Portanto, não ponha limites nunca à misericórdia de Deus, pois posso chegar aos 130 (risos)”.

Padre Marcelo: “**150. Matusalém**”.

Outro ponto de destaque e que também parece estar ligado às propostas de mudança e resignificação da Igreja é a variedade linguística utilizada. Se há décadas atrás, quando as missas eram celebradas em latim, com o padre de costas para os fiéis e qualquer abalo à hegemonia católica soava impensável, atualmente o cenário é diferente. Dom Fernando utiliza variedade linguística formal e acessível à maioria, enquanto que Marcelo Rossi apresenta variedade informal, uma vez que seus enunciados apontam para conversas amistosas ou de caráter afetivo.

“**Colocamo-nos** no coração bondoso, Deus é bondade, não se esqueçam jamais”. (Dom Fernando)

“**Comecemos** imediatamente em cada instante da nossa vida e Jesus está, sem dúvida, derramando graças e bênçãos na sua vida e na sua família”. (Dom Fernando)

“**Pra você que vai ligando** o televisor, que Deus mande bênçãos. Ligaram pra você? Acompanhe a missa”. (Padre Marcelo)

“Dom Fernando, olha **quantas caras novas**”. (Padre Marcelo)

O caráter tradicional percebido no discurso de Dom Fernando também pode ser observado nas formações discursivas (FD) verificadas em enunciados (E) proferidos pelo bispo. Destacam-se similitudes semânticas indicando traços que valorizam os costumes, a tradição e a moral católica, sobretudo nas formações discursivas (FD1) “**Família é benção de Deus**”, (FD2) “**Família é quem amamos**” e (FD3) “**Família é reunião**”. Alguns itens lexicais dos enunciados remetem ao (E1) **núcleo familiar tradicional** ou (E2) **pessoas e sentimentos ligados a ele** por afeição:

“Levantem as **crianças (E1)**. No colo da **mamãe (E1)**, do **papai (E1)**. Uma salva de palmas à **família (E1)**. **Formamos uma grande família (FD3)**, não formamos? **Somos Família de Deus (FD2)** e é como **família (FD2)/(FD3)**, reunidos nesse **amor (E2)**, nessa **bondade (E2)**”.

“Que ele habite no coração de cada um de nós, na nossa **família (FD1)/(FD2)**, naqueles que nos acompanham pela televisão, no nosso Brasil que nós pedimos e suplicamos, não é verdade?”

“Bom dia! E vendo os que aqui estão para esta celebração, também temos aqui também os **amigos (E2)** Cícero, dona Maria e, se não me engano, há alguém que tem 74 anos de **matrimônio (E1)**. Mas vai ser surpresa. No final. Uma salva de palmas. Tem também a **minha irmã (E1/E2)**”.

Com relação à vestimenta, ambos estão paramentados de batinas na cor verde, correspondente ao tempo litúrgico comum. As cores coincidem nos três programas, pois o recorte empírico compreende o fim do mês de setembro e início do mês de outubro, quando não há nenhum ritual religioso católico em comemoração. O tempo litúrgico começa no dia 1º de janeiro e termina no dia 31 de dezembro de cada ano, apresentando algumas diferenças entre os ritos, nomeadamente em relação à duração de cada um e à data e importância de determinadas festividades. As cores para cada tempo são: branco, vermelho, verde, roxo, preto, rosa e dourado. Essa indumentária, considerada oficial pela Igreja Católica, aponta para uma padronização, podendo ser observada como uma busca pelos dogmas institucionalizados.

“**Maria, nossa querida mãe de Deus**, uma salva de palmas”. (Dogma 21 – Mariano [Maria Mãe de Deus] – Dom Fernando)

“**Cristo, tende piedade de nós**”. (Dogma 11 – Sobre Jesus Cristo [perdão pelos pecados] – Dom Fernando)

“[...] **pequei muitas vezes, por pensamentos e palavras, atos e omissões, por minha culpa**, minha tão grande culpa e peço à virgem Maria, aos anjos e santos [...]”. (Dogma 18 – Sobre o ser humano [pecado] – Dom Fernando)

“**A graça de nosso senhor Jesus Cristo, o amor do pai, a comunhão do espírito santo** estejam com todos vocês”. (Dogma 12 – Sobre Deus [Santíssima Trindade] – Dom Fernando)

Cabe ressaltar que o programa “Santa Missa com Padre Marcelo” é apresentado por Marcelo Rossi desde 2001, sempre acompanhado por Dom Fernando, no entanto, a figura do padre carismático é a que se vinculou à missa televisionada. Diante da espetacularização, os “padres-espetáculo”, capazes de transformar missas em shows para multidões, efetivamente ganharam atenção da mídia e revigoraram a Igreja Católica na disputa pelo mercado religioso (Prandi, 2000). Padre Marcelo, nos três

programas analisados, recorre aos recursos proporcionados pela mídia, como o contato direto com a câmera, o que pode ser entendido como estratégia para tentar se aproximar do maior número possível de telespectadores, atitude demonstrada quando solicita aos seus telespectadores-fiéis que convoquem outras pessoas a assistirem à missa pela televisão:

“E ligue pra alguém. A nossa missa começou especial. E tem surpresa no final. Festa das Nações”. (Programa 1)

“Pra você que vai ligando o televisor, que Deus mande bênçãos. Ligaram pra você? Acompanhe a missa”. (Programa 2)

“Você que está pela Globo uma sugestão. Horário maravilhoso. **Pegue o celular, rede social, ligue pra alguém ou mande um recado.** Chama essa pessoa para estar conosco. A missa está começando”. (Programa 3)

Dessa forma, a discursividade católica aponta dois traços doutrinários diferentes. As figuras de Dom Fernando e Padre Marcelo Rossi ocupam esses espaços, ao discursarem para um público-fiel ainda ligado aos costumes, ao mesmo tempo aberto a alguma mudança. O proselitismo voltado à conversão não é verificado, todavia, percebe-se um discurso afetuoso por parte de Padre Marcelo que tenta manter o católico ligado à instituição, tendo em vista a perda de fiéis nas últimas décadas. Quanto à performatividade, Marcelo Rossi se destaca, uma vez que se tornou conhecido midiaticamente por essa razão. Seu desempenho perante as câmeras apontam para mudanças implantadas no catolicismo brasileiro que vem investindo consideravelmente na propagação religiosa em veículos de comunicação, sobretudo o rádio e a televisão, e na conseqüentemente ressignificação do catolicismo originariamente conservador e dogmático.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos materiais teórico e empírico apresentados nesta pesquisa, percebemos que a religião, enquanto parte de uma estrutura de poder simbólico, expande para seu entorno um amplo espectro de reconfigurações, permitidas pelas disputas por poder que regem as relações de força. Ao analisarmos discursivamente os líderes religiosos, ficou evidente o poder que exercem sobre os fiéis, uma vez que o discurso religioso concede a autoridade para quem se coloca como porta-voz oficial de Deus. Dessa autoridade, revestem-se os mais diferentes interesses, perpassando o campo social, econômico e, principalmente, o político. A chamada “bancada evangélica”, no Congresso Nacional, é um exemplo que confirma o poder que deriva dessa permeabilidade entre esferas simbólicas, haja vista sua penetrabilidade em outros setores, mostrando efeitos na estrutura social.

Conforme proposição de análise na introdução deste trabalho, a razão pela qual os líderes religiosos buscam a televisão como forma de divulgação de suas doutrinas aponta para o fato de que o espaço televisivo, cada vez mais disputado no meio religioso, pode ser visto como uma forma de legitimação de poder entre as religiões e os fiéis. Os recursos midiáticos estão sendo utilizados cada vez mais num âmbito mercadológico pelas religiões, sinalizando uma apropriação da fé para a propagação de ideologias com retorno financeiro. A mídia, então, evidencia essa postura mais mercantilizada das religiões no cenário contemporâneo e os programas televisivos despontam como uma ferramenta a mais no intuito de ampliar as fronteiras do número de adeptos, seja na conversão de novos fiéis ou na sua fidelização, contribuindo com o que já acontece de forma ostensiva em templos físicos.

A disputa simbólica por espaços cada vez mais concorridos nas grades de programação poderia ser explicada pelo crescente interesse das instituições religiosas em garantir a divulgação das seus pressupostos na interface com a mídia. Ao abordar a sociedade midiática, marcada pelo predomínio da imagem e do consequente espetáculo, a visibilidade e a identificação movem o desejo e a necessidade de líderes religiosos, impulsionados pela dinâmica de mercado que dita padrões mercantilizados para propagação de ideologia que garanta poder e sucesso no competitivo mercado global da religiosidade.

Os resultados possíveis trazidos por esta pesquisa vão ao encontro da teoria da matriz religiosa brasileira, pois é possível perceber em Divaldo Pereira Franco, Valdemiro Santiago e Padre Marcelo Rossi elementos híbridos rearranjados, não com a mesma origem de práticas religiosas, como apontados pela teoria de Émile Durkheim (1989), mas de bases identitárias comuns à formação cultural do povo brasileiro (indígena, africana e ibérica). O cerne dessa matriz foi capaz de criar expansões religiosas que se modificaram ao longo dos tempos e que continuam se alterando, mostrando que as formações sociais estão em permanente construção e, mais ainda, que a religião se apresenta como amálgama de complexas relações que extrapolam seu caráter cultural, confirmado pelas intersecções que surgem por meio do fenômeno religioso.

A interface entre mídia e religião aponta para a espetacularização em seu aspecto de visibilidade constante, um dos elementos componentes do mundo capitalista que evidencia o sujeito neoliberal, ávido por conquistas e prazeres materiais. Essa lógica de mercado, que parece ditar incansáveis parâmetros de sucesso, aponta caráter contraditório em algumas religiões, principalmente naquelas mais resistentes a mudanças sociais, particularmente as evangélicas. No caso dessa vertente religiosa, a televisão foi apontada, durante muito tempo, como proibida, mensageira dos pecados do mundo e capaz de adentrar os lares religiosos e corromper aqueles que se deixavam seduzir. No entanto, quanto mais o mercado religioso se expandiu e se estratificou, nem mesmo essas denominações tradicionais foram capazes de resistir à jornada proselitista permitida pela TV e sua espetacularização. Em processo gradativo, porém constante, os aparatos midiáticos naturalmente serviram para fidelizar, converter e, acima de tudo, propagar ideologia religiosa aos fiéis. Atualmente, as denominações evangélicas conquistaram espaço significativo no campo midiático, haja vista o número considerável de concessões de radiofusão espalhados pelo país.

Por outro lado, a midiáticação religiosa, com todo caráter espetacular, parece não solucionar todos os problemas de conversão e fidelização de crentes. A Igreja Católica, que chegou a ser a religião declarada de mais de 95% da população brasileira, continuou perdendo fiéis nas últimas décadas, mesmo depois de se adaptar à gramática midiática, contra-atacando a estratégia neopentecostal. Como percebido nesta pesquisa, o movimento de Renovação Carismática Católica (RCC), com seu expoente máximo na figura de Padre Marcelo Rossi, aproximou a didática católica à pentecostal, na tentativa de conter a migração de fiéis. Outros elementos, então, parecem explicar a diminuição

quantitativa de católicos e avanço do neopentecostalismo. Uma das possibilidades seria a adoção sistematizada, por parte das religiões neopentecostais, da “Teologia da Prosperidade”, recurso que une mercado, religião e imediatismo, atendendo a uma demanda contemporânea por benesses permitidas e aprovadas por Deus. No entanto, pretendo analisar tais possibilidades em outro momento de pesquisa.

Nas perspectivas de mercado e espetacularização, cabe apontar a importância da representação dos personagens na imagem transmitida. Nos casos espírita e católico, o nome de suas lideranças está no título dos programas (“Conversando com Divaldo Franco” e “Santa Missa com Padre Marcelo”), o que indica uma visibilidade positiva desses líderes religiosos perante o público, construída pela própria mídia. Valdemiro Santiago, por sua vez, carrega o estigma de ser controverso, inclusive entre os próprios evangélicos, o que pode explicar o fato de que seu nome não está atrelado diretamente ao programa que apresenta.

A interface entre mídia e religião criou espaços próprios, porém, manteve as especificidades da televisão, enquanto veículo de comunicação. O programa espírita, conduzido por Divaldo Franco, uma das maiores representações dessa vertente depois da morte de Chico Xavier, pode ser exemplificativo quanto a não adequação à mídia. O líder religioso, por meio de sua materialidade discursiva, adota um formato voltado a atender sobretudo o segmento espírita, lançando mão de postura formal, quase estática, além de uma oralidade pautada na escrita, características incompatíveis com a linguagem televisiva.

Em momento algum esta pesquisa se valeu de comparações entre as três religiões para traçar similitudes ou diferenças quanto ao dogmatismo inerente a cada segmento. Pela historicidade e identidade de cada uma, é possível apontar que suas discursividades são voltadas para seus públicos, podendo se estender também para um segmento diversificado, que tem a predileção por programas de TV religiosos, independente da origem ou profissão de fé. Esse público seria mais fluido, menos atento à normatividade, outra característica do discurso estritamente religioso. Entender o perfil desse telespectador classificado como “híbrido” também pode ser ponto de partida para investigações posteriores, uma vez que quando esta pesquisa se iniciou, havia a ideia de que cada programa de determinada vertente religiosa estava formatado exclusivamente para seu público-fiel.

A proposta que permanece, já que esta pesquisa não tem a pretensão de se encerrar, tendo em vista a gama de possibilidades de estudo no campo da mídia e

religião é a de que, mesmo diante da iminência da alteridade religiosa, que se busque um olhar menos exclusivista no trato das religiões. Como se multiplicam os casos de intolerância religiosa pelo país, que esta pesquisa permita, principalmente, perceber as semelhanças existentes nas diferenças.

A Análise de Discurso, enquanto metodologia, permitiu um olhar mais acurado acerca dos mecanismos discursivos acionados pelos líderes religiosos, base desse corpus. Assim, por mais que se apontem possíveis relações delimitadas entre as três vertentes religiosas, destaca-se que determinados mecanismos discursivos não são exclusivamente postos em prática para fidelizar ou converter fiéis, como pensamos na hipótese inicial desta pesquisa. Ao contrário, a AD funcionou como instrumento capaz de transpor pontos que inicialmente se mostravam fixos para o entendimento de que o discurso está em constante movimento.

A mídia, nesta pesquisa, é base de apoio por meio da qual se observa a fé, ponto de partida dos fenômenos religiosos. O fiel, independente do segmento, busca a palavra de alento, de conforto, de segurança, denominada por muitos como “Palavra de Deus”. Essa “Palavra” é o discurso em movimento que, como visto, só é concebido quando adquire sentido. Assim, o fiel busca nas religiões, por meio dos discursos, o sentido, tão abrangente que é chamado de “sentido da vida”. Essa eterna busca por sentidos retroalimenta as discursividades daqueles que pregam em nome de Deus, numa concepção tão íntima e, ao mesmo tempo, tão natural que parece silenciar qualquer intervenção humana ao longo do processo: é o divino em movimento. Nesse círculo contínuo formado entre fé, palavra e sentido não há tempo nem espaço. É um *Samsara*, ciclo natural de morte e renascimento em que o que é fundante e basilar para todo e qualquer sentido religioso poderia ser resumido em um sentido único que permeia todas as crenças: o mistério.

REFERÊNCIAS

- ADRIANI, Maurilio. **História das religiões**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. TV Aberta: Informe Anual 2016: 2017. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/televisao/pdf/informe_tvaberta_2016.pdf . Acesso em: 30/09/2017.
- ASSMANN, Hugo. **A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- AZEVEDO, Thales de. **O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social**. Salvador: EDUFBA, 2002.
- BARROS, Lúcio Alves de. **Concepções sobre a obra de Max Weber**, 2010, 22 p., mimeo.
- BASSO, Nadia Garcia. **Sagrado universal na pós-modernidade: o sagrado, a ética e o simulacro no discurso televisivo da Igreja Universal do Reino de Deus**. Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st4/Basso,%20Nadia%20Garcia.pdf>. Acesso em 30/08/2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Zahar: 1999.
- BENVENISTE, E. **A forma e o sentido na linguagem**. In: Problemas de linguística geral. Campinas: Pontes, 2006.
- BERGER, Christa. Tensão entre os campos religioso e midiático. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun. **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007. Cap. 1, p. 23-32.
- BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- BOBSIN, Oneide. **Tendências religiosas e transversalidade: hipóteses sobre a transgressão de fronteiras**. Estudos Teológicos, v. 39, n. 2, p. 105-122, 1999.
- BORELLI, Viviane. **Mídia e religião: entre o mundo da fé e o do fiel**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010.
- _____. **Mediatização, dispositivo e os novos contratos de leitura geram uma outra religião**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Santa Maria, v. 2010, p. 1-15, 2010.

- _____. **Comunidade de recepção e os sentidos do religioso e do midiático.** BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** Brasília: Secom. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view> Acesso em 12/01/2016.
- BUTLER, J. **Television style.** New York: Routledge, 2010.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado:** organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes & Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1999.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. **Novas Comunidades Católicas: Em busca do espaço pós-moderno.** Aparecida: Idéias & Letras, p. 33-58, 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2006.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens.** Langages, n. 62, p. 9-128, 1981. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/pdf/41681103.pdf?seq=1#page_scan_tab_contents . Acesso em 06/01/2018.
- CUNHA, Magali do Nascimento. **O conceito de religiosidade midiática como atualização do conceito de Igreja Eletrônica em tempos de cultura gospel.** Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP1cunha.pdf . Acesso em 19/01/2017.
- _____. Igrejas e universidades: uma aliança necessária. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Cláudia Braun. **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007. Cap. 14, p. 194-213.
- DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo: história, teoria e prática.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** São Paulo: Contraponto Editora, 1997.
- DIANTEILL, Erwan. **Pierre Bourdieu e a religião:** Síntese crítica de uma síntese crítica. Revista das Ciências Sociais, Ceará, n. 2. vol. 34, 2003.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso.** Organon, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636/17316>. Acesso em: 06/01/2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis: Vozes, p. 119-130, 2001

FRASER, C. & SCHERER, K. **Advances in Social Psychology of Language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação.** São Paulo: Paulus, 2004.

GREGOLIN, Maria. **Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades.** Comunicação mídia e consumo, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>. Acesso em 09/01/2017.

GUTMANN, Juliana Freire. **O que dizem os enquadramentos de câmera no telejornal? Um olhar sobre formas audiovisuais contemporâneas do jornalismo.** Brazilian Journalism Research, v. 8, n. 2, p. 64-79, 2012.

HAYASHI, Silvia Okumura. **A expansão da imagem e a fragmentação da narrativa.** Rebeca-Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, v. 3, n. 2, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2014.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito.** Petrópolis: Vozes, 2001.

HJARVARD, Stig. **A virtualização e uma nova geografia social.** Matrizes, São Paulo, n. 2, p. 53-91, jan./jun. 2012.

IBGE. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em 22/06/2016.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2013.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **Espiritismo no Brasil**. Cadernos CERU, v. 19, n. 2, p. 171-185, 2008.

LIMA, Venício A. **Mídia: Teoria e Política**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARCHI, Euclides. **O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades**. Revista História: Questões & Debates, Curitiba, n. 43, p. 33-53, 2005. Editora UFPR. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/7861>. Acesso em 20/08/2016.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. Estud. av., São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, Dec. 2004. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000300010> Acesso em 26 Dez. 2017.

MARIZ, Cecília Loreto. **A sociologia da religião de Max Weber**. In: TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da Religião: Enfoques teóricos**. Petrópolis: 2011. Cap. 3, p. 67-93.

MARTÍN-BARBERO. **Razón técnica y razón política: espacios/ tiempos no pensados**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, Año I, Numero 1, Julio/Diciembre 2004. São Paulo: ALAIC. Disponível em: <http://www.alaic.org/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/111/109> Acesso em: 04/10/2017.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Mídia e Poder Simbólico**. São Paulo: Paulus, 2003.

MORIN, Edgard. **Cultura de massa no século XX. O espírito do tempo - 1: Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NETO, Antonio. **A religião do contato: estratégias discursivas dos novos “templos midiáticos”**. Contemporanea, Salvador, v. 2, n. 2, p. 139-168, dez. 2004. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewFile/3412/2474> Acesso em 22/06/2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O Discurso Religioso**. In: A Linguagem e seu Funcionamento. As Formas do Discurso. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Editora Pontes, 2009.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos.** Campinas: Editora Pontes, 2005.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas: Editora Pontes, 1996.

OTTO, Rudolf. **O sagrado.** Lisboa: Edições 70, 1992.

PACE, Enzo. Religião e Globalização. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto. **Globalização e Religião.** Petrópolis: Vozes, 1997. Cap. 1, p. 25-42.

PALUMBO, Renata. **A metáfora da guerra nos discursos de Lula: um estudo sobre os processos referenciais e argumentativos.** Intercâmbio. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. ISSN 2237-759X, v. 21, 2010.

PANICO, Adriana Campos Balieiro. **Julgamento do comportamento vocal de jornalistas em diferentes estilos de notícias e seus correlatos acústicos.** 2005. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV: manual de telejornalismo.** Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2013.

PATRIOTA, KRMP. **Mídia e entretenimento: em busca da religiosa audiência.** Rever, v. 1, p. 69-88, 2008. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_patriota.htm. Acesso em 06/10/2017.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas: Editora Pontes, 2008.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Editora da Unicamp, 1975.

PEDROSA, Cleide Emilia Faye. **Discurso religioso: funções e especificidade.** Revista SOLETRAS, n. 13, p. 38-45, 2007. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4694/3461> . Acesso em 11/01/2018

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 13, n. 37, jun. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000200003&script=sci_arttext&tlng=pt . Acesso em: 04/10/2017.

_____. **"Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000.** Estudos avançados, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, Dez. 2004. Disponível

em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000300003&script=sci_arttext. Acesso em 3 Jan. 2018.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil: Religião, sociedade e política**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio R. **Teorias da comunicação: do pensamento e a prática da comunicação social**. Elsevier, 2003.

PROCHET, Teresa Cristina et al. **Comunicação não-verbal e história da enfermagem: as representações do uniforme na formação da identidade profissional**. *Enfermagem Brasil*, v. 9, n. 2, 2010.

PRANDI, Reginaldo. **Religião, biografia e conversão: escolhas e mudanças**. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, Koinonia, nº 310, p. 34-42, 2000.

_____. **Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização**. *Horizontes Antropológicos*, v. 4, n. 8, p. 151-167, 1998.

ROCHA, Penha. **Mídia e Religião: Canal Século 21 e Rede Família**. Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_NP13R_OCHA.pdf Acesso em 18/01/2017.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias de Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

RODRIGUES, Elisa. **A dimensão comunicativa e a performatividade nos cultos da Igreja Mundial do Poder de Deus**. *Estudos de Sociologia*, v. 18, n. 34, 2013.

ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. **A Igreja Católica Apostólica Romana e o Estado Brasileiro: estratégias de inserção política da Santa Sé no Brasil entre 1920 e 1937**. 2011.

SANCHIS, Pierre. A contribuição de Émile Durkheim. In: TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da Religião: Enfoques teóricos**. Petrópolis: 2011. Cap. 2, p. 36-66.

SANTANA, Luther King Andrade de. **Religião e Mercado: a mídia empresarial-religiosa**. *Revista de estudos da Religião*, n. 1, p. 54-67, 2005.

SANTOS, Susy; CAPPARELLI, Sérgio. **Crescei e multiplicai-vos: a explosão religiosa na televisão brasileira**. In *Texto (UFRGS)*. V. 11, p. 1-23, 2004.

SCHERER, Klaus R. **Vocal communication of emotion: A review of research paradigms**. *Speech communication*, v. 40, n. 1-2, p. 227-256, 2003.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gerárd. **O Estado Espetáculo: ensaio sobre o star system em política**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

SELL, Carlos Eduardo. **A secularização como sociologia do moderno: Max Weber, a religião e o Brasil no contexto moderno-global. Revista Brasileira de Sociologia-RBS**, v. 3, n. 6, p. 11-46, 2015. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/revista/index.php/RBS/article/view/119/pdf> . Acesso em: 04/10/2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva aos Estudos Culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: EdUSP, 2007.

SOUZA, Herbert Rodrigues de. A inserção protestante na mídia. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun. **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007. Cap. 17, p. 243-255.

STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reyes. **Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo**. Sociologias, v. 12, n. 23, 2010.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo Ferreira. **O catolicismo e a Igreja Católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010**. Debates do NER. Porto Alegre. Vol. 14, n. 24 (jul./dez. 2013), p. 223-243, 2013.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Edusp, 2003.

TEIXEIRA, Faustino. **Cristianismo e diálogo inter-religioso**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRIGO, Luciana e CIPOLLA, José Hamilton Maturano. **Marketing e religião. Estudo de caso da Igreja Renascer**. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/10semead/sistema/resultado/trabalhosPDF/456.pdf> Acesso em 30/08/2015.

WATTS, Harris. **Direção de Câmera**. São Paulo: Summus, 1999.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ANEXO: TRANSCRIÇÃO DOS PROGRAMAS RELIGIOSOS

ANEXO A: PROGRAMAS “CONVERSANDO COM DIVALDO FRANCO”

Primeiro Programa: 25/09/2016

Tema: Desigualdades Sociais

Links:

1 de 3: <https://www.youtube.com/watch?v=27G0QmjXBQI&t=6s>

2 de 3: <https://www.youtube.com/watch?v=jEMWLo401Mw&t=1s>

3 de 3: https://www.youtube.com/watch?v=WVTXQa_1UyI&t=3s

VINHETA (Abertura com trilha sonora de música de piano e imagens da “Mansão do Caminho”, em Salvador e de crianças assistidas pela Instituição, finalizando vinheta com imagens do líder religioso sorrindo). 20”

Divaldo Pereira Franco vestindo terno azul claro, vocabulário erudito em tom esclarecedor. Cenário sem plateia.

Pergunta (entrevistadora Cláudia Saegusa): “Enquanto algumas pessoas gastam R\$ 50 mil numa simples bolsa de grife, a maioria da população mundial sobrevive com menos de R\$ 1 por dia, que dá menos de R\$ 30 por mês. E também os gastos anuais com alimento e veterinário para cães e gatos nos Estados Unidos seriam suficientes para que o saneamento básico chegasse a 75% da população mundial. Por que ocorre essa disparidade? Onde está a justiça divina aí? Não seria mais fácil ele simplesmente intervir e acabar com tudo isso?”

Resposta de Divaldo Pereira Franco: “Seria uma violência por parte de Deus e as leis cósmicas são leis de amor. A divindade nos proporciona o livre arbítrio e estabelece o determinismo. O determinismo é a plenitude; o livre arbítrio é a eleição para alcançar essa plenitude. Muitas vezes espíritos egotistas elegem para si direitos que não permitem ao seu próximo e através de uma estrutura social algo degenerada, multimilenar, alguns se permitem privilégios com olvido total de todos aqueles que necessitam dos mesmos recursos. Então os bens da fortuna, que deveriam ser repartidos socialmente com justiça, ainda se encontram nas mãos da avareza e por isso ocorrem estes disparates. Mas aqueles que hoje usufruem com verdadeiro exagero, voltarão na carência por causa do mau uso que fizeram dos dons e dotes que lhes foram emprestados. Não pretendemos preocupar-nos com esses que estão na carência total e

que passam por dificuldades. Poderemos dizer que são espíritos iniciando processo de evolução, passando por disciplinas morais muito severas, através das quais eles adquirem o equilíbrio para futuros empreendimentos. Nesses futuros empreendimentos também eles terão direito à abundância que lhe será exigida uma aplicação com sabedoria para poder evitar a recidiva na necessidade. Esses fenômenos sociológicos, sociais e econômicos fazem parte da estrutura da nossa sociedade, mas felizmente, desde a eclosão dos direitos humanos à Revolução Francesa em 1791 que o quadro vem sendo revertido. Ainda existem hoje na Terra 800 milhões de indivíduos condenados à morte pela fome, segundo dados da FAO (Organização Mundial de Alimentos). No entanto, o excesso, o desperdício em todos os países daria para matar a fome desses 800 milhões. Mas a lei é natural, porque o morrer e o retornar são fenômenos propostos pela legislação divina. Aquelas dificuldade de hoje serão recompensadas amanhã. Não é uma doutrina passadista, não é uma proposta conformista. É um processo natural da evolução através de vários estágios dos processos iluminativo”.

SEGUE OFF COM SEQUÊNCIA DE IMAGENS DE PESSOAS EM ESTADO DE MISÉRIA E POBREZA, ATERNANDO PARA RIQUEZA E OPULÊNCIA EM TODO DECORRER DO OFF. FINALIZA COM IMAGENS DE PESSOAS FELIZES, SORRIDENTES, SAUDÁVEIS.

OFF: “Segundo relatório da ONU, mais de um bilhão de pessoas está abaixo da linha de pobreza em todo o mundo. Todos os dias mais de 25 mil pessoas morrem de fome no mundo e não é preciso ir muito longe pra se deparar com essa realidade. Constantemente somos bombardeados por cenas de injustiça sociais. Enquanto muitos seres humanos vivem sem as mínimas condições que garantam suas necessidades básicas, a riqueza se concentra nas mãos de poucos privilegiados. A desigualdade social é uma questão que afeta tantos os países desenvolvidos quanto os países subdesenvolvidos. Nem mesmo as conquistas tecnológicas e científicas construíram o diálogo do bem comum. Dentro da cultura capitalista não há espaço para igualdade, porque seus alicerces se baseiam no poder de ricos sobre pobres, senhores sobre escravos e governantes sobre governados. O homem, teoricamente livre se sente aprisionado a uma constante insatisfação interior. Para o filósofo iluminista Rousseau, ‘com poucas necessidades e com condições de atendê-las o homem teria tudo para ser feliz’. Mas as causas do fenômeno social são muito mais profundas do que parecem. O

social dentro da perspectiva espiritual se torna ainda mais abrangente porque leva em conta o aprendizado que as necessidades trazem ao ser humano. Em o livro ‘Espiritismo dialético’, o jornalista e educador Herculano Pires diz que ‘a renovação do homem implica a renovação social, mas desde que o homem renovado se empenhe na transformação do meio em que vive, sendo esta, aliás, sua indeclinável obrigação’. Allan Kardec, em ‘Obras Póstumas’, ressalta que o resultado de todos os progressos individuais é o progresso geral. O que significa, dentro do processo evolutivo da humanidade que o homem só estará preparado para a igualdade e para a liberdade plena quando o orgulho e o egoísmo derem lugar à responsabilidade, ao respeito e à solidariedade. Então, o poder será substituído pela cooperação mútua. Cada uma receberá de acordo com a sua conquista pessoal”.

VINHETA/CHAMADA PARA SEGUNDO BLOCO

PERGUNTA: “Como nós podemos identificar o que é o supérfluo e o que não é? Eu tenho um amigo que foi promovido a uma cargo de chefia numa grande multinacional. Em razão disso ele ganhou um carro de luxo para que ele pudesse desempenhar as suas funções e é uma pessoa muito honesta, muito dedicada. Ele foi promovido por merecimento. Só que quando ele foi trabalhar naquele carro, com ar condicionado, com todo conforto, ele viu pessoas num ônibus lotado, inclusive com pessoas quase caindo na porta e ele se sentiu culpado por estar com tanto conforto e aquelas pessoas com quase nada, com conforto nenhum. Nós devemos nos sentir culpados por isso mesmo quando esse crescimento se dá por meios honestos?”

RESPOSTA: “De maneira nenhuma. Não podemos fazer culpa pelas ocorrências do processo evolutivo. Ele não estava se utilizando do supérfluo. A sua nova posição exigia um esquema normalmente chamado ‘status’ correspondente a sua função em uma empresa de alto suporte ou de alto conteúdo, seja de natureza econômica, seja industrial. Naturalmente, o supérfluo, conforme está em ‘O livro dos Espíritos’, o necessário supérfluo é tudo aquilo que é perfeitamente dispensável. Nós temos dez roupas, adquirimos mais dez; usamos um traje uma única vez por causa da moda; utilizamos de um calçado e, logo que ele começa a gastar o verniz que tem na sola ele já está superado. Isso é um desequilíbrio, é um desrespeito à necessidade daqueles que são os profundamente carentes. Mas isso faz parte de um contexto injusto e aqueles que

estamos dentro deste contexto teremos que responder com certa dignidade. Eu recordo-me que Chico Xavier, quando ia à televisão sempre vestia-se conforme os padrões da exigência do momento. Em Uberaba, como era natural em sua casa, ele estava na maior simplicidade. Não era o supérfluo, era a imagem. Ele tinha que projetar uma imagem com a nobreza e a qualidade da doutrina espírita. O que merece consideração é o indivíduo não confundir a ‘persona’ à imagem com a sua realidade. Não terá jactância. Então o nosso amigo, estando naquele carro de luxo, ele está recebendo recursos para desempenhar bem a tarefa, porque se ele tivesse que pegar o ônibus, ele teria que acordar uma hora ou duas antes. Chegaria já desgastado ao trabalho e talvez não pudesse corresponder. Não podemos ser mais realistas que o rei, nem mais puritanos que a lei universal”.

PERGUNTA: “Você citou o caso do esbanjador e que depois volta numa situação difícil. Como se dá essa mudança de condição social nas diversas reencarnações que nós temos?”

RESPOSTA: “Quando o espírito retorna ao mundo espiritual e dá-se conta do desperdício ele já está em curso numa lei de reparação, então o fenômeno reencarnatório automático. Ele vem numa situação que vai valorizar o excesso que desperdiçou. Quando se trata de um espírito que reconhece o erro e conscientemente deseja reabilitação ele pede para vir numa situação de dificuldade a fim de aprender na carência a boa administração que a divindade lhe considerar em outra ocasião”.

PERGUNTA: “Agora, nas grandes cidades, existe também aquele que tem a dificuldade financeira e se vale para enganar as pessoas nessa condição e se valer da bondade das outras. Eu vivenciei um caso interessante no metrô de São Paulo, onde uma moça entrou com uma criança no colo e uma outra de dez anos e ela dizia que ela estava desempregada e a filha estava há três dias tomando somente água. E as pessoas se sensibilizaram, uma até tirou uma nota de dez reais e deu pra ela e ela arrecadou – eu verifiquei lá – uns quinze reais só no vagão onde eu estava. No dia seguinte ela entrou no mesmo vagão que eu estava e ela disse também que a filha estava há três dias só tomando água e eu pensei comigo: ‘nossa! Só o que ela arrecadou no vagão que eu estava no dia anterior ela pelo menos leite e comida pra filha ela teria dado’ e isso

acontece várias vezes. O que acontece com esses espíritos que se valem da bondade do outro? ”

RESPOSTA: “São exploradores. É muito comum ter verdadeiros grupos que alugam crianças. Deixam-nas esfaimadas. Nós experimentamos isso na Mansão do Caminho quando encontrei pessoas pedintes com crianças esqueléticas e prontifiquei-me em interná-las para poder minimizar o quadro. Só então eu vim a descobrir que eram crianças de aluguel. Tratam-se de pessoas profundamente perversas, espíritos insensíveis que se reencarnarão em situação deplorável. Na idiotia, com expressões psíquicas de grandes conflitos, porque essas vítimas – as verdadeiras vítimas são as crianças – nem sempre perdoam quando despertam no mundo espiritual. Mas isso só ocorre porque a sociedade é injusta, porque o problema da pobreza é um problema da sociedade. Quando nós tivermos uma sociedade justa, que valorize e dignifique a criatura humana esses exploradores não terão oportunidade, porque ao invés de nós lhes darmos o dinheiro, encaminharemos a instituições que cuidam dos problemas para resolvê-los. É o grande problema nosso, no país, o flanelinha, aquele que fica no semáforo; a criança pedinte de poucos anos de idade ‘e meu Deus o que fazer? Dar? Não devemos dar. Porque o explorador está a poucos metros de distância e logo vem e toma o dinheiro. E se não tem o explorador, essa criança vai usar a droga. Nós estamos contribuindo como quem diz ‘eu lavo minha consciência, lavo as minhas mãos e eu dou’. Não devemos dar. Há instituições de benemerência que estão com grandes dificuldades. Ajudemos as instituições a ajudar. Porque assim iremos eliminar o intermediário que é o explorador da infância, como também da velhice, como aqueles também que têm as receitas permanentes para comprar o remédio ou aqueles que querem a passagem para voltar. É toda uma técnica de exploração que, numa sociedade digna irá desaparecer quando todos também contribuirmos valorosamente com dignidade e com coragem de desmascarar o mistificador ”.

PERGUNTA: “Na Mansão do Caminho, uma obra imensa, gigantesca, onde vocês ensinam não só... dão a parte material, mas ensinam a pessoa a se desenvolver. Como acontece isso porque vocês trabalham com a criança, mas como acontece para desenvolver os pais dessa criança?”

RESPOSTA: “Através dos condicionamentos. A criança só fica conosco se os pais trabalharem, normalmente a mãe. Porque o pai foi o zangão que fecundou e foi embora. Porque a mãe quase sempre fica com a carga – ou a avó – porque a mãe também desvaira e deixa com a avó. Então nós condicionamos o amparo a uma profissão. Procuramos controlá-la através da carteira do trabalho; quando perde o emprego nós conseguimos um outro emprego e ameaçamos que, se perder o trabalho, perde a vaga. Claro que nós não executamos porque a criança não pode ser penalizada pela leviandade dos pais, mas por outro lado nós entramos em contato com o Juizado de Menores para que advirta essas mães negligentes, porque nós damos tudo. Chega às sete da manhã e sai às dezessete e trinta, levando para casa pão, leite, café e açúcar diariamente, mesmo depois de receberem as duas refeições básicas e os dois lanches durante o dia. Então nós temos que educar para que as pessoas se dignifiquem, porque senão é um círculo vicioso. Eu estive certa feita em uma instituição e uma pessoa entusiasmada disse: ‘olha Divaldo, essa aqui é neta da senhora que nós começamos a atender’. E eu perguntei: ‘mas como você conseguiu manter na miséria três gerações?’ Se a avó era pedinte, muito bem, mas a filha não poderia ser pedinte, ela tinha que promover-se, porque eu trabalho, por que é que o necessitado não trabalha? Então nós seguimos a frase linda do Evangelho segundo o Espiritismo: ‘transformai em salários as vossas esmolas’”.

VINHETA E ENTREVISTADORA ANUNCIA O TERCEIRO BLOCO, REFERINDO-SE EXCLUSIVAMENTE AOS TELESPECTADORES E INTERNAUTAS.

VOLTA VINHETA SEGUIDA DE LETTERING “PODE PERGUNTAR”, COM ENTREVISTADORA TRAZENDO PERGUNTA DE TELESPECTADORAS.

ENTREVISTADORA: “Conversando com Divaldo Franco está de volta. A Gila Mari e Sílvia Mota querem saber se uma pessoa que capta energia de outra pessoa, como a doadora de energia fica?”

RESPOSTA: “Quando nós temos a capacidade de assimilar as energias de outrem, se aquele que seria o doador inconsciente não dispõe de recursos morais equilibrantes, ele se torna desvitalizado. É necessário que todo aquele que possui qualquer tipo de energia mantenha o equilíbrio psíquico que lhe faculte manter-se sempre em renovação como um dínamo gerador e, aquele que por sua vez assimila, tanto a negativa quanto a

positiva, deverá criar hábitos saudáveis para se não infestar de energias perturbadoras, nem encharcar-se de energias positivas de outrem, procurando sempre vincular-se a Deus para receber o fluido cósmico universal que é a fonte da vida”.

PERGUNTA: “O Luís Felipe Ferraz Campo da Paz namora uma pessoa mais velha que ele e que está com a autoestima muito baixa. Está passando por uma crise de depressão. Ele acha que ela está tendo uma influência espiritual, pois ela procurou um psiquiatra e não está muito bem. Ele quer saber como bloquear essas influências espirituais”.

RESPOSTA: “Em todo processo de transtorno, seja psicológico ou psiquiátrico, o doente é o espírito. E no caso de ser o espírito encarnado o doente, sempre há um contributo de adversários desencarnados ou de espíritos frívolos que se comprazem em perturbar o indivíduo. No quadro depressivo, a perda da autoestima é uma das primeiras síndromes perfeitamente natural. A busca do psiquiatra foi muito feliz, porque através das substâncias químicas pode estabelecer-se o equilíbrio da serotonina, da noradrenalina e das outras substâncias que os neurônios cerebrais deixaram momentaneamente de produzir. Nada obstante, na primeira fase, com a aplicação de barbitúricos parece piorar, mas deve persistir até que os neurônios realizem a sua tarefa de equilíbrio, simultaneamente procurando a terapia espírita: a oração, receber passes, participar das palestras doutrinárias que tem caráter psicoterapêutico”.

PERGUNTA: “Divaldo, o Alexandre Cordeiro Custódio, de Belém do Pará quer saber, quando Jesus desencarnou, que tipo de espírito ele era e que tipo de espírito ele é hoje?”

RESPOSTA: “Allan Kardec perguntou às entidades venerandas, conforme lemos na pergunta 625, de ‘O Livro dos Espíritos’: ‘Qual o ser mais perfeito que Deus ofereceu à criatura humana para servir-lhe de guia e modelo?’ e os espíritos responderam: ‘Jesus’. Jesus é o arquiteto do planeta terrestre, é o construtor do planeta terrestre. Quando ele encarnou – e isso foi apenas uma vez – ele já era um espírito nobre. Ele próprio disse-o: ‘E antes que vós fôsseis, eu já era’. Mas na atividade que ele desempenha também ele marcha no processo da evolução da busca do Pai. Ele teve ocasião de dizer que ele e o pai eram unos, estavam perfeitamente unificados. Então a situação dele hoje é de um espírito perfeito dentro do nosso grau de percepção”.

PERGUNTA: “A Isabela Luz Rocha, de Goiás, perguntou se quando as crianças que têm Síndrome de Down desencarnam se elas vão diretamente para os educandários espirituais ou para o Umbral?”

RESPOSTA: “Nunca para o Umbral, porque a lei é de progresso. Quando a criança nasce com Síndrome de Down ou qualquer outra, naturalmente está sob uma expiação libertadora. Ao terminar o seu estágio, voltando ao mundo espiritual, essa criança vai receber a ajuda conveniente para libertar-se das marcas perispirituais e prosseguir na sua trajetória iluminativa. Sempre. Todas as crianças recebem amparo logo após a sua desencarnação, sejam aquelas que tiveram uma vida aparentemente normal, como aquelas que vieram assinaladas por expiações e provas dolorosas”.

PERGUNTA: “A Clotilde Graça disse que ficou paraplégica há dezoito anos em um acidente de carro e que o marido dela está com ela, mas a ignora, pois ela está em uma cadeira de rodas e diz que no dia seguinte que assistiu ao seu programa uma vizinha, que é como se fosse sua filha lhe deu de presente um livro seu, Divaldo. Ela quer saber se isso significa algo e como ela faz para ter uma vida mais feliz?”

RESPOSTA: “Primeiro introjete a felicidade. Não considere que o movimento das pernas, ou o movimento da cintura para baixo seja tão importante. Viaje pelo pensamento. Encontre a felicidade. Quando a vizinha lhe deu um livro, foi talvez guiada pela sua necessidade evolutiva para encontrar o roteiro. Agradeça a Deus! O marido não lhe dá assistência compatível, é relativamente compreensível. Nós vivemos entre criaturas utilitaristas, mas se ele respeita você, se ele lhe dá assistência moral, ele ainda está dentro de casa, ele é digno de compreensão. Não o ame menos. O seu trabalho de autoiluminação é, não se podendo movimentar, você pode com o pensamento construir a sua felicidade. O Espiritismo dizer-lhe-á que este incidente foi expiatório. Você reencarnou-se para passar por esse processo a fim de libertar-se de gravame cometido em existência anterior. Use dos seus valores mentais, das suas energias para, não obstante a falta de movimentos, você preencher grandes lacunas e ser um modelo vivo para outras pessoas”.

ENTREVISTADORA: “Nós vemos nas grandes cidades uma transformação no comportamento das pessoas, até se tornando indiferentes a algumas coisas, tamanho o

volume da miséria que existe nas grandes cidades. Eu quando saio da minha casa, muitas vezes, existem famílias mexendo no lixo do prédio. Eu saio um pouquinho, ando mais, tem pessoas caídas na rua e uma pesquisa que foi feita recentemente verificou que uma pessoa que estava caída na rua numa pequena cidade, as pessoas iam verificar o que estava acontecendo. Já nas grandes cidades, não. Ninguém parava. As pessoas passavam como se fosse algo que pertencesse a... um objeto que estava ali na cidade. Como fazer para não nos tornarmos essas pessoas indiferentes? Pelo que você explicou seria melhor nós nos engajarmos em uma instituição séria, é isso?”

RESPOSTA: “Sem dúvida. Porque também não poderemos solucionar todos os problemas. É a hora do expediente. Nós temos um compromisso. Encontramos alguém caído que é um ébrio, que é um toxicômano. Como iremos ajudar? Esse trabalho também é do governo. A sociedade elege o governo para que ele realize as necessidades do povo através do cidadão. Pagamos os impostos, mas agora nós temos aí a lei dos Direitos Humanos. Se tirar as pessoas da rua e levá-las para entidades que dão proteção, logo a imprensa vem dizendo que se violentou a liberdade de movimentar-se, de ir e vir. O assunto é bastante complexo. Nós deveremos manter a afetividade, mas também não poderemos envolver-nos com cada um que esteja com problema dessa natureza, porque alguns estão por livre eleição. Outros, porque tiveram certos desgostos na vida e abandonaram tudo, entregaram-se à embriaguez, ao alcoolismo, à drogadição e deixaram-se matar os ideais. Outros, tornaram-se pedintes, vivem na miséria e dispõem de bens, têm casas, têm cadernetas de poupança, porque o pior problema é o da miséria moral. A miséria social é uma decorrência inevitável da miséria moral. Falamos hoje muito de poluição. Os espíritos me dizem que a pior poluição é a mental. Ela é responsável pela poluição da atmosfera, dos rios, dos lagos, dos mares, por causa da nossa indiferença humana. Então nós devemos manter os nossos vínculos de amor universal, mas não poderemos repetir *ipsis verbis* a parábola do bom samaritano, parar em cada quadra para ajudar uma pessoa. Para isso o governo tem instrumentos para fazer e nós oferecemos os recursos a esses instrumentos.”

PERGUNTA: “O que o Espiritismo pode trazer de contribuição para o mundo para diminuir as desigualdades sociais?”

RESPOSTA: “A informação que demonstra que nós somos construtores de nós mesmos. Tudo aquilo que nós fazemos do pensamento à palavra ação está sendo edificado para albergar-nos na alegria, na tristeza, na frustração, na miséria ou na felicidade. O Espiritismo dá-nos consciência, a consciência de si. Vem dizer que estamos na Terra para uma finalidade educativa, que não podemos ser indiferentes ao processo sociológico da evolução do grupo e pessoalmente nos ilumina, porque nos desperta a consciência para o amanhã. Da mesma forma que temos a consciência previdenciária para o futuro, a velhice, a doença, temos essa previdenciária para a eternidade, ou melhor, a imortalidade (porque eterno somente Deus) para o prosseguimento depois que o nosso corpo se desintegre e nós viajemos. Então o Espiritismo é a proposta libertadora, é o Cristo de volta (não fisicamente, é óbvio), mas é o seu pensamento de amor através do consolador que ele prometeu.”

PROGRAMA “CONVERSANDO COM DIVALDO FRANCO”

SEGUNDO PROGRAMA: 02/10/2016

TEMA: EVANGELHO

LINKS:

1 de 3: https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=JM-eV011K-Y
 2 de 3: <https://www.youtube.com/watch?v=QiOhqgPxVYA&index=38&list=PL78FC2F58048FDE1C>
 3 de 3: https://www.youtube.com/watch?v=otsWY_fVnvY&index=39&list=PL78FC2F58048FDE1C

VINHETA (Abertura com trilha sonora de música de piano e imagens da “Mansão do Caminho”, em Salvador e de crianças assistidas pela Instituição, finalizando vinheta com imagens do líder religioso sorrindo). 20”

Divaldo Pereira Franco veste roupa social azul marinho.

PERGUNTA: “O Espiritismo nos ensina que o aperfeiçoamento de uma pessoa é obtido ao longo de muito tempo, o que explicaria a reencarnação. Mas no evangelho de Lucas, no capítulo 23, versículo 43, ele afirma que na crucificação Jesus prometeu ao bom ladrão que naquele mesmo dia ele estaria com ele no paraíso. Não há aí uma contradição?”

RESPOSTA: “Acredito que se trata de uma tradução interpolada. A tradução real poderia ser expressa da seguinte maneira: quando o bandido pede a Jesus para que o receba no Reino dos Céus, Jesus lhe teria respondido: ‘Em verdade vírgula (,) em verdade te digo agora vírgula (,) estarás comigo no paraíso’, o que muda completamente o sentido da frase, que alguns indivíduos que acreditam que a fé salva procuraram traduzir como: ‘Em verdade vírgula (,) em verdade te digo vírgula (,) agora estarás comigo no paraíso. Também nós podemos considerar que o paraíso não seja um local pré-determinado, que tem uma característica geológica, terrestre, para cima ou para baixo, mas um estado de consciência. Se o bandido, chamado de ‘bom ladrão’ e nenhum ladrão é bom ou mau, todos são ladrões porque vão contra a lei da ordem, arrependeu, se mudou de atitude, isto já é um paraíso. Sair daquele conflito, daquela tendência negativa para poder aceitar a proposta de Jesus que ele sequer conhecia, porque o que lhe fascinou foi a resignação daquele homem estranho, que ele sabia estar sendo crucificado sem ter nenhuma culpa. Eu recordo, por exemplo, de Santo

Agostinho. Quando ele abandona o maniqueísmo e se torna cristão, ele tem oportunidade de dizer que, naquela época anterior ele mentia, ele fraudava, ele furtava, ele agredia, ele tinha prazer em fazer o mal, no entanto, quando ele encontrou Jesus ele mudou. Equivale dizer que ele saiu de um conflito terrível para a paz interior, porque o estado de paraíso não é estado de beatitude, é o estado de bem estar. Poderemos, então aceitar ambas as respostas, considerando que, a partir daquele momento, que o bom ou mal ladrão se arrependeu e aceitou uma vida nova, isto já era um estado de plenitude”.

PERGUNTA: “O evangelista Mateus, no capítulo 18, versículo 20 retrata as seguintes palavras de Jesus: ‘Porque onde estiverem dois ou três em meu nome aí estou eu no meio deles’. Por que dois, se nós sozinhos já estamos envolvidos com o amor de Jesus?”

RESPOSTA: “É um apelo à fraternidade. Se ele dissesse ‘quando estiverdes orando eu estarei somente convosco’ iria estimular-nos o egoísmo, essa conduta nefanda do individualismo. Jesus é a proposta da fraternidade universal. Então quando Ele nos conclama a buscar outrem para orar, equivale dizer que estamos também solidários, para evitar que sejamos solitários. Então a colocação do Mestre é oportuna, o que não quer dizer que o indivíduo, quando esteja a sós não receba sua resposta. Pois que, ainda na continuação desse texto ele irá dizer: ‘batei e abrir-se-vos-á. Buscai e achareis. Pedi e dar-se-vos-á’. Aí nós vamos ver, na linguagem imperativa, o indivíduo e não o grupo pedindo”.

SEGUE OFF COM SEQUÊNCIA DE IMAGENS DA BÍBLIA, DE JESUS PREGANDO, EVANGELISTAS, DO PLANETA.

OFF: “Difícil encontrar alguém que nunca tenha ouvido falar sobre o Evangelho. Mais difícil ainda quem não tenha um exemplar em casa do livro mais estudado e conhecido da História da humanidade: a bíblia, da qual o novo testamento ou o evangelho faz parte. O novo testamento é constituído por vinte e sete livros divididos em quatro partes, dos quais se destacam os evangelhos canônicos, aqueles reconhecidos pelas igrejas cristãs. São eles os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. A expressão ‘evangelho’ nasceu com o cristianismo. Tem origem grega que quer dizer boas novas ou boas notícias. Apesar das incontáveis alterações pelas quais esses textos passaram ao

longo dos séculos durante suas traduções e as dificuldades de conservação dos manuscritos originais da época as lições ensinadas pelo mestre atravessaram a linha do tempo. Cada um dos evangelhos possui seu estilo próprio, embora os três primeiros, o de Mateus, Marcos e Lucas sejam muito semelhantes em sua forma. O que mais se diferencia na linguagem é o de João, quarto e último evangelho. Apesar de ignorados pela Igreja por abordarem uma visão mais transcendente dos fatos e colocar em debates dogmas, os evangelhos apócrifos guardam reflexões de Jesus que representam o verdadeiro tesouro para a humanidade. Entre os evangelhos apócrifos, ou seja, aqueles que não são aceitos pela Igreja, encontramos os manuscritos de Tomé, Felipe, Pedro e Judas. Independente de acreditar ou não, impossível negar a presença da herança intelectual dos textos bíblicos até mesmo na vida dos céticos. Em suas famosas epístolas, Paulo de Tarso, uma figura notável na divulgação do cristianismo destaca que a letra mata, mas o espírito vivifica, o que nos leva à reflexão sobre os princípios transformadores das mensagens de Jesus sem o apego às palavras. Analisando ainda os aspectos morais transmitidos pelo Cristo não podemos deixar de citar o ‘Evangelho segundo o Espiritismo’, lançado em abril de 1864 por Allan Kardec. A obra aborda com clareza os princípios morais dos evangelhos, com destaque para a caridade, sentimento que tem como alicerce o amor. Hoje, após mais de dois mil anos da passagem de Jesus pelo planeta, o evangelho continua sendo estudado por inúmeras religiões e pesquisadores. O que nos resta agora é aprendermos a colocar em prática todos os seus ensinamentos. Podemos começar refletindo o que estamos fazendo para nossa mudança interior e como nossos atos têm se refletido na sociedade. O bem em ação representa o verdadeiro sentido do evangelho, afinal, podem existir melhores boas novas do que a prática do bem?”

VINHETA/CHAMADA PARA SEGUNDO BLOCO

PERGUNTA: “E o evangelista João, no capítulo 20 de seu livro, versículo 17, afirma que Jesus, ao aparecer para Maria de Magdala, após a crucificação, a repreende, porque ela tenta tocá-lo e lhe diz: ‘não me toques, porque ainda não subi para meu pai’. Por que Maria de Magdala não podia tocá-lo e por que ele apareceu primeiro para Maria de Magdala?”

RESPOSTA: “É uma questão muito profunda da Teologia. Não se trata de uma repreenda, mas de uma advertência. Segundo as tradições, Jesus teria ido buscar Judas, depois do suicídio, nas regiões profundas do mundo espiritual inferior, para onde ele se arrojou naquele ato de desespero, fugindo da responsabilidade. O incomparável amor do mestre desceu a essas regiões degradadas do nosso planeta para resgatar o discípulo querido que nem por isso deixaria de, ele próprio, assumir a responsabilidade através de várias reencarnações na História, voltar com alta carga conflitiva que ele sublima na reencarnação como sendo a personalidade Joana D’Arc. Então Jesus estava ainda com seu perísprito impregnado por aquelas energias. Maria de Magdala ao abraçá-lo poderia contaminar-se daqueles fluidos que ele estava depurando para o seu encontro com o psiquismo do Pai. Por que a ela? Porque, segundo a visão do evangelho foi a mulher a criatura que realizou a maior transformação de natureza moral. Digamos que, no sentido filosófico e literário ela era um pântano. Depois que conheceu Jesus tornou-se uma fonte cristalina. Era um ser muito conflitado e, depois do mestre, ela encontrou a própria paz. Ele quis mostrar que mais recebe aquele que mais doa. Eu sempre me perguntei por que ele não apareceu primeiro a sua mãe? Não apareceu a João a quem tanto amava ou a Pedro, a quem havia concedido a direção do seu rebanho e sim a ela, para demonstrar que diante da consciência cósmica, aquele que significa é tão grande como aquele que tem uma vida pura, uma vida normal, uma vida edificante. Maria Madalena, no meu conceito, é a maior revolução da transformação moral que, encontrando Jesus, mudou completamente a diretriz de sua vida moral, o que difere de Paulo, quando Saulo, ele era saudável, carregava a terrível carga do crime praticado contra os cristãos, mas era um homem enérgico, cumpridor dos seus deveres, vivia em caráter de saúde moral e sexual. Ele prosseguiu, ela não. Ela experimentou os tormentos de um sexo desvairado e libertar-se de um vício, o chamado vício social do tabaco ao vício da corrupção de um prostíbulo, a distância é muito grande e ela superou.”

PERGUNTA: “O evangelista São Marcos, no capítulo seis, versículo sete, narra que Jesus chamou a si doze discípulos, começou a enviá-los dois e dois e deu-lhes poder sobre os espíritos imundos. Existe alguma razão para eles partirem de dois em dois?”

RESPOSTA: “Acredito que o texto se refere aos setenta da Galileia. Ele chamou setenta e mandou que fossem dois a dois para anunciar o reino dos céus. Nessa incumbência ele deu-lhes poder para que afastasse os espíritos perturbadores, restituísse a razão aos

indivíduos. Primeiro provocando impacto de natureza visual, a crença pela visão, para depois o impacto pela transformação moral. Por que dois a dois? Porque ao par podiam ajudar-se reciprocamente, a sós, a solidão, a nostalgia, qualquer inquietude, a ausência de uma testemunha tornaria o ministério muito mais difícil. E aí também a lição da fraternidade. Indo dois indivíduos podem apoiar-se mutuamente e tornar o fardo menos pesado.”

PERGUNTA: “Lucas no capítulo oito, narra fatos em que Jesus liberta um possesso. Os espíritos obsessores, ao serem interpelados por Jesus afirmam ser ‘Legião’, pois eram muitos. Em seguida, esses mesmos espíritos rogam a Jesus que não os lance ao abismo e lhes permita entrarem em alguns porcos que se encontram próximo do local. E aí ele narra: ‘ E tendo saído os demônios do homem gadareno entraram nos porcos e a manada precipitou-se no despenhadeiro no lago e afogou-se. Por que aconteceu isso com os porcos?’”

RESPOSTA: “É uma visão literal. Necessitamos compreender que, àquela época, os discípulos não tinham nenhuma ideia de como se operavam os fenômenos. Os fenômenos apresentavam-se-lhes no caráter sobrenatural. Os espíritos não poderiam ‘entrar’ nos porcos porque também não estavam ‘dentro’ do homem. A obsessão é sempre um fenômeno de perispírito a perispírito, mesmo nos casos graves de subjugação, nos evangelhos denominados como possessão, o espírito continua dentro do ser humano como um líquido num vasilhame. Em realidade o texto diz: ‘não nos mande ao Hades, pelo menos deixa-nos entrar nesses porcos, que estourando, tombaram no mar’. Ora bem, quando esses espíritos saíram criaram uma psicofera perturbadora e como os animais podem ver – não se trata de mediunidade – pela densidade fluídica assustaram-se e então aquela vara atirou-se no abismo despedaçando-se nas montanhas, porque este local chamado ‘Decápole’, as dez cidades gregas, era particularmente um local de criadores de porcos. Gadara ou Gersesa ou Gercesa, no evangelho está sob os três epígrafes. E então Jesus vai lá levar a boa nova e eles recusam, principalmente porque aquele lunático, aquele psicopata vai à cidade, todos o reconhecem. Está sarado como? E ele mostra que foi Jesus quem o curou e refere-se ao prejuízo dos porcos e os Gadarenos não o receberam. Preferiram os porcos como muitos de nós, ainda hoje, preferimos os vícios que são os suínos da nossa conduta à revelação do Cristo.”

PERGUNTA: “No livro de Mateus, no capítulo dezessete, versículos um a treze, é efetuada a narrativa da transfiguração de Jesus e logo depois ele deixa transparecer que o profeta Elias reencarnou como João Batista. Se João Batista foi Elias por que ele foi decapitado?”

RESPOSTA: “A proposta do mestre é muito bela, porque depois da transfiguração, quando aparecem Moisés e Elias – o que prova a imortalidade e a comunicabilidade dos espíritos – porque Moisés estava desencarnado fazia mais de mil anos e Elias estava desencarnado há quase seiscentos anos. Se eles dialogam com Jesus, temos aí a comunicação espiritual. O texto é muito belo porque a princípio Jesus ouve os espíritos perguntarem: ‘Senhor, não é verdade que antes de vir o Messias venha Elias?’ E ele diz: ‘Sim! E o Elias que deveria vir já veio e é este que aí está’. E então, entre parênteses está: ‘E eles entenderam que se tratava de João Batista’. João Batista era reencarnação de Elias porque as velhas profecias diziam que Elias, o venerável profeta, era um abridor dos caminhos para o mestre e em muitos outros textos nós vamos encontrar essa referência. Quando Jesus, por exemplo, pergunta aos discípulos: ‘Quem dizem os homens que é o filho do homem?’ E eles contestam: ‘Uns dizem que tu és Elias, outros dizem que tu és Jeremias, outros afirmam que tu és um dos profetas que voltou e até mesmo que tu és João Batista’. Então ele se volta para Pedro e pergunta: ‘E tu? Quem dizes que eu sou?’ Como ele não era nenhum daqueles indivíduos reencarnados, pois, Pedro então dá a revelação: ‘Eu digo que tu és o Messias, o filho de Deus vivo’. ‘Então Simão, não foi o sangue nem a carne que te revelaram. Foi meu Pai que estais nos céus.’”

VINHETA/CHAMADA PARA TERCEIRO BLOCO

VINHETA/VOLTA PARA TERCEIRO BLOCO COM PERGUNTA NAS RUAS.

HOMEM/PERGUNTA: “Divaldo, o que você está achando do Espiritismo no momento?”

RESPOSTA: “Considero sempre o Espiritismo a mesma mensagem de beleza espiritual e permanente. Na atualidade, graças à contribuição da mídia que o vem divulgando sem o preconceito de outrora, a doutrina expande-se, em superfície, convidando no entanto

os indivíduos para que aprofunde os conceitos a fim de que ela também adquira sabor de profundidade.”

HOMEM/PERGUNTA: “Queria saber, professor Divaldo Franco, a sua opinião sobre a existência de Deus?”

RESPOSTA: “A existência de Deus está muito bem demonstrada no Livro dos Espíritos, no capítulo número um, na questão de número um. Sempre se perguntou ‘quem é Deus?’ e na colocação já estava a resposta, porque o verbete ‘quem’ significa ‘o homem que’ e nós tivemos, ao longo da história um Deus antropomórfico, o Deus de Israel, o Deus dos exércitos, o Deus que criava e se arrependia, portanto um Deus humanoide. Allan Kardec, que era um filólogo e profundo conhecedor da língua Francesa, interroga com perfeição: ‘Qu'est-ce que Dieu?’, que é Deus? E os espíritos respondem: ‘Deus é a inteligência suprema, é a causa suprema do universo’, dá uma definição, colocando Deus na sua plenitude de natureza eterna antes e depois da criação. Mas Allan Kardec não se contenta com isso e volta à carga: ‘E que prova se tem da existência de Deus?’ Os espíritos respondem: ‘Em um axioma que aplicas a vossas ciências, todo efeito provem de uma causa, logo tudo aquilo que não foi feito pelo homem, por Deus foi feito.’ Pode parecer uma resposta simplista, mas se nós observarmos as fotografias do telescópio *Hubble*, que nos dá notícias de galáxias, que são absorvidas pelos buracos negros e de poeira cósmica que se transforma em novas galáxias, poderemos perguntar que/quem as fez. Neste universo em que nós temos duzentos bilhões de galáxias e, em nossa galáxia temos aproximadamente cem milhões de sóis, nós temos que convir que há uma causalidade absoluta de uma inteligência suprema: Deus.”

HOMEM/PERGUNTA: “Por que que as pessoas de hoje não pensa (sic) no seu próximo? Essa que é minha dúvida, porque hoje tá (sic) assim, cada um por si e Deus por todos.”

RESPOSTA: “O provérbio vem exatamente de uma observação muito unilateral. O egoísmo é da natureza humana. O indivíduo tem uma necessidade que é uma herança atávica do seu instinto de conservação da vida. Primeiro cuidar-se e ao atingir o período da razão, esta predominância da natureza animal como que oblitera a natureza espiritual.

Dá a solidariedade. Somente pouco a pouco através da cultura e da ética vai tomando conta dos espaços da Terra e predomina o egoísmo, o egocentrismo, o egotismo em que primeiro o indivíduo para depois os outros.”

MULHER/PERGUNTA: “Gostaria de saber sobre o demônio que eles falam muito na igreja evangélica, em geral, sobre o inimigo que toma conta da gente. Por exemplo, tudo que acontece eles culpam o demônio e no Espiritismo eu gostaria de saber se realmente é isso mesmo que eles falam?”

RESPOSTA: “De maneira nenhuma. A própria palavra ‘demônio’ é derivada do termo grego ‘*daimon*’. Sócrates, o filósofo tinha um *daimon*, que era um espírito guia, um anjo tutelar e Sócrates afirmava que todos temos *daimoniones*, aqueles seres que nos conduzem. Posteriormente, a palavra traduzida para o latim ‘*demonios*’ sofreu uma corruptela e passou a significar anjo do mal, seres perversos, diabos. Em realidade, não podemos transferir a nossa realidade para os espíritos infelizes. É uma atitude muito cômoda. Tudo aquilo de ruim que nos acontece é culpa dos demônios, é culpa dos espíritos inferiores. E a nossa consciência? A nossa liberdade de opção? No Espiritismo, nós somos responsáveis pelos nossos pensamentos, palavras e atos, embora, na questão quatrocentos e cinquenta e nove de ‘O livro dos Espíritos’, Allan Kardec perguntou se esses espíritos interferiam em nossos pensamentos e atos e os espíritos responderam que sim, mais do que nós imaginamos, a ponto de nos informar que são eles que nos dirigem. Equivale dizer que nós estamos num mundo de vibrações, de sintonia. De acordo com nossa conduta, sintonizamos com ondas evolutivas equivalentes, onde estão espíritos bons e espíritos maus. Dessa forma, quando nós agimos sob exploração de espíritos maus é porque nós estamos em estado de desequilíbrio. A ideia inicial é nossa que lhes inspiram, estimulam e conduzem.”

ENTREVISTADORA/PERGUNTA: “Novamente em Lucas, no capítulo quatro, versículo catorze a trinta ele faz a seguinte narrativa: ‘ E levantando-se o expulsaram da cidade e o levaram até o alto de um monte para dali o precipitarem. Ele, porém, passando pelo meio deles, retirou-se. O que aconteceu? Jesus hipnotizou a multidão?’”

RESPOSTA: “A cena é a continuação de um fato. Quando Jesus foi à sinagoga e começou a pregar, os seus parentes ficaram escandalizados, para não dizer enciumados.

E ficaram magoados, por que como podia aquele filho do carpinteiro saber tanto, ser portador de sabedoria? E com isso desejaram arrebatá-lo, leva-lo ao monte para precipitá-lo no abismo. E ele, com sua autoridade moral fez que sustassem o gesto e passou entre eles sem ser molestado. Portanto foram familiares, dizem ‘os seus irmãos’. A questão é muito delicada, porque depende muito dos tradutores. Para uns, os irmãos de Jesus eram os filhos de José que, viúvo, ao consorciar-se com Maria, já os trouxe. Segundo outros seriam também filhos de Maria. Eu opto pela primeira explicação, porque José já era um homem idoso e, segundo a tradição hebreia, ele foi convidado pela representação do templo para guardar aquela mulher na condição de uma vestal. Quando ela engravida, ele se surpreende e então ele deseja abandoná-la discretamente. Então, uma entidade espiritual aparece e diz: ‘Toma tua mulher que é digna.’ Daí são controvérsias que vão levar o indivíduo a reflexões muito profundas, aqueles irmãos despeitados quiseram asfixiar a sua tarefa, impedi-lo de realizar o ministério, mas ele, que é o senhor mais perfeito que nós temos para servir de modelo e guia, com a sua autoridade foi liberado, porque os covardes não podem enfrentar os indivíduos estoicos. Eles são hábeis na traição, são hábeis nas armadilhas, mas não têm o enfrentamento moral e então, diante da autoridade de Jesus eles ficaram como que paralisados e o mestre passou tranquilamente.”

VINHETA

APRESENTADORA: “VOCÊ FICOU COM ALGUMA DÚVIDA? SOBRE O TEMA ABORDADO NO PROGRAMA DE HOJE? QUER FAZER ALGUMA CRÍTICA OU ALGUMA SUGESTÃO? ENTÃO ACESSO O SITE WWW.TVMUNDOMAIOR.COM.BR E CLIQUE NO LINK FALE CONOSCO. A SEMANA QUE VEM TEM MUITO MAIS ‘CONVERSANDO COM DIVALDO FRANCO’ PRA VOCÊ. ATÉ LÁ!”

VINHETA/ENCERRAMENTO

PROGRAMA “CONVERSANDO COM DIVALDO FRANCO”**TERCEIRO PROGRAMA: 09/10/2016****TEMA: RELACIONAMENTO PAIS E FILHOS****LINKS:**1 de 3: <https://www.youtube.com/watch?v=GI39rcTRcHU&t=5s>2 de 3: <https://www.youtube.com/watch?v=so4G3ahazWc&t=1s>3 de 3: <https://www.youtube.com/watch?v=JmKjFzPrQgw>**VINHETA ABERTURA**

PERGUNTA: “Alguns casais têm opiniões muito diferentes na educação dos filhos. Um se mostra bonzinho e outro se mostra rígido e geralmente os filhos se dirigem àquele que é mais maleável e o outro passa a ser o carrasco da casa. Muitas vezes eles discutem na frente dos filhos. O que isso pode prejudicar no convívio familiar?”

RESPOSTA: “Nós utilizamo-nos de uma lenda, o chapeuzinho vermelho. Todo mundo gosta de ser vovozinha, porque não tem nenhum trabalho, mas o lobo mal é a advertência, é a sombra, dentro da psicologia Jungiana. Nem a energia que disciplina sem amor, nem o amor que deixa de disciplinar. Cabe ao casal, aos pais, a tarefa de criar bons hábitos. Allan Kardec, aliás, falando sobre moral, ele diz que é a aquisição de hábitos saudáveis. Então o que fazer? No momento de tolerar, perfeitamente tolerar, mas no momento de disciplinar, disciplinar como sendo a maneira de criar hábitos saudáveis, que a criança não sabe como discernir. Quando os adultos discutem diante dos filhos, dão-lhes o exemplo da incompreensão e da incompatibilidade. É natural a criança ver que os pais que deveriam ser modelos têm muitos conflitos e vai aderir essa criança àquele que se torna vítima, o que é uma maneira de a pessoa fugir à responsabilidade. Porque ser vítima é muito agradável. Basta queixar, chorar e inspirar compaixão, mas nunca inspira amor. Então os pais nunca se devem conflitar pelo fato de se haverem incumbido da tarefa amando, porém com disciplina.”

PERGUNTA: “Mas alguns chegam ao extremo de dizer que o filho só obedece depois que apanha e depois o filho obedece, mas ele faz logo alguns dias após a mesma coisa e eles perdem a paciência e batem de novo no filho. Como mudar essa situação?”

RESPOSTA: “É que já está aí um mecanismo repetitivo de irritabilidade. Quando os pais são obrigados entre aspas a bater, eles falharam na arte de educar, porque eles estão

apelando para a punição, quando educar não é punir, é criar hábitos. É arrancar de dentro o conhecimento adormecido. Começa-se a educar desde a gestação. É a célebre frase da doutora Montessori, autora de ‘A Casa dei Bambini’, em Roma, quando a mulher lhe perguntou como deveria educar o seu filho e ela perguntou: ‘e que idade tem seu filho?’ ‘Ah! Tem um ano.’ ‘Corra! Já perdeu o melhor período.’ Pode parecer absurdo, mas como educar? Criar o hábito da criança dormir na hora de dormir; não ficar o dia inteiro dormindo e a noite toda acordada; alimentar-se na hora certa, evacuar no momento próprio, enfim, criar hábitos orgânicos fisiológicos, porque a criança não tem o discernimento para os hábitos morais. E dentro desta disciplina natural, que se faz espontaneamente, à medida que vai crescendo ela vai sendo cerceada nos abusos e orientada nos usos, pela presença da mãe, pela presença do pai, pela conversação. Quando, por exemplo, o adulto o adulto bate numa criança é porque ele reconhece inconscientemente que falhou. Então ele pune para impor-se quando a educação é de exposição. Nunca se deve bater numa criança. Primeiro, é um ato de covardia moral, de um adulto utilizar-se de uma criança para poder puni-la. Como é natural, a criança está descobrindo o mundo na fase lúdica e ela tem a astúcia, que é a herança animal. Então ela tenta ludibriar. Qual é a postura do adulto percebendo-lhe a façanha? Desmascará-la com naturalidade e não ceder, porque a criança tem por objetivo insistir até cansar. E nós temos o dever de demonstrar que através desse processo, não resulta de maneira positiva.”

VINHETA/OFF:

Dentro da estrutura familiar os pais representam a base dos filhos, semelhante à raiz que oferece sustentação à árvore, o elo que deve ser baseado nos pilares do amor e do respeito, mas que nem sempre segue os padrões desejados. Pais que perdem o controle e partem para agressão ao invés de tentar em um diálogo. Filhos que não sabem respeitar os limites. Muitos pecam pelo excesso exagerando na dose de proteção criando filhos dos inseguros e incapazes de enfrentar os problemas da vida. Há também aqueles que se esquecem do compromisso de serem pais em decorrência da correria do cotidiano ou ainda por falta de esclarecimento. Pesquisas na área de psicologia destacam a importância do ambiente familiar na formação da personalidade de um indivíduo. De acordo com a doutrina espírita não é por acaso que os espíritos se reúnem em um mesmo ambiente, seja por laços de simpatia ou inimizade do passado para que possam

evoluir juntos, seja no papel de pai, mãe ou filho. Um encontro que tem início antes mesmo da fecundação do óvulo, visão que os instrumentos da ciência ainda não conseguem observar. Em o livro ‘A Gênese’, Allan Kardec descreve o renascimento, quando o espírito deve encarnar-se em um corpo humano em vias de formação, num laço fluídico que mais não é do que uma expansão do perísprito, o liga ao germe que o atrai por uma força irresistível desde o momento da concepção. Por esse motivo, mesmo diante de inúmeras fórmulas sugeridas para educar o filho e resolver os conflitos familiares, nada supera os exemplos diários baseados em uma convivência equilibrada dentro do lar. Cabe aos pais o papel de educar e transmitir aos filhos os valores morais para que possam se tornar pessoas de bem capazes de honrar pai e mãe, como ensina o evangelho.

VINHETA/CHAMADA PARA PRÓXIMO BLOCO

PERGUNTA: “Você disse em ceder e hoje em dia nós temos uma família muito *sui generis* porque os pais passam muito tempo longe dos filhos e quando eles chegam em casa muito sentem-se culpados por passarem tanto tempo fora e não conseguem impor limites aos filhos. Qual a consequência disso na educação?”

RESPOSTA: “Negativa, porque se os pais são levados ao trabalho para terem maior conforto para realizarem-se, do ponto de vista ideológico, das suas necessidades culturais, emocionais e sociais, então conversa (sic) com filho naturalmente, explica-lhe da necessidade que tem e atende-o. Tem que reservar um período para convivência, porque o fato de ter assumido a maternidade e/ou a paternidade, isso exige-lhe um compromisso de responsabilidade junto ao educando. Então deve diminuir a sua faixa horária de atendimento fora para poder oferecer ao filho, primeiro para poder vivenciar, porque o período da infância é imperdível e passa muito rapidamente. Então isso faz com que nasça entre pais e filhos uma intimidade e encantadora e o respeito que não pode ser negligenciado. A criança tem muita habilidade em entender. Ela sabe até onde vai, porque na hora que ela extrapola a mudança do semblante do genitor ou da mãe, a simples mudança: ‘Assim você sabe que não pode’, a criança já não sente a necessidade de insistir por causa do hábito. Nós conseguimos educar pulgas para saltar, educamos elefantes para atender através do que? Da correção do instinto. Por que no ser humano muitas vezes as mães me dizem: ‘Não consigo lidar com meu filho de quatro anos’.

‘Porque há quatro anos que a senhora não educa’. Não ser agora uma resposta mágica que vai diminuir as reações dele. Ele tem que fazer todo um exercício de reeducação. Por isso que os pais devem ser educados para poderem educar. Quando eles não são educados o que vão transmitir? Quando estão de bom humor concordam, quando estão de mal humor reagem. Daí os pais devem reservar aos filhos o tempo que eles necessitam nos trabalhos escolares, nas conversações, nos desportos, nos passeios. Reservar hora para passear com seu filho, afinal, ele tem um filho porque quer. Então ele tem que investir moralmente e não somente de maneira econômica.”

PERGUNTA: “Alguns pais dizem que os filhos só atendem, principalmente os adolescentes, no grito e uma amiga comentou que ela foi criada com a mãe gritando muito com ela e toda a família dela tem esse, essa característica de educação sempre gritando e ela se preocupa de repetir esse mesmo comportamento com o filho o dia que ela tiver. Como faz para parar essa cadeia?”

RESPOSTA: “Cortando. Eu li um conto anedotário. A senhora era a mãe de uma família de dez filhos. O casal sentava-se à mesa e então almoçavam, jantavam com tranquilidade. A vizinha tinha três filhos. Era uma gritaria a hora da refeição. Então, a vizinha gritante perguntou à vizinha discreta: ‘Como é que você faz?’ ‘Ah! Eu falo baixo. Então quando estamos todos à mesa eu falo tranquilamente, porque se eu gritar eles ganham porque são muitos. Então eu não posso gritar. Eu falo baixo e quando eles não prestam atenção eu digo que já falei, que eles não prestaram atenção. Da próxima vez ele presta atenção’. É que nós vivemos irritados conosco mesmos e o filho, embora amado, é um motivo de preocupação e de estresse. Então qualquer coisa logo nos irritamos com ele que não tem culpa dos nossos desgastes emocionais. Então ela deve interromper imediatamente, procurando falar baixo, mas não baixo que seja inaudível. Falar normalmente. Num momento pode alterar a voz, que é um fenômeno natural. Há um momento de irritação na vida de todos nós que nós alteramos a voz, mas extrapolamos: ‘meu filho, me desculpe! Naquele momento você me irritou e eu me desequilibrei. Desculpe!’ Ele vai te respeitar muito mais. Porque nós sempre achamos que o filho deve pedir desculpas. E nós quando erramos? Deveremos pedir desculpas à criatura humana, ao espírito que é.”

PERGUNTA: “Nós verificamos a repetição de comportamentos em gerações. Geralmente uma família em que as pessoas têm dificuldade de externar sentimentos de amor, carinho, onde as pessoas quase não se abraçam exceto em aniversário ou Natal, o pai que tem esse comportamento geralmente o filho quando se torna pai tem o mesmo comportamento com o filho atual. Por que isso ocorre?”

RESPOSTA: “Por causa da cristalização do hábito. Todos nós gostamos de ser amados. Nós temos uma afetividade imensa que transborda, mas muitas vezes fomos castrados na educação e temos medo de arrostar as consequências. Eu tive um pai castrador e, durante muito tempo, eu tive dificuldade de retribuir abraços, mas quando eu me dei conta conscientemente eu procurei trabalhar. Nunca censurei meu pai porque era a psicologia que ele recebeu do século dezenove. Ser homem era nunca abraçar um homem. Então, era uma postura clericalista pervertida porque não é abraçar homem ou mulher, mas é atitude interior com que abraçamos um ao outro. Hoje eu abraço meus amigos que me abraçam, que me osculam sem dar-me conta da sua expressão sexual, porque a afetividade não tem nenhum comportamento natureza da libido. Está acima disto. Então eu quebrei aquilo, mas sem ter ressentimento de meu pai, porque meu pai era um homem analfabeto, mas era um homem bom, então ele fez o de melhor. Eu, por ser uma pessoa um pouquinho mais lúcida descobri que essa atitude era melhor. Então a todas as crianças da Mansão do Caminho eu abracei e abraço, diálogo, coloco na perna para conversar. Toda vez que uma criança vem correndo eu paro, sento-me no meio fio, coloco na perna, converso segurando, e lembro-me de que Pestalozzi, o notável pedagogo suíço, quando chegava um aluno novo, Cláudia, ele ajoelhava-se para receber o aluno novo e então em me perguntava: ‘Mas o que Pestalozzi tava (sic) querendo dizer?’ Até que eu descobri: para olhar a criança nos olhos, no mesmo nível, porque quando eu chegava aluno novo e ele adulto, então, era a imagem do gigante, o temor, mas naquele mesmo nível havia uma correspondência. Então a criança sentia-se igual nós temos que ser crianças e nós temos que ser crianças sem ser infantis. Que disse Jesus? ‘Deixai vir a mim os pequeninos porque de tais é o reino dos céus; não os perturbeis. E que fez Jesus? Ficou sentado; pegou uma criança e colocou no colo que seria mais tarde o grande apóstolo Inácio de Antioquia. Então nós podemos fazer tudo isto sem essas castrações que hoje não tem mais sentido porque a liberalidade sexual e a liberalidade de comportamento tornaram-se muito grandes. Então vamos ter também

medidas para não extrapolar no pieguismo do excesso de carícias sem que a criança o mereça.”

VINHETA/CHAMADA PARA PRÓXIMO BLOCO

POVO FALA/ MULHER/ PERGUNTA: “Como devemos conciliar nossos problemas com nossos filhos? como devemos aconselhá-los?”

RESPOSTA: “Abrindo o coração e falando com lealdade. Não existem fórmulas mágicas, palavras sacramentais. Aquele que ama sempre sabe o que deve dizer no momento correto. Para conversar com nossos filhos não se torna necessário que estabeleçamos um programa pedagógico adrede escrito. Cada ocorrência que suceda, nossa palavra oportuna. Para tanto, devemos estar sempre próximos deles para no instante que algo suceda nós termos a maneira de melhor auxiliá-los.”

HOMEM/PERGUNTA: “Como lidar com o filho rebelde?”

RESPOSTA: “Tendo paciência e constatando que a rebeldia não e irrompeu de um momento para o outro. É resultado de um descuido que deixamos passar, agravando-se através do tempo e explicando que através da rebeldia não vai conseguir nada. Há uma lei de equilíbrio que vige em toda parte e como filho é alguém que pensa se nós dialogarmos com a verdadeira serenidade, ele termina por ceder. Ocorre que, diante da rebeldia, nós nos intoxicamos e nos tornamos violentos o que aumenta a rebeldia.

MULHER/PERGUNTA: “Um bom relacionamento pai e filho pode transformar a convivência mais harmônica?”

RESPOSTA: “Sem a menor sombra de dúvida. A melhor maneira de termos uma convivência harmônica é de nos conhecermos, tanto no lado bom como no lado negativo da nossa personalidade. O lado bom dá-nos estímulo; o lado negativo ensina-nos a exercer a tolerância. Somente através da boa conversação nós conseguimos as bases para a harmonia doméstica e, por consequência, a harmonia social.”

MULHER/PERGUNTA: “Por que existe pais e filhos que não se suportam e outros se amam logo de cara?”

RESPOSTA: “Os primeiros porque são espíritos inimigos entre si, que se reencarnaram para, através da fraternidade e da consanguinidade estabelecerem o vínculo do verdadeiro amor e ainda não estão conseguindo, o que é de lamentar-se e, no segundo caso, porque são filhos espiritualmente queridos que já tiveram experiências juntas de frutos saudáveis e agora vêm como verdadeira colheita de bênçãos.”

PERGUNTA: “A fase de adolescência é muito difícil para educação e alguns são muito rebeldes e culpam os pais por qualquer coisa. Às vezes o pai tenta até interagir com o adolescente só que ele não permite, inclusive, ele sente vergonha dos pais perante os amigos. Como os pais podem fazer para tornar essa fase mais possível, mais voltada para uma educação mais amorosa?”

RESPOSTA: “Através do diálogo. Quando há diálogo permanente na transição não há rebeldia: há pedido de amparo. O adolescente, quando começa a ter o turbilhão dos órgãos anexos e a presença dos hormônios da sexualidade é toda uma erupção vulcânica, mas se há o hábito de conversa entre pais e filhos, aí está o pai e para ajudar o menino, aí está a mãe para ajudar a menina. No instante do fluxo catamênico, muita menina esconde. Ela fica horrorizada. Como aquela hemorragia, aquela sangria, como diz um nobre especialista, ela tem medo porque a mãe não convive. A mãe terá que explicar que o momento chega em que a ovulação é eliminada através da ruptura do próprio óvulo e que houve uma hemorragia. É o fenômeno da menstruação. Mais tarde ele desaparece. Como também o pai vai mostrar que a poluição noturna é um fenômeno perfeitamente natural, mas vai explicando isso como explica comer, sentar, vestir, ter amigos, sem aquele tabu do sexo, sem o mistério, mas também sem a vulgaridade sexual. Então quando chega esse momento da rebeldia e que o jovem forma o seu clã, o seu grupo, ele já não tem mais vergonha do pai, pelo contrário, ele exhibe seus pais aos seus colegas. ‘É um paizão, é uma mãezona é um camarada que eu tenho.’ Mas quando há certas distâncias, então vem a rebeldia e as mágoas.”

PERGUNTA: “Existem filhos que chegam ao extremo de se perderem nas drogas. Hoje o alcoolismo é uma situação muito difícil muito real nos jovens, principalmente

brasileiros. O que você poderia falar para o pai e para mãe que tem um filho nessa condição?”

RESPOSTA: “Que façam imediatamente o tratamento especializado; que não se iluda que vai passar, porque vai piorar. Mas isso de alguma forma é resultado também do lar. Eu conheço muitos pais que pregam abstinência do fumo e são fumantes inveterados; que têm verdadeiros bares dentro de casa, e alguns espíritas... um dia eu perguntei a um amigo: ‘você usa?’ ‘Não... é para quando vem um amigo.’ ‘Ué! Você não usa e pede para seu amigo usar?’ ‘Não, é que ele é viciado, então quando ele vem aqui em casa eu quero ser gentil.’ Mas ser gentil e conviver com o erro? De maneira nenhuma. Quando ele vier e perguntar: ‘Tem uma cerveja? Não, não temos o hábito. Tem whisky? Não, não temos o hábito. Nós somos espíritas.’ Criar hábitos saudáveis e não ter vergonha deles. Então é muito fácil quando a criança tímida, quando o jovem tem conflito na área da transição sexual e não tem a assistência da família ele vai ser assistido pelo colega que é mal orientado e vai ser adotado pelo traficante, mas se o caso já está instalado não se postergue. Trabalhe imediatamente para o reajuste através de clínicas especializadas, através de maior convivência do diálogo franco, mas não o diálogo uma vez por semana: o diálogo natural, o estudo do Evangelho no Lar quando, uma vez por semana, nós abrimos o coração na família. Então são as soluções adequadas.”

APRESENTADORA: “O programa de hoje chegou ao fim, mas na semana que vem tem muito mais para você. Escreva pra gente. É só entrar no site www.tvmundomaior.com.br e clicar no link Fale Conosco. Até a semana que vem!”

VINHETA ENCERRAMENTO.

ANEXO B: PROGRAMAS “CULTO DOMINICAL DO PODER DE DEUS”

IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS

PRIMEIRO PROGRAMA: 25/09/2016

LINK PARA VÍDEO: <https://www.youtube.com/watch?v=M9EEIfAb9Jw&t=61s>

CÂMERA EM VALDEMIRO SANTIAGO QUE, ENQUANTO FALA, ANDA POR UM GRANDE PALCO-ALTAR MONTADO NUM GALPÃO NO BRÁS, EM SÃO PAULO. AO FUNDO, UM CENÁRIO DE OVELHAS PASTANDO NUM GRAMADO DE VERDE INTENSO, COM RIACHO. UM CARTAZ NA PARTE CENTRAL DO PALCO. SUA AUDIÊNCIA É FORMADA POR FIÉIS QUE ACOMPANHAM SEUS CULTOS PRESENCIALMENTE E PARA INTERNAUTAS E TELESPECTADORES, PARA QUEM, MUITAS VEZES, FALA DIRETAMENTE PARA A CÂMERA. LOGO NO INÍCIO DA TRANSMISSÃO, UM LETTERING TRAZ AS INFORMAÇÕES: “GLORIFICA DE PÉ/VÍDEOS DA IGREJA MUNDIAL GRAVADOS AO VIVO, E POSTADOS NO MESMO DIA DA TRANSMISSÃO/INSCREVA-SE”. CARTAZ NO PALCO COM A FRASE “SEMANA DO DIZIMISTA”. MELODIA DE FUNDO SUAVE. O LÍDER RELIGIOSO USA CAMISA MANGA LONGA ROSA ESCURO.

VALDEMIRO SANTIAGO: “Bom dia, Brasil! Bom dia igreja! A paz do senhor Jesus e hoje Deus vai operar na sua vida. Você que tá do outro lado (tosse)... desculpa aí dar uma raspada aqui. Ontem eu fiquei ao vivo das sete da manhã às treze e vinte. Quem assistiu? No Paraná... (A TELA SE DIVIDE. IMAGENS DE VALDEMIRO E DA ENTÃO PREGAÇÃO NO PARANÁ) então a garganta ficou prejudicada né? mas estamos de volta aqui. Vamos iniciar a imposição de mãos... mandar um beijo lá para o estado do Paraná. Tinha uma massa humana, né? uma multidão dentro e fora do grande salão. Ali! Isso aí é do lado de fora, no estacionamento, né? Assim tem sido esse ministério, essa obra. Antes de iniciarmos a imposição de mãos, parece que o povo hoje foi votar né, Bispo, mais cedo?! É... na verdade a recomendação é essa mesmo: que ninguém deixe de votar né... até porque por causa de alguns bandidos, né... você não vai deixar de usar armas que você tem o direito que você tem para mudar as coisas, não é verdade? Você não pode botar todo mundo na panela, não... final, isso aqui não é caldeirada nem moqueca, né? Não! Tem que fazer as coisas, tem que prestar atenção procurar observar quem tem temor a Deus, quem tem exemplo, então daqui a pouco,

depois da reunião eu vou votar também. Depois da reunião vou sair daqui vou votar. O que eu queria aqui era registrar um versículo da Bíblia no ar, aqui pra você que é Malaquias dezoito... Malaquias três, dezoito. Presta atenção nessa palavra. Presta atenção... Malaquias, capítulo três, versículo dezoito. (TELA MUDA PARA IMAGEM DA BÍBLIA NO TRECHO MENCIONADO) Diz assim ó: 'Então, vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não serve.' o que O que que faz o evangelho ficar desacreditado (FALA OLHANDO DIRETAMENTE PARA CÂMERA), enfraquecido no mundo... É exatamente a igualdade, tá? A falta da manifestação do poder de Deus, a chamada diferença não tem acontecido. Então as pessoas olham pra você e vê que você tem uma vida igual a de todos os religiosos ou daqueles que não tem religião. Não pode ser assim! Não pode ser assim! Eu tenho dito isso para os bispos, pastores. É... o ministério, por exemplo, meu ministério ele tem que se destacar. Do contrário, por que que as pessoas viriam lá de Minas Gerais, do Nordeste da África, da América? Tem gente aqui até chegar na igreja passou pelo menos por umas dez igrejas diferentes... ou mais... inclusive Mundial. O segredo é a diferença e essa diferença Deus quer fazer na sua vida. (IMAGEM DO TEXTO NA BÍBLIA)... Deus quer fazer na sua vida. Então aos que servem, aos que priorizam a obra de Deus... aos que colocam a obra em primeiro plano, Deus ele torna diferente. Ontem tivemos no Paraná você acompanhou multidão e milagres extraordinários. Um homem se apresentou e mostrou as fotos... ele tirou foto já estava sarando, né... mas deu pra perceber bem. Ele veio aqui em São Paulo, aqui em Santo Amaro, leproso, e ganhou um abraço meu. Você viu que Deus fez? Quantas igrejas será que esse homem passou do Paraná pra cá até chegar aqui? Talvez centenas, né? No mínimo cem, né? Então a diferença trouxe ele aqui. Essa diferença ela se dá através da fé. Aliás, a mensagem de ontem, né que gerou inclusive DVD o DVD do momento, né? O DVD do momento... Deus falou tão forte, mais tão forte na mensagem de ontem... Você vai ter oportunidade. Eu mesmo vou adquirir um DVD, vou levar pra mim um DVD. (SURGE LETTERING NA TELA COM TELEFONE E SITE DA CENTRAL DE VENDAS) Então você vai ligar na central e vai adquirir. A mensagem de ontem que a justiça decorrente da fé. Olha lá (IMAGEM NA TELA DA BÍBLIA) A justiça decorrente da fé... Sabe que justiça é essa? Põe na palavra justiça. Essa palavra aí tem que traduzir. Eu acabei de dizer pro Bispo Luis ali agora... por exemplo, tem uma palavra chamada... que a bíblia chama de bordão que quer dizer vara, cajado... bordão, vara, cajado então pouca gente sabe que é um bordão para quê que eu vou chegar nunca falando de bordão se o povo

não sabe o que é. Eu recebo milhares de mensagem ‘Apóstolo, eu gosto...’ senador manda, deputado manda, professor manda, médico e o povo que gosta da mensagem por causa da explicação, a tradução, porque tem palavras na bíblia que você não entende. Se o pastor não se inteirar daquilo ali, não ensinar vai ficar vazia a pregação dele. Ninguém vai entender nada. Simplificar... bordão: cajado, vara, pronto. E a justiça de Deus é exatamente resposta de Deus. Solução. ‘Apóstolo o que que é a justiça de Deus?’ Solução do seu problema. É isso. A bíblia tá se referindo a isso. Eu posso provar para você, no livro de Lucas, dezoito, a parábola do juiz iníquo, quando a mulher foi lá e bateu na casa do juiz pra julgar a causa dela. Então Deus... Jesus falou: (IMAGEM DA BÍBLIA COM O TRECHO MENCIONADO) ‘não fará Deus Justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite’ quer dizer: ‘não responderá Deus se alguém bater na porta da casa dele se o juiz que não prestava respondeu aquela mulher, Deus não vai responder você? Fazer justiça é responder aquele que clama (FRASE DITA GRITANDO). Então a justiça de Deus é isso (PLATEIA APLAUDE). Isso é justiça de Deus. Então, a diferença entre o povo de Deus... é... Eu falei pra alguns políticos né (RISOS)... só que é problema deles, né... Cada um faz aquilo que achar que deve fazer. Agora eu, se eu fosse político, ia dar um trabalho pra essa turma... é... por causa da diferença. Fica com essa ladainha. Eles fica na televisão com essa mesma ladainha. Eles pensam uma coisa, tem medo de falar, medo da reação do povo. Eu não tenho medo de reação de ninguém. O que eu penso eu falo. O que Deus me dá eu falo e não quero nem saber (APLAUSOS), quero nem saber, quero nem saber. E as pessoas deveriam entender mais, entender melhor, buscando entendimento de Deus. Então Deus ele... ele promete, nesse ano de crise, nesse tempo né? (NOVAMENTE IMAGEM DO TEXTO BÍBLICO EM QUESTÃO) Esses tempos de crise e dificuldades tornar diferente a sua vida, tá? Tornar diferente... Porque você serve a Deus, afinal. E no passado o povo perdeu o respeito às autoridades espirituais, a Moisés, a Arão e Deus queria que o povo percebesse diferença entre Arão, Moisés e os demais líderes. E Deus deu uma ordem pra Moisés deveria entregar uma vara, um cajado a cada um deles ele disse que aquele a quem ele escolhesse a vara iria florescer e qual foi a vara que floresceu, igreja? A de Arão. Então a sua vara tem que florescer, ou seja, sua vida tem que ser diferente não interessa crise, não interessa demônio, não interessa inferno, não interessa quem seja contra você. Eu rodava o estacionamento hoje aqui... de carro, né? porque meu joelho tá meio bombardeado de tanto andar. Só ontem foi das sete da manhã até uma e vinte, quase umas sete horas andando ali... isso não é fácil... a vida inteira assim. Aí eu tava

rodando ali agora eu tava pensando quando tiraram isso aqui de nós, ainda tentam e muitos de vocês são desse tempo... é... tiraram, bateram no peito e gente que tem a caneta, gente que tem a influência, gente queria me forçar... você perdoa o que vou dizer aqui... queria me forçar... tem um partido político que até me filiou lá na marra e chegou com a carteirinha aqui. 'O senhor agora tá filiado'... eu disse: 'Filiado por que? eu não assinei nada lá, eu não fui lá. Quebra isso aí agora! Vai filiar o capeta que te carregue'... Por que eu não tô filiado a coisa nenhuma. É! Sai do meu pé, rapaz! Trouxeram aqui... Sai do meu pé... Cê tá é doido! Bom, eu não vou nem falar o partido que é senão cê vai ficar invocado com essa turma. Eu só sei que trouxeram aqui. Chegaram aqui no estúdio velho... 'Sai do meu pé, não filiei nada lá. Eu vou é processar vocês'... é ruim, hein! Ceis tão é na taba da beirada e tava mesmo... tava mesmo na taba da beirada... Escorregou... eu sabia. E aí botaram pra quebrar... então eu quero ver... até o diabo eu encontrei na porta de uma churrascaria. Na verdade era um sujeito, né? Parou na minha frente e disse: 'eu sou o diabo!'. Primeiro ele parou na minha frente e eu disse: 'Eu te conheço.' Você me assiste? 'Não!' Foi na igreja? 'Não!' E me conhece de onde? 'Eu sou o diabo!' Eu falei: 'Olha só, rapaz, o que eu encontro, logo na hora do almoço: o diabo'. Que hora pra encontrar o diabo, na hora do almoço. Igreja... a Bispa deu risada. Foi uma coisa que me consolou, porque eu falei: 'rapaz, achei alguém mais feio do que eu: o diabo'. Mas pensa num cabra feio parado na minha frente. Deu uma vontade de pregar a mão na orelha do diabo. Aí eu falei: 'não, eu não posso. Isso aí não é o diabo, não! O diabo tá dentro desse sujeito aí'. Isso aqui tava fechado, igreja. Ele falou assim: 'não vai abrir lá e você não volta mais pra televisão!' Falou assim. Ele tava falando a verdade, o diabo? (A PLATEIA COMEÇA A RESPONDER ÀS PERGUNTAS) Abriu aqui? Eu voltei pra televisão? Então, gente, o diabo é mentiroso e sem vergonha, sem vergonha... e feio, o miserável. Você pode falar que é o sujo falando do mal lavado. Não! Eu sou feio, mas o diabo é mais feio do que eu (RISOS)... Pensa num cabra feio... bispo Jorge, bispo Luis, eu vou orar pra vocês não encontrar o diabo por aí, por que o cabra é assustador. Já viu aquele filme 'O Auto da Compadecida'? (RISOS) Gente, ele disse que não ia abrir e abriu. Por que? Por causa da justiça de Deus, igreja. E a justiça... Se você acompanhou a mensagem, se não acompanhou você tem que adquirir o DVD... a mensagem de ontem no Paraná. Quem assistiu? (LEVANTA A MÃO, ESPERANDO QUE AQUELES QUE ASSITIRAM LEVANTEM TAMBÉM E SEGUE IMAGEM DE UMA MULHER COM A MÃO LEVANTADA) A justiça de Deus não é pra santo, porque se for só pra santo nós tamos todos quebrados na emenda. É pra quem crê,

igreja! A diferença... a justiça do mundo, que também foi estabelecida por Deus, a justiça do homem é diferente, porque julga o mérito. Se Deus for julgar o mérito, ninguém de nós recebe nada. Ele julga a fé de cada um. Aí ele premia, ele recompensa cada um segundo a sua fé. Então a fé daquela mulher que bateu na casa do juiz que trouxe a justiça de Deus, a diferença e aí Ele diz: 'Então vereis outra vez a diferença'. Em Números, dezessete, cinco, Deus ele fala que aquele a quem ele escolher é aquele cuja vara vai florescer. (IMAGEM DO TEXTO BÍBLICO CORRESPONDENTE) Esse florescer é destacar, produzir fruto, amém? E produziu amêndoas, né? Nós preparamos inclusive pra quem honra a obra do senhor, um simbolismo, que é uma varinha, tá... um bordãozinho, um cajadozinho (ENTRA IMAGEM DO OBJETO, QUE CONSISTE NUM CHAVEIRO E UM CARTÃO COM OS DIZERES 'DEUS FLORESCERÁ SUA VIDA'), representando a vara de Arão... e numa correntinha, cê pote botar, tem argolinha, cê vai botar numa correntinha e vai andar com ela, ou botar na sua carteira. E a sua vida florescerá em nome de Jesus. Nós vamos convocar a nação pra que venha honrar, pra que venha investir na obra de Deus. E a minha palavra não cai no chão. As pessoas devem ligar... liga na central e participa e honra o ministério e honra a obra de Deus (MÃO NO PEITO). As pessoas já conseguem fazer depósito no banco? Continua em greve? (ALGUÉM RESPONDE: 'CONTINUA EM GREVE). Tá em greve? Eu nunca vi uma greve tão longa... eu particularmente acho que uma autoridade do Judiciário deveria dar uma ordem, porque aí sindicalistas vão lá pra porta do banco e não deixam ninguém entrar, porque eles vivem de taxas de funcionários, então pra eles não vai faltar nada. E aí – olha que bagunça que está esse país – ninguém consegue fazer nada direito porque alguém não quer. Ah, mas é um direito fazer greve. É um direito desde que não entre no direito dos outros.

SEGUNDO PROGRAMA: 09/10/2016**PROGRAMA “CULTO DOMINICAL DO PODER DE DEUS”****IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS****LINK:** https://www.youtube.com/watch?v=eIF32v_xCHc&t=369s

“Bom dia, Igreja! Paz! Bom dia, Brasil... A paz do Senhor Jesus... Hoje é domingo né? O dia do Senhor. Hoje é dia de você sair de casa e dizer no seu coração: ‘vou adorar meu Deus, vou agradecer por tudo, mesmo pelos momentos difíceis’, né? Para que ele possa se agradar de nós porque se você consegue agradar a Deus, então você entra na terra prometida e a possui. Figuradamente isso quer dizer que aquilo que eu e você buscamos, (IMAGEM DO TRECHO BÍBLICO EM QUESTÃO) almejamos, que é a nossa terra prometida, claro. Tem gente que veio hoje aqui cuja terra prometida é uma enfermidade... perdão... é a saúde, né? E o sofrimento que a enfermidade tem trazido fez a pessoa conceber um grande desejo de ser curado e focar naquilo. É tudo que você quer é ser curado. Tem uns que até dizem assim: ‘Deus me dando saúde’, a linguagem, a palavra do enfermo é assim ó: ‘Deus me dando saúde tá bom’. Aí ele dá a saúde. ‘Deus me dando um dinheiro para comprar minha casa tá bom’. Aí ele dá. ‘Deus me dando isso tá bom’, quer dizer... é insaciável como disse o Salomão. Mas Deus fez o homem assim, né... então eu tenho exemplos aqui na igreja de homens de Deus, mulheres de Deus que quando chegaram na obra só queriam ganhar almas. ‘Apóstolo, o que eu quero é ganhar almas... se for preciso eu varro a igreja, lavo os banheiros... eu quero é ganhar almas’. Quando o sujeito pega uma igreja ele fica muito contente. Daqui a pouco aquela igreja que ele cuida já não tá enchendo mais o coração dele, não satisfaz... ele quer... ele quer uma região e assim vai acontecendo... Um Estado... mas se de repente Deus o coloca à prova. Deus quando coloca a gente à prova, na verdade tá chamando a gente pra perto dele... é... (OLHANDO DIRETAMENTE PARA A CÂMERA) o dia que o homem entender isso né... quando Deus coloca o homem à prova ele tá chamando pra perto... é como... eu me lembro quando meus pais me provavam, eles me botavam de castigo mas perto deles. ‘Fica aqui pertinho, filho, senta ali! Não sai dali não...’ Quer dizer o entendimento, a falta do entendimento destrói a vida, os ministérios, os caminhos dos homens de Deus. E, por isso que a palavra ensina: ‘Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele e o mais...’ esse entregar sugere (IMAGEM DO TRECHO BÍBLICO EM QUESTÃO) você não se preocupar em demasia ou negativamente com sua vida. Entrega o teu caminho... é a tua vida... é... porque se você entregou o seu

caminho você não se preocupar se vai ter lombada, curva, obstáculo, perigo, pirata no caminho... não, cara! Cê entregou o caminho ao Senhor, o Senhor tá cuidando do seu caminho. O senhor sabe onde ficam os piratas, os assaltantes, as curvas perigosas... é... os animais, as bestas feras. Mas se você quiser tá com Deus e você administrar o seu caminho, mermão (sic), cê tá quebrado na emenda. Ou você deixa Deus dirigir ou você dirige e é assim. Então a gente percebe que as pessoas chegam para Deus, elas têm um desejo, né? Uma necessidade elas querem aquilo ali. Daqui a pouco mudam... mas Deus permite desde que a gente não o desagrade. O segredo pra se vencer não é agradar o Valdemiro, ou esta ou aquela autoridade, não... Isso é besteira! Eu conheço gente que agradou tanto as autoridades... autoridades tem que respeitá-las e obedecê-las, na medida do possível. Esse 'na medida do possível', a obediência às autoridades constituídas não é incondicional, não! A obediência incondicional é a obediência a Deus aí sim porque o maior que seja autoridade se quer que eu faça algo que contraria Deus. Aí sim! (OLHANDO DIRETAMENTE PARA A CÂMERA) Por maior que seja a autoridade, se quer que eu faça algo que contraria Deus, aí pode me prender me fazer o que quiser, né? O advogado veio trazer alguma coisa, algum documento? Hein? Cuidado, doutor! Quando eu vejo um advogado assim... Ó, quando cê vê advogado chegando assim ou oficial de justiça... semana passada tava aí um oficial de justiça. Já entregaram pra ele meu passaporte, já? Oficial de justiça tava aí semana passada, mas ele não tem culpa, não! Ele recebe ordem. Teve um magistrado aí que entrou com um processo no Ministério Público, solicitando o meu passaporte e o das demais lideranças evangélicas. Só que, por exemplo, eu não sou advogado... os senhores são advogados. Se eu sou advogado eu questionaria o seguinte... porque lá não diz... até porque se eles nos autos, no processo, ele colocasse passaportes diplomáticos de lideranças evangélicas... se ele botasse isso caracterizaria discriminação à igreja evangélica. Então ele põe líder religioso e o padre é líder religioso... Padre Marcelo... o Papa tudo é líder religioso e o deles não foi solicitado... o deles não foi solicitado. Então, se eu sou advogado eu iria questionar: é uma perseguição ao evangelho ou é realmente para líder religioso devolver o passaporte diplomático? Se é pra líder religioso, os padres vão ter que entregar o deles. Quem entende o que o apóstolo tá falando? Porque se não entregar vai mostrar que é perseguição às igrejas evangélicas. E não solicitaram o deles, só os nossos. Meu e desses líderes evangélicos que vocês já conhecem da televisão. Aí a pergunta é: por que que o padre pode ter e o Valdemiro não pode ter? Se... se o passaporte diplomático para que alguém o tenha tem que ter representatividade. É o

tanto de gente que você representa. Será que tem algum padre aqui que tem mais ovelha do que o Valdemiro? Nesse país? Então... Será que tem algum parlamentar, algum deputado? Porque eles têm passaporte diplomático, mas tudo bem... isso aí... vamo em frente. O cerco é apertado por aí. Apertaram o cerco ao Valdemiro. Caça ao Valdemiro (RISADA). Agora, vão me caçar pra quê? Eu tô aqui, né? Eu tô aqui, eu não fujo. Eu não fujo. Eu me lembrei uma vez que eu tava pescando, tava na beira do rio. Tava eu, um deputado, tinha uns dois bispos e tinha uma outra pessoa lá... acho que um policial também. Aí a polícia chegou, polícia florestal armada, com carro na beira do rio... Rio Tiquira. Aí todo mundo correu. Até o deputado jogou a 'traia' dele no meio do mato... molinete, e eu vou dizer pescando. Eu não sei se é sorte ou azar, quando a polícia chegou um pintado bateu na minha linha exatamente na hora que eles chegaram... eu tô lá aí o policial... ele tava até na minha reunião esses dias. Vou mandar um abraço pra ele, o Tião. Ele era um dos policiais que tava fazendo a batida lá no rio. Teve denúncia de que alguém tava botando rede... eu tava pescando de molinete. Ele falou: 'Uai, apóstolo, o senhor não é o apóstolo Valdemiro? O senhor não correu?' Eu falei: 'Não. Por que?'... 'Não... porque a polícia chegou'... 'Mas eu sou bandido, por acaso, pra correr de polícia? Eu não sou bandido. Vou correr pra quê?'... Sai do meu pé. Conheço muito bem os meus direitos. Então eu dou um trabalho danado. É complicado o negócio. Isso aqui (APONTANDO PARA O TETO DA IGREJA) é só pela misericórdia de Deus. Isso aqui existe só pela misericórdia de Deus, porque quem tá desde o começo acompanhou o drama, as lágrimas, as dores, as humilhações. Foram muitas, né? Roberto Carlos tem uma música que ele fala: 'São muitas emoções'. Aqui 'são muitas humilhações'... é... muitas humilhações. E bateram os pés... Tem um grupinho aí que acha que é dono de São Paulo, bateu os pés e falou: 'não vai acontecer'. Eu falei: 'vai acontecer nem que eu tenha que morrer, mas que vai acontecer, vai!' É... Então não adianta. Eu queria que você que tá aí do outro lado viesse pra cá hoje. Saia de casa hoje e vem adorar. Digo: 'Hoje eu vou lá adorar'. Hoje eu vou adorar, não vou cobrar, não vou exigir nada, vou lá adorar e o que você precisar Deus vai te dar hoje. E aproveitar que daqui a pouco vou sair daqui vou lá pra Santo Amaro impor as mãos e ministrar a santa ceia lá. Vou ministrar aqui, vou começar a imposição de mãos agora. (TELA DIVIDIDA. VALDEMIRO E SUPOSTAMENTE A IGREJA A QUE ELE SE REFERE) Depois nós vamos lá pra Santo Amaro, cidade mundial de Santo Amaro, com Bispo Romero ali. Hoje estaremos em Santo Amaro às dezessete horas a ministração. Da uma da tarde às quinze imposição de mão em Santo Amaro. Então vem pra cá. Eu

queria até pedir a vocês que passasse bem rapidamente aqui na fila, tá? Fica resenhando, não! Passa rápido. Eu vou impor as mãos em vocês como vou fazer em Santo Amaro hoje, tá bom? Em nome de Jesus! Quem pisar hoje aqui será abençoado. Então venha pra adorar, venha para servir, venha pra agradecer. Se você agradecer a Deus eu vou entregar a terra prometida. A terra prometida de uns é a cura, de outros é a bênção financeira, o pagamento das dívidas a libertação. Vem pra cá, Brasil! São Paulo! Grande São Paulo! É importante que você esteja conosco aqui, tá bom? (TOM DE VOZ TRANQUILO E SUAVE). Então com eu dizia eu... eu hoje... Ontem eu recebi uma notícia, uma mensagem de o bispo que mandava assim: 'Eu agradeço por tudo, pela oportunidade'. É claro que isso é hipocrisia, é falsidade, é mentira porque se o sujeito tivesse consciência que foi ajudado e que foi dado oportunidade, não agiria desse jeito, entendeu? Então é mentira aí a minha resposta é: 'Amém, vai em frente!'. É... Eu louvo a Deus por ele ter começado essa obra do jeito que começou. Agradeço muito a ele porque essa obra começou de um jeito, mermão... Que eu e a minha família sabemos muito bem disso. É... por isso que hoje a gente leva umas pancadas. Eventualmente aparece uma lá: 'Filha do Apóstolo tem um carro assim' (RISADAS). Quando a minha filha tava lá pedindo uma aguinha gelada eu tinha que sair de madrugada para ir no posto buscar gelo porque não tinha uma geladeira não aparecia nenhum desses bandidos que criticam, falam besteira. Então vai cuidar da sua vida! É... e hoje é fácil só que Deus ele... ele mostra... eu tava vendo umas imagens agora, igreja, uma mulher, uma senhora já, madura, senhoras de uns sessenta, sessenta e cinco anos ou mais que há dez anos não podia abrir as mãos. Ela ficou tão emocionada... Eu tava vendo, foi em Curitiba, se eu não me engano. Tá até no DVD isso aí, né? Alguém chegou ver? Ela olhava assim ela apertava minha mão: 'Meu Deus, é muito bom isso'. Quer dizer, dez anos e a coisa acontece assim como num passe de mágica (IMAGEM DO DVD EM QUESTÃO) aí eu olhei falei: 'Meu Deus, obrigado Senhor, porque isso é privilégio pra poucos. São poucos os pregadores nesse mundo que tem esse privilégio que Deus deu. É... Olha isso aí ó (IMAGEM DA SENHORA EM MEIA TELA) Isso é extraordinário eu queria recomendar a você esse DVD. Mostra aí, bispo, por favor. Ô, meu filho! Tem uma palavra que diz assim... é o apóstolo Paulo diz... É Timóteo, né? Capítulo quatro... que no final dos tempos muitos apostatarão da fé (IMAGEM DO VERSÍCULO BÍBLICO EM QUESTÃO) por dar ouvido a espíritos enganadores. Primeiro Timóteo, quatro. 'Muitos apostatarão da fé por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios. Esse 'apostatar' é se desviar da fé. Então a obra já vem de muitos anos e

muitos vão ficando pelo caminho. É... Hoje quem declara: ‘Apóstolo eu te amo! Eu amo a sua família! O senhor é um espelho para mim!’... Amanhã tá me processando, tá me xingando. Eu vou em frente. Eu vou em frente, o que eu posso fazer? Né... Eu vou em frente. E eu recomendo a você ir em frente também porque não é fácil. Eu queria muito que o Brasil adquirisse esse DVD. Vou ser sincero pra você: eu vou assistir todinho de novo esse DVD. (IMAGEM DO DVD) Se você acompanhou a reunião de Curitiba você sabe tem que ter DVD. Ele é completo... A mensagem... Deus falou de forma extraordinária, poderosa. Então nós já temos o DVD, manda lá pra Paraná também. Pro Bispo lá... Rodrigo, né? E... Esse DVD, igreja, você tem que ter na sua casa. Tem que ter, tá? Eu não sei quanto é que tá custando o DVD, mas deve ser simbólico, né?

TERCEIRO PROGRAMA: 09/10/2016**PROGRAMA “CULTO DOMINICAL DO PODER DE DEUS”****IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS****LINK:** <https://www.youtube.com/watch?v=hpECkA-ujhk&t=6s>

A paz do Senhor! Estamos no ar com poder sobrenatural da fé que vai o dia inteiro ao vivo diretamente dos nossos templos maiores, né? Na verdade só os maiores templos do país. Deus nos entregou depois de tanta luta e aflição e lágrima. Depois de satanás mobilizar todo exército dele do inferno e ser derrotado na presença de todos. Porque quem prevalece é o poder de Deus, do Deus vivo, o Deus poderoso. Iniciamos a imposição de mãos, né? Agora faltam quinze minutos para as seis da manhã e essas pessoas que estão aqui já receberam a imposição de mãos. Quem aqui já recebeu a imposição de mãos? Glória a Deus! Possivelmente já temos milagres, né? Gente abençoada, nós... Ontem nós vimos milagres impactantes aqui à noite. Gente que estava morta, né, praticamente e que Deus trouxe de volta a pessoa. Foram contempladas de forma poderosa e extraordinária. Semana passada mostramos aquela senhorinha japonesa, né? Quem estava aqui? Deus tem feito isso. Na verdade, a misericórdia de Deus está nesse ministério, nessa obra. Eu queria que você da Zona Leste, Zona Norte de qualquer região de São Paulo, interior próximo, ainda dá tempo... temos três horas pela frente... viesse para cá. Vem para cá, vem ser tocado pelo poder de Deus, vem receber milagre, vem se envolver no poder de Deus, tá? Sai de casa e venha você que tá preocupada, aflito... por alguma razão está triste, né? Talvez no limite dos seus recursos a festa aqui é diferente, né? Quem promove essa festa é Jesus Cristo e diferentemente dos homens que fazem acepção na maioria das vezes... discriminam e que às vezes, movidos por interesses em projetos pessoais fazem alguma coisa para as pessoas. Deus não! Deus sabe que eu e você não temos nada pra oferecer por isso, quando Jesus convida pra festa em Mateus, capítulo 11, versículo 28 ele diz assim: vinde a mim vós que estais... o quê? Cansados e sobrecarregados. Isso significa dizer que aquele momento que você fica chato mesmo, insuportável como foi falado no dia desses, na reunião dos bispos e pastores... você deve ter acompanhado que serve na verdade nós somos insuportáveis. Só Deus consegue suportar-nos, né? Então Deus ele neste momento ele olha pra nós, Ele estende a mão, tá? É a relação de pai e filho né? Filho e pai tem que ser assim. Imagina se Deus ele cobrasse algum preço de nós. Nós não teríamos como pagar, nem os mais ricos, afinal, os bens, as riquezas que as pessoas

adquirem já vem das mãos de Deus. Ninguém tem recursos próprios, não! Ninguém é autossuficiente! Por isso que as pessoas falem. Tanta gente indo à falência, tanta gente perdendo o que tem. Vê se Deus perde o que tem? Você nunca vai ouvir falar ‘esse ano a balança comercial do senhor’, não! Ele é dono de tudo, ele não faz comércio com ninguém (risos)... Deus não tem problemas com as finanças dele. Todo ouro e toda prata pertencem a ele, aliás, só ele sabe onde estão o ouro e a prata, as pedras preciosas... os garimpeiros ficam tentando descobrir, reviram a Terra. Deus não! Deus quando falou: ache uma porção seca, ele já separou lá... Cassiterita, o birilo, o ouro, a prata, a esmeralda, o rubi ele sabe onde tá tudo isso e o homem se mata por causa disso. O petróleo! Você acha que o petróleo foi inventado agora? Ninguém nem imaginava que um dia ia ter carro. Ninguém nem imaginava. É isso que os homens não sabem. Ninguém imaginava que um dia pudesse ter um veículo movido à gasolina, a óleo diesel ou a gás e lá na terra Deus já tinha colocado o petróleo sabendo que numa fase da humanidade, o homem ia precisar de petróleo. Esse negócio de ‘eu descobri isso, fulano descobriu aquilo’... Descobriu o quê? O outro descobriu que a Terra é redonda eu já sabia porque comecei ler a palavra ouvi lá que Deus fica sentado na redondeza da Terra às vezes... na redondeza... tá em Isaías. O homem não sabe nada. Deus sabe tudo. Se você quer viver, quer vencer, quer superar essa diversidade, sai de casa venha para cá agora. Daqui a pouco nós vamos pôr as mãos ou a sua cabeça e às nove da manhã o poder de Deus, aliás vai se manifestar é muito antes disso. Já vamos ouvir daqui a pouco aqui os milagres extraordinários. Eu queria fazer um pedido muito importante a você que tá me assistindo a vocês que eu tenho um carinho, amor, uma gratidão... Os que entendem que essa obra é importante pra sociedade, pro mundo, pra humanidade. Eu tenho visto aí homens, mulheres, jovens que estavam nas drogas, alguns estavam presos não condenados... outros estavam afundados em problemas e... e problemas sociais, enfim, pessoas escravizadas. Alguns eram mendigos foram resgatados. Muitos estavam aí perdidos nas drogas, no alcoolismo. É óbvio que não pagaram nada porque Deus não cobra. Deus estabelece o dízimo para que sejamos fiéis. Na verdade é o símbolo da fidelidade. Ele manda que separemos a décima parte e entreguemos na obra dele. Cê usa os 90 por cento do jeito que você achar melhor, mas dez por cento você não toca, porque é de Deus o dízimo. E a oferta para que possamos expressar nossa gratidão, nossa fé e... e dizer, de forma indireta que o senhor é importante na nossa vida, que a obra de Deus é importante e que nós temos amor ao próximo. E nesses dias estamos chamando 200 mil pessoas com 70 Reais, que é uma oferta simbólica, né? Só uma conta

de luz desse templo passa de 100 mil Reais/mês. É pesado demais. Mas aqui é gigantesco e a televisão ao vivo também consome muita energia. Nenhuma igreja faz televisão ao vivo como esta com essa intensidade... cê sabia ou não? Na verdade nós somos pioneiros, embora sejamos pequenos, estejamos engatinhando ainda. Somos os menores entre os menores. Nenhuma igreja pode dizer que foi a primeira a fazer 24 horas de televisão e maior parte ao vivo, mas esta pode. Muitos hoje tem televisão 24 horas, mas essa aqui foi pioneira. Essa aqui começou isso no Brasil. Mesmo sem recursos, mas nós começamos isso. Alguns até eram contra e aí por inveja, sei lá, por algum outro sentimento que não vem ao caso, porque a palavra diz que muitos pregam por inveja, por ganância e por outras razões... mas o que importa é o que evangelho está sendo pregado. Esses vão ter problemas no dia do juízo porque Deus conhece os corações. Então gente, toma posse e honra esse ministério... honra... 70 Reais é oferta simbólica. 200 mil pessoas esses últimos dias do mês toma posse. Liga na central agora. Vá a uma agência do Banco do Brasil, do Bradesco, e esta semana então aplica o seu coração nisto, tá bom? zero operadora 11 3577 3800, zero operadora 11 3488 3050. E as contas no rodapé aí pra você. Anota aí, por favor e coloca ali a sua sementinha. Semeie na obra de Deus. Os presentes aqui já estamos tomando posse do envelope, tá? (IMAGEM DE UM CARTAZ PREGADO NA PAREDE COM A FRASE: SOCORRO PARA A OBRA DE DEUS). Vamos de louvor. A banda vai abrir já um louvor pra abençoar os que gostam do louvor mas, principalmente, pra tocar o coração do Senhor. A Bíblia diz que o perfeito louvor atrai a presença de Deus. Perfeito Louvor não é necessariamente alguém entender ou cantar com muita afinação e usar todas as notas necessárias, não! Perfeito louvor é quando se faz com amor a obra de Deus quando se faz com paixão, se dedica. Esse é o perfeito louvor vamos cantar pra Deus, então... vamos lá, igreja.

(CORTE)

UMA MULHER APARECE COM MICROFONE NA MÃO, DA PLATEIA, INTERAGINDO COM UM PASTOR E COM VALDEMIRO SANTIAGO.

MULHER: Glória a Deus! Eu quero um abraço, apóstolo!

Pastor: É, apóstolo... Resultado já dos 70, olha aí!

APÓSTOLO: Tô vendo ali. Ela que falou que tinha nove e uns quebrado? Na roça a gente falava isso aí. Na sua conta tinha nove e uns quebrado. Tem gente que não aceita ajudar na obra e fica só com os quebrado, né?

MULHER: Eu quero um abraço, apóstolo.

VALDEMIRO: Bom dia Brasil, a paz! Aproveitando o momento, enfim, a deixa, nós estamos recrutando pessoas para que nos ajudem, já que muitos tiveram dificuldades nos últimos dias, por causa da greve bancária precisamos de 200 mil pessoas que honrem esse ministério com oferta simbólica de 70 Reais. Então você que ama essa obra você que entende que essa obra é importante, né? Você que acredita realmente na obra de Deus, faça parte dela. Você vai investir nessa obra e Deus vai investir também na sua vida, pode ter certeza disso. Venha participar conosco, venha honrar o ministério e você verá a glória de Deus. As contas estão aí pra vocês... Banco do Brasil, Bradesco. Duzentas mil pessoas com 70 Reais. As pessoas já estão testemunhando o poder de Deus. São seis e quarenta e quatro agora. Tem muito tempo pra você... nós vamos reiniciar aqui a imposição de mãos. A fila já está já está grande e dá tempo de você vir. (IMAGEM SE VOLTA PARA A PARTE POSTERIOR DO TEMPLO, ONDE SE PODEM VER VÁRIOS PORTAIS AZUIS) As pessoas passam pela porta... pelas portas, né? São 70 também, né isso, bispo? As pessoas passam pelas portas e são abençoadas.

ANEXO C: PROGRAMAS “SANTA MISSA COM PADRE MARCELO”**PRIMEIRO PROGRAMA: 25/09/2016**

LINK: <https://www.youtube.com/watch?v=Y32a4T4C4k4&t=30s>

PROGRAMA COMEÇA COM UMA MÚSICA JÁ EM ANDAMENTO, TOCADA PELA BANDA QUE ACOMPANHA O PADRE, EM VISÃO DA MULTIDÃO OLHANDO PARA O PALCO, CANTANDO E BATENDO PALMAS EM RITMO COREOGRAFADO.

PADRE MARCELO (COM MÚSICA AINDA TOCANDO): Bom dia! Você que ligou na Globo, seis horas e seis minutos, horário de Brasília. Friozinho aqui em São Paulo, mas um calor do coração, acolhendo Dom Fernando. E ligue pra alguém. A nossa missa começou... especial... e tem surpresa no final... Festa das Nações.

(ABRE IMAGEM EM DOM FERNANDO, PARAMENTADO, CONDUZINDO UM BASTÃO EM FORMA DE CAJADO)

Bom dia, Dom Fernando!

Dom Fernando: Bom dia! E que alegria ver esse povo aqui reunido para louvar a quem?

(APONTANDO DEDO PARA CIMA)

PLATEIA: A Deus...

Dom Fernando: A Ele uma salva de palmas.

Padre Marcelo: Mas lembrando que a casa é de... Maria.

Dom Fernando: Maria, nossa querida mãe de Deus, uma salva de palmas. (PALMAS)...

Será que nós temos hoje, num dia tão agradável, o sol já deve começar a raiar (risos)...

Estão rindo, né? Quem está vindo pela primeira vez levanta o braço?

Padre Marcelo: Bem vindos! Bem-vindos! Depois vai ter o café um café da manhã abençoado.

Dom Fernando: quem costuma vir ao santuário? Coração bondoso... crianças pequenas no colo. Levantem as crianças. No colo da mamãe, do papai. Uma salva de palmas à família. Formamos uma grande família, não formamos? Somos Família de Deus e é como família, reunidos nesse amor, nessa bondade que iniciamos a missa em nome do pai, do filho e do espírito santo.

Padre Marcelo: Amém!

Dom Fernando: A graça de nosso senhor Jesus Cristo, o amor do Pai, a comunhão do espírito santo estejam com todos vocês.

Padre Marcelo: Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

Dom Fernando: colocados no coração bondoso de Deus, ele é misericórdia, com confiança, pedimos perdão dos nossos pecados dizendo: confesso a Deus todo poderoso e a vós, irmãos e irmãs, que pequei muitas vezes, por pensamentos e palavras, atos e omissões, por minha culpa, minha tão grande culpa e peço à virgem Maria, aos anjos e santos e a vós, irmãos e irmãs, que rogueis por mim a Deus, nosso senhor. Deus todo poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna. Senhor! Tende piedade de nós (PADRE E PLATEIA REPETEM A FRASE)! Cristo, tende piedade de nós (PADRE E PLATEIA REPETEM A FRASE)! Senhor, tende piedade de nós (PADRE E PLATEIA REPETEM A FRASE)

MÚSICA COMEÇA, CÂMERA NO PADRE QUE COMEÇA A FALAR: Catorze graus aqui em São Paulo. Sensação térmica de doze. Mas no santuário, trinta.

Dom Fernando: Oremos... ó Deus, que mostrais seu poder sobretudo no perdão e na misericórdia, derramai sempre em nós a vossa graça para que, caminhando ao encontro das vossas promessas, alcancemos os bens que nos reservais, por nosso senhor Jesus Cristo, vosso filho, na unidade do espírito santo...

Padre Marcelo: Amém! Sentados aqueles que podem. Liturgia da palavra. (OLHA PARA CÂMERA) E você que está pela Globo, mais uma vez, ligue pra alguém. A missa começou uma benção! Vamos escutar...

(MULHER COM VESTIMENTA BRANCA, NO PÚLPITO. PADRE E DOM FERNANDO SE SENTAM): Leitura da primeira carta de São Paulo à Timóteo. “Tu que és homem de Deus, foge das coisas perversas. Procura a justiça, a piedade, a fé, o amor, a firmeza, a mansidão. Combate o bom combate da fé. Conquista a vida eterna para a qual foste chamado e pela qual fizeste tua nobre profissão de fé diante de muitas testemunhas, diante de Deus que dá a vida diante de todas as coisas e de Cristo Jesus, que deu bom testemunho da verdade. Perante Pôncio Pilates eu te ordeno: guarda o teu mandato íntimo e sem mancha até a manifestação de nosso senhor Jesus Cristo. Essa manifestação será feita no tempo oportuno, pelo bendito e único soberano, o rei dos reis, o senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade e que habita numa luz inacessível que nenhum homem viu nem pode ver. A ele honra e poder eterno”. Amém! Palavra do senhor.

TODOS RESPONDEM: Graças a Deus!

MÚSICA CANTADA POR PADRE MARCELO E ACOMPANHADO POR TODA A PLATEIA.

PADRE MARCELO ANUNCIA ‘PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO’. CANTA OUTRA MÚSICA.

PADRE MARCELO: O senhor esteja convosco! Proclamação do evangelho segundo São Lucas: “Naquele tempo, Jesus disse aos fariseus: Havia um homem rico que se vestia de roupas finas e elegantes. Fazia festas esplêndidas todos os dias. Um pobre, chamado Lázaro, cheio de feridas, estava no portão, à porta do rico. Ele queria matar a fome com as sobras que caíam da mesa do rico e, além disso, vinham os cachorros lamberem suas feridas. Quando o pobre morreu, os homens levaram-no para junto de Abraão. Morreu também o rico e foi enterrado. Na região dos mortos, no meio dos tormentos, o rico levantou os olhos e viu de longe Abraão, com Lázaro ao seu lado, então gritou: Pai Abraão, tem piedade de mim! Manda Lázaro molhar a ponta do dedo para me refrescar a língua, porque sofro muito nessas chamas. Mas Abraão respondeu: Filho, lembra-te que tu recebeste teus bens durante a vida e Lázaro, por sua vez, os males. Agora aqui, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado e, além disso, há um grande abismo entre nós. Por mais que alguém deseje passar não poderia, daí para cá,

junto de vós e nem os daí poderiam atravessar até nós. E o rico insistiu: Pai eu te suplico! Então manda Lázaro à casa de meu pai, porque eu tenho cinco irmãos. Manda preveni-los para que não venham também eles para este lugar de tormento. Mas Abraão respondeu: Eles têm Moisés e os profetas, que os escutem. O rico insistiu: Não, pai Abraão! Mas se um dos mortos for até eles certamente vão se converter. Mas Abraão lhe disse: se não escutam a Moisés, nem aos profetas, eles não acreditarão mesmo que alguém ressuscite dos mortos.” Palavra da salvação!

MÚSICA

ORAÇÃO AVE MARIA

DOM FERNANDO: O rico, da parábola contada por Jesus. O mau rico vive como se Deus não existisse. O pobre, ele não oprime. Está a sua porta doente, com fome. Ele, banqueteadando-se, o rico o ignora. Na eternidade, a parábola nos conta, aquele pobre, chamado Lázaro, que significa aquele que confia, que espera em Deus está lá, no seio de Abraão, participando do banquete celestial, sinal da comunhão com Deus. O mau rico, ele fica em meio aos tormentos, sinal da ausência de Deus, não realização. E nós, nesta santa missa, nós temos um encontro pessoal com quem? Encontro pessoal com Jesus. Nós, em Jesus, com Jesus, nós não ignoramos como aquele mau rico. Não! Nós amamos nossos irmãos. Uma atenção misericordiosa para com todos, quaisquer que sejam, sobretudo doentes, enfermos, abandonados, pobres. Nós abraçamos a todos e por isso nós podemos dizer, desde já, vejam que beleza, nós desde já participamos do banquete celestial. Queremos ou não participar deste banquete? Lógico... queremos... já participamos, em Jesus, por Jesus, participamos da vida eterna e o nosso coração não fechado, nosso coração não indiferente aos nossos irmãos e irmãs, não ignoramos, mas amamos em Jesus e por Jesus. Por isso dizemos: obrigado senhor! A ele uma salva de palmas.

PROGRAMA “SANTA MISSA COM PADRE MARCELO”**SEGUNDO PROGRAMA: 02/10/2016****LINK:** <https://www.youtube.com/watch?v=7LayYNohlUg&t=13s>

ABRE EM PANORÂMICA PELO TEMPLO COM VOZ DO PADRE MARCELO CANTANDO

Padre Marcelo: Bom dia! Acolhendo Dom Fernando... (cantando com coreografia, enquanto Dom Fernando entra no palco). Agradeço por começar o dia assim.

Dom Fernando: Faz um milagre em mim! É a ação de Jesus na nossa vida, na sua vida. A ele uma salva de palmas. Que ele habite no coração de cada um de nós, na nossa família, naqueles que nos acompanham pela televisão, no nosso Brasil que nós pedimos e suplicamos, não é verdade? Mas será que nós temos alguém aqui que veio pela primeira vez hoje levante o braço (PANORÂMICA). E quem costuma vir ao santuário? (aplausos) O coração bondoso de Deus. Está um pouco frio. Será que as crianças, alguma criança veio – tá no colo da mamãe, do papai... a família – uma salva de palma às crianças, à família (IMAGEM DE CRIANÇAS). E nós iniciamos essa missa em nome do pai, do filho e do espírito santo. A graça de nosso senhor Jesus Cristo, o amor do pai, a comunhão do espírito santo estejam com todos vocês.

Padre Marcelo e os presentes: Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

Dom Fernando: Colocamo-nos no coração bondoso, Deus é bondade, não se esqueçam jamais. Ele nos toca, Ele nos faz criaturas de Deus, de amor, de bondade e por isso, com confiança, pedimos perdão dos nossos pecados dizendo:

Dom Fernando e Padre Marcelo: Confesso a Deus todo poderoso e a vós, irmãos e irmãs, que eu pequei muitas vezes, por pensamentos e palavras, atos e omissões por minha culpa, minha tão grande culpa e peço à virgem Maria, aos anjos e santos e a vós, irmãos e irmãs que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor.

Dom Fernando: Deus todo poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

Plateia: Amém!

Dom Fernando: Senhor, tende piedade de nós.

Padre Marcelo e os presentes: Senhor, tende piedade de nós.

Dom Fernando: Cristo, tende piedade de nós.

Padre Marcelo e os presentes: Cristo, tende piedade de nós.

Dom Fernando: Senhor, tende piedade de nós.

Plateia: Senhor, tende piedade de nós.

(MÚSICA) Padre Marcelo canta e dança – IMAGENS DOS FIÉIS E BANDA
CANTANDO EM VÁRIOS PLANOS

Padre Marcelo: Hoje é dia do anjo da guarda.

Dom Fernando: Oremos. Oh, Deus eterno e todo poderoso, que concedei-nos no vosso imenso amor de pai, mais do que merecemos e pedimos, derramais sobre nós a vossa misericórdia, perdoando o que nos pesa na consciência e dando-nos mais do que ousamos pedir, por nosso senhor Jesus Cristo, vosso filho, na unidade do espírito santo.

Padre Marcelo e presentes: Amém!

Padre Marcelo: Sentados aqueles que podem. Liturgia da palavra. Vamos escutá-la.

Oradora: Leitura da segunda carta de São Paulo a Timóteo. Caríssimo, eu exorto-te a reavivar a chama do dom de Deus que recebeste pela imposição das minhas mãos, pois Deus não nos deu um espírito de timidez, mas de fortaleza, amor e sobriedade. Não te envergonhes do testemunho de nosso senhor, nem de mim, teu prisioneiro, mas sofre comigo pelo evangelho fortificado pelo poder de Deus. Usa um compêndio das palavras

sadias que de mim ouviste em matéria de amor em Cristo Jesus. Guarda o precioso depósito com a ajuda do espírito santo que habita em nós. Palavra do senhor.

Plateia: Graças a Deus! (PANORÂMICA)

MÚSICA – PADRE MARCELO CANTA E RESSALTA ALGUMAS PALVRAS DA MÚSICA. IMAGENS DE UMA IMAGEM DE MARIA COM JESUS CRIANÇA NO COLO.

Padre Marcelo: Pra você que vai ligando o televisor, que Deus mande bênçãos. Ligaram pra você? Acompanhe a missa.

Padre Marcelo: Amados, que o senhor esteja convosco.

Plateia: Ele está no meio de nós.

Padre Marcelo: Proclamação do santo evangelho de nosso senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas. Naquele tempo, os apóstolos disseram ao senhor: aumenta a nossa fé. O senhor respondeu: se vós tivésseis fé, mesmo pequenina como um grão de mostarda, poderíeis dizer a esta amoreira: arranca-te daqui e planta-te no mar e ela vos obedeceria. Se algum de vós tem um empregado que trabalha a terra ou cuida dos animais, por acaso vai dizer-lhe, quando ele volta do campo, vem depressa pra mesa? Pelo contrário, não vai dizer ao empregado ‘prepara-me o jantar, cingi-te, serve-me enquanto eu como e bebo? Depois disso tu poderás comer e beber. Será que vai agradecer o empregado porque fez o que havia mandado? Assim também vós quando tiverdes feito tudo que vos mandaram, dizei: somos servos inúteis. Fizemos o que devíamos fazer. Palavra da salvação.

(MÚSICA) Padre canta enquanto pontua a música com palavras-chave sobre a igreja.

Dom Fernando, Padre Marcelo e presentes: (Oração ave-maria)

Dom Fernando: Nossa senhora mãe de Deus, rogai por nós.

Dom Fernando: qual a mensagem central do evangelho? Olha, quem acertar ganha um presente do padre, hein?! Uma macarronada, creio (risos), mas qual a mensagem central do evangelho? Jesus anuncia o reino de Deus. Presença do amor misericordioso do pai. Jesus é misericórdia. Jesus é a fonte da misericórdia, por isso, ele nos anuncia o reino de Deus e para fazer parte do reino de Deus nós somos convocados à fé. Uma fé inabalável em Jesus. Cremos em Jesus. Por isso eu pergunto a vocês: nós que aqui estamos cremos em Jesus? Cremos ou não? E os apóstolos diziam, acabamos de ouvir no evangelho, o que eles pediam? Aumentai a nossa fé. É o que nós queremos, que a fé aumente, cresça. Jesus não nega, mas Jesus coloca uma exigência (PAUSA). Qual seria? Que não seja arrogante, portanto não sejamos arrogantes mas, diz ele, humildes no serviço generoso, gratuito aos nossos irmãos e irmãs. É isto. Tão simples. Nós então nos colocamos a serviço de nossos irmãos, de nossas irmãs e aí então esse amor misericordioso de Deus estará presente e agindo em nossa vida e aí se realiza aquelas palavras maravilhosas de Jesus. Essas palavras se realizam na sua vida, na nossa vida, tornamo-nos novas criaturas. Tornamo-nos aqueles novos filhos de Deus, aqueles que nascem do alto, que nascem de Deus e começamos a ser uma presença de esperança, de alegria, de vida nova onde quer que estejamos. Você também é sinal da misericórdia de Jesus. Isto que o evangelho nos conduz, nos fala. É isso que Jesus deseja que sejamos – e vamos ser – no serviço, na disponibilidade, abrindo o coração para os outros, sermos presença da misericórdia de Deus. Queremos ser presença dessa misericórdia? Queremos ou não?

Plateia: Queremos!

Dom Fernando: comecemos imediatamente em cada instante da nossa vida e Jesus está, sem dúvida, derramando graças e bênçãos na sua vida e na sua família. A ele, uma salva de palmas.

PROGRAMA “SANTA MISSA COM PADRE MARCELO”**TERCEIRO PROGRAMA: 09/10/2016****LINK:** <https://www.youtube.com/watch?v=G6W8zg9FpkQ&t=24s>

(PANORÂMICA) Padre Marcelo: Bom dia! Ao vivo. De Brasília, seis horas e cinco minutos. Com muito carinho. Deus está aqui neste momento acolhendo nosso bispo Dom Fernando Figueiredo.

(MÚSICA) Padre Marcelo canta e fala: Você que está pela Globo uma sugestão. Horário maravilhoso. Pegue o celular, rede social, ligue pra alguém ou mande um recado. Chama essa pessoa para estar conosco. A missa está começando. Santa Missa em seu lar. Lembrando hoje Santa Terezinha. Não esqueça a rosa, hein?! Como muitos infelizmente sofreram no Haiti ou mesmo até nos Estados Unidos. Quanto sofrimento, mas Deus nos quer sorrindo. (IMAGENS EM PLANO MAIS APROXIMADO DE FIÉIS)

Padre Marcelo: Dom Fernando, olha quantas caras novas. Bom dia!

Dom Fernando: Bom dia! E vendo os que aqui estão para esta celebração, também temos aqui também os amigos Cícero, dona Maria e, se não me engano, há alguém que tem 74 anos de matrimônio. Mas vai ser surpresa. No final. Uma salva de palmas. Tem também a minha irmã...

Padre Marcelo: Dona Lourdinha, 91anos, um beijo no seu coração. Uma salva de palmas. Ela está lá pela EBC acompanhando...

Dom Fernando: A minha irmã está em Curitiba.

Padre Marcelo: Mãe dele. Madrinha e irmã, mãe dele, não é?!

Dom Fernando: É uma grande alegria. Eu estive lá, fiquei uns dias com a Lourdinha, fiquei lá em Curitiba. 91 anos. Tá vendo? Que beleza! Está lá, firme e lúcida. Que Deus a abençoe. Portanto, não ponha limites nunca à misericórdia de Deus, pois posso chegar aos 130 (risos)...

Padre Marcelo: 150. Matusalém.

Dom Fernando: Quem está aqui pela primeira vez levante o braço. Olha quantos aproveitando o feriado de Nossa Senhora Aparecida.

Padre Marcelo: Que bênção!

Dom Fernando: Os que vieram constantemente ao santuário? Os que costumam vir? Que Deus os abençoe e projeta! Crianças... Podem levantar as crianças? Pequenas no colo da mamãe, quase no colo do papai... Uma salva de palmas à família (IMAGENS DE CRIANÇAS SENDO LEVANTADAS). E nós, unidos, iniciamos a missa em nome do pai, do filho e do espírito santo...

Padre Marcelo e plateia: Amém!

Dom Fernando: A graça de nosso senhor Jesus Cristo, o amor do pai, a comunhão do espírito santo estejam com todos vocês.

Padre Marcelo e plateia: Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

Dom Fernando: Colocados no coração amoroso e misericordioso de Deus pedimos perdão (bate no peito) dos nossos pecados dizendo:

Padre Marcelo, Dom Fernando e plateia: Confesso a Deus todo poderoso e a vós, irmãos e irmãs, que pequei muitas vezes, por pensamentos e palavras, atos e omissões, por minha culpa, minha tão grande culpa e peço à virgem Maria, aos anjos e santos e a vós, irmãos e irmãs, que rogueis por mim a Deus, nosso senhor. Deus todo poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

Padre Marcelo e plateia: Amém!

Dom Fernando: Senhor, tende piedade de nós.

Padre Marcelo e plateia: Senhor, tende piedade de nós. Dom Fernando: Cristo, tende piedade de nós.

Padre Marcelo e plateia: Cristo, tende piedade de nós.

Dom Fernando: Senhor, tende piedade de nós.

Padre Marcelo e plateia: Senhor, tende piedade de nós.

MÚSICA (Padre Marcelo canta, faz coreografia e pontua a música) PANORÂMICA E IMAGENS PRÓXIMAS DE ALGUNS FIÉIS CANTANDO E DANÇANDO. FINALIZA COM IMAGEM DE UM MEMBRO DA BANDA VISIVELMENTE EMOCIONADO.

Dom Fernando: Oremos. Sempre nos preceda e nos acompanhe a vossa graça para que estejamos sempre atentos ao bem que devemos fazer. Por nosso Senhor Jesus Cristo vosso filho na unidade do espírito santo...

Padre Marcelo e presentes: Amém!

Padre Marcelo: Sentados aqueles que podem. Liturgia da palavra. Vamos escutá-la. Sílvia...

Sílvia: Leitura da segunda carta de São Paulo a Timóteo. Caríssimo! Lembra-te de Jesus Cristo, da descendência de Davi, ressuscitado dentre os mortos, segundo o meu evangelho. Por ele, eu estou sofrendo até as algemas como se eu fosse um malfeitor, mas a palavra de Deus não está algemada. Por isto, suporto qualquer coisa pelos eleitos para que eles também alcancem a salvação que está em Jesus Cristo com a glória eterna. Merece fé esta palavra: se com ele morremos, com ele viveremos. Se com ele ficamos firmes, com ele reinaremos. Se nós o negarmos, ele também nos negará. Se lhe somos fiéis ele permanece fiel, pois ele não pode negar-se a si mesmo. Palavra do senhor.

Padre Marcelo, Dom Fernando e plateia: Graças a Deus! (aplausos)

MÚSICA: PADRE MARCELO CANTA. IMAGENS PANORÂMICAS E DE FIÉIS CANTANDO.

Padre Marcelo: O senhor esteja convosco.

Plateia: Ele está no meio de nós!

Padre Marcelo: Proclamação do santo evangelho de nosso senhor Jesus Cristo segundo São Lucas.

Plateia: Glória a vós, senhor!

Padre Marcelo: Aconteceu que caminhando para Jerusalém, Jesus passava entre a Samaria e a Galileia. Quando estava para entrar num povoado, dez leprosos vieram ao seu encontro, pararam à distância e gritaram: Jesus, mestre, tem compaixão de nós. E ao vê-los, Jesus diz: Ide, apresentai-vos aos sacerdotes. Enquanto caminhavam, aconteceu que ficaram curados. Um deles, ao perceber que estava curado, voltou glorificando a Deus em voz alta, atirou-se aos pés de Jesus com o rosto por terra e lhe agradeceu. E esse era um samaritano. Então Jesus lhe perguntou: não foram os dez curados? E os outros nove, onde estão? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus a não ser esse estrangeiro? E disse-lhe: levanta-te e vai. Tua fé te salvou. Palavra da salvação.

Plateia: Glória a vós, senhor.

Padre Marcelo: Nosso bispo Dom Fernando nos abençoe com a palavra.

MÚSICA (Padre diz que a música é em homenagem a Nossa Senhora Aparecida)

ORAÇÃO AVE MARIA

Dom Fernando: Nossa Senhora mãe de Deus.

Padre Marcelo e plateia: Rogai por nós.

Dom Fernando: Dez hansenianos, leprosos, aproximam-se de Jesus. Naquela época, eles eram excluídos da comunidade. Hoje há cura, o que não acontecia então. Eles se sentiam como ovelha sem pastor. Ninguém, por causa de manchas do corpo ou da alma. Ninguém é rejeitado por Jesus. Que beleza! Quando meditamos sobre isso... uma estrada... talvez poeirenta... um jovem caminha. Uma campainha tocando, soando, as pessoas iam à esquerda ou à direita. Era um leproso que se aproximava. O jovem não! Ele continua, vai ao encontro daquele homem. E ele não só vai ao encontro. Ele o abraça. Ele o beija em sua face. (IMAGEM DE UMA MÃE COM BEBÊ DEITADO EM SEU COLO). Sua vida se transforma. Aquele jovem é outro. Chama-se Francisco de Assis. E aí então ele é capaz de abraçar a todos. Ele é irmão de cada qual. Aquele homem curado – acabamos de ouvir – volta a Jesus, agradecido e ele é fortalecido na fé. Francisco é fortalecido no seu interior, renovado, e ele ama a todas as criaturas. E aquele homem também está em comunhão com Deus e em Deus ele está integrado à comunidade. A todos. Francisco ama cada qual. Ama e respeita a natureza. Canta louvores ao Senhor. Vamos também nós, vencer a nós mesmos, como Francisco, e aí iremos abraçar a todos. Estaremos estabelecendo comunhão, unidade entre todos no respeito profundo à natureza. E por tudo isso agradecemos a Jesus. A ele uma salva de palmas.

(PANORÂMICA)